

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA E
METODOLOGIA DA CIÊNCIA**

UMA ABORDAGEM COGNITIVA DO RISO

ALESSANDRO BENDER VERRONE

SÃO CARLOS 2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA E
METODOLOGIA DA CIÊNCIA**

ALESSANDRO BENDER VERRONE

UMA ABORDAGEM COGNITIVA DO RISO

*Trabalho apresentado no programa de
pós-graduação em Filosofia e Metodologia
da Ciência da Universidade Federal de
São Carlos como requisito parcial para
a obtenção do título de Mestre em Filosofia*

**Orientação: Prof. Dr. João de Fernandes
Teixeira**

SÃO CARLOS 2009

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

V558ac

Verrone, Alessandro Bender.

Uma abordagem cognitiva do riso / Alessandro Bender
Verrone. -- São Carlos : UFSCar, 2009.
83 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2009.

1. Riso. 2. Freud, Sigmund, 1856-1939. 3. Bergson, Henri
Louis, 1859-1941. 4. Cognição. 5. Ciência cognitiva. I. Título.

CDD: 152.4 (20^a)

ALESSANDRO BENDER VERRONE

UMA ABORDAGEM COGNITIVA DO RISO

Dissertação apresentada a Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

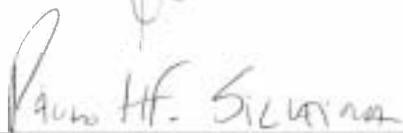
Aprovado em 06 de março de 2009

BANCA EXAMINADORA

Presidente _____
(Dr. Mark Julian Richter Cass)



1º Examinador _____
(Dr. Paulo Henrique Fernandes Silveira – USJT)



2º Examinador _____
(Dr. João Ribeiro de Almeida Borba – FASP)



AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor e mestre, Dr. João de Fernandes Teixeira pelo constante apoio e orientação precisa desta pesquisa.

À minha mãe, Flora Christina Bender, que me ensinou o prazer que é estudar, pesquisar e ser curioso.

As minhas filhas, Luisa e Isabel, e a minha esposa, Maria Teresa, pelo apoio e paciência que tiveram nos momentos em que precisei de silêncio e concentração para desenvolver este trabalho.

Ao colegiado e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar.

E por fim, à minha avó, Eugênia, e meu avô, Cícero (*in memoriam*), que moram no meu coração.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAP. 1 – O RISO, DE BERGSON | 5 |
| 1 – DA COMICIDADE EM GERAL/ AS COMICIDADES DAS FORMAS E MOVIMENTOS/FORÇAS DE EXPANSÃO DA COMICIDADE..... | 6 |
| 1.1 – O HUMANO..... | 6 |
| 1.2 – FORMAS E MOVIMENTOS..... | 7 |
| 1.3 - FORÇAS DE EXPANSÃO DA COMICIDADE | 7 |
| 1.4 – PONTOS FUNDAMENTAIS DE COMICIDADE | 8 |
| - O cômico é inconsciente | 8 |
| - Tensão e Elasticidade | 9 |
| - Tensão+Elasticidade X Automatismo+Rigidez | 9 |
| - O riso como Gesto Social | 10 |
| - Como Bergson define este Gesto Social? | 11 |
| 1.5 – MECANICIDADE E REPETIÇÃO | 12 |
| - O que o outro não reconhece como humano | 12 |
| - Estranhamento Absoluto – Incompreensão..... | 13 |
| - Estranhamento Relativo – Hostilidade | 14 |
| - Estranhamento Moderado –Rir de Alguém – Riso Bergsoniano | 14 |
| - Identificação Moderada – Rir com Alguém – Tendência e busca por Empatia ... | 14 |
| - Identificação Absoluta – Rir com Alguém – Empatia Absoluta | 14 |
| 1.6 – MARIONETES | 15 |
| 1.7 – SUSPEIÇÃO PELA REPETIÇÃO | 16 |
| 1.8 – DISFARCE | 17 |
| 2 – A COMICIDADE DE SITUAÇÃO E A COMICIDADE DE PALAVRAS | 18 |
| 2.1 – SITUAÇÕES E PALAVRAS | 18 |
| 2.2 – RISO, MEMÓRIA E INFÂNCIA | 18 |
| 2.3 – DETALHAMENTO DA COMICIDADE DE SITUAÇÕES E PALAVRAS..... | 20 |
| - A caixa de surpresas | 20 |
| - O fantoche e seus cordões | 20 |
| - A bola de neve | 21 |
| - Repetição, inversão e interferência das séries | 23 |
| - Repetição | 23 |
| - Inversão | 24 |
| - Interferência das séries | 24 |
| - Construção de frases | 25 |

| | |
|--|----|
| 3 – COMICIDADE DE CARÁTER | 25 |
| 3.1 – ISOLAMENTO..... | 25 |
| 3.2 – ARTE E COMÉDIA..... | 26 |
| 3.3 – A VAIDADE..... | 26 |
| 3.4 – OS OFÍCIOS – PAPÉIS SOCIAIS..... | 27 |
| 3.5 – RISO E SONHO..... | 27 |
| | |
| 4 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O RISO, DE BERGSON | 28 |
| 4.1 – O TEATRO, O CINEMA E O RISO – O ENTRETENIMENTO CÔMICO..... | 28 |
| 4.1.1 – Riso e Sociedade..... | 28 |
| 4.1.2 – O Teatro..... | 31 |
| 4.1.3 – A relação com a platéia..... | 33 |
| 4.1.4 – Quando se ri sozinho..... | 34 |
| 4.1.5 – Questões históricas e de contexto na comediaturgia e nos entretenimento cômico..... | 34 |
| 4.1.6 – O surgimento do Cinema..... | 36 |
| | |
| CAP.2 ANALISANDO O RISO E O RISÍVEL EM “OS CHISTES E SUAS RELAÇÕES COM O INCONSCIENTE” DE SIGMUND FREUD | 37 |
| | |
| INTRODUÇÃO..... | 37 |
| 1 - O QUE É CHISTE?..... | 40 |
| 2 – UM DENOMINADOR ENTRE OS CHISTES..... | 42 |
| 3 - DEFINIÇÕES TÉCNICAS DE CHISTES..... | 43 |
| 4 - MECANISMOS DE EFEITOS DE PRAZER..... | 46 |
| 5 - CHISTES TENDENCIOSOS..... | 48 |
| 6 – SMUTS..... | 49 |
| 7 - O CHISTE ALÉM DO PRAZER..... | 50 |
| 8 – CHISTES INOCENTES..... | 52 |
| 9 - ECONOMIA NA DESPESA PSÍQUICA..... | 53 |
| 10 - CHISTES E SONHOS..... | 55 |
| 11 - CHISTES, CÔMICO E HUMOR..... | 57 |
| | |
| CAP.3 – RISO, EVOLUÇÃO E COGNIÇÃO | 59 |
| 3.1 – O PRAZER..... | 59 |
| 3.1.1 – Predisposição para a risada..... | 61 |
| 3.1.2 – Piadas ao redor do mundo..... | 63 |
| 3.1.3 –A troca de prazer através do chiste – um importante subproduto ou o real objetivo? | 66 |
| 3.2 – O RISO É PARTE DO UNIVERSO DOS JOGOS? HÁ CUMPLICIDADE NOS PAPÉIS EXERCIDOS PARA A SUA OBTENÇÃO?..... | 67 |
| 3.3 – A FELICIDADE E O RISO | 68 |

| | |
|--|-----------|
| 3.4 - O RISO SOCIAL..... | 71 |
| 3.4.1 – Riso e Humor | 71 |
| 3.4.2 – Riso: A Evolução do <i>Grooming</i> ?..... | 73 |
| 3.5 – RISO E SEDUÇÃO | 75 |
| 3.6 – A DESCOBERTA DO NEURÔNIO ESPELHO | 77 |
| 3.7 – CONCLUSÃO | 80 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 82 |

O riso é o espirro do cérebro
Albert Einstein

RESUMO

A pesquisa é uma investigação sobre o fenômeno do Riso, partindo dos estudos de Henri Bergson e Sigmund Freud até as pesquisas atuais da neurociência, da gelotologia e dos variados estudos sobre o comportamento humano.

Para compreender melhor o Riso, é feita uma avaliação detalhada do livro “O Riso”, de Henri Bergson, buscando compreender as considerações fundamentais estabelecidas pelo autor, na sua interpretação deste fenômeno como um Gesto Social e todas as implicações que derivam deste fato.

No segundo capítulo deste estudo é analisado com detalhes “O Chiste e sua relação com o Inconsciente”, de Sigmund Freud, comparando as abordagens de Freud e Bergson e analisando os mecanismos propostos por Freud para o funcionamento do chiste e quais as razões pelas quais eles seriam contados. A leitura e análise deste livro são dirigidas especificamente ao estudo do Riso, deixando de abordar outros aspectos, importantes para a leitura da obra de Freud como um todo, mas que desviariam o foco deste trabalho. Todo o esforço foi dedicado à compreensão dos mecanismos do chiste estudados por Freud e das formas de obtenção de prazer através deles.

Ao final, pesquisas atuais são estudadas, como as do Laboratório do Riso de Richard Wiseman, que realizou uma pesquisa mundial sobre quais seriam as piadas consideradas mais engraçadas pelas pessoas. Investiga-se também o papel dos neurônios-espelho, importante descoberta que permite uma visão mais clara sobre comportamentos sociais de humanos e primatas. A possibilidade de o riso ser um comportamento semelhante ao *grooming* dos primatas também é levantada, já que ambas seriam trocas de prazer entre indivíduos visando um benefício dentro do grupo. Nesta linha, é apresentado um estudo que define o riso como uma característica específica do gênero masculino, que usaria o recurso para aproximação da fêmea visando acasalamento.

Não há um resultado conclusivo, não há uma palavra final sobre o Riso, pois se torna claro que em muitas circunstâncias o termo abarca fenômenos semelhantes, mas não exatamente iguais. Da mesma maneira que existem múltiplos risos, também existem múltiplas áreas que estudam as distintas variações do Riso.

Palavras-chave: Riso, Chiste, Piada, Humor, Prazer, Gesto Social, Neurônio-espelho, Ciências Cognitivas, Grooming, Sigmund Freud, Henri Bergson.

ABSTRACT

The research is an investigation about the phenomenon of the Laugh, from the studies of Henri Bergson and Sigmund Freud up to today's research on neuroscience, gelotology and several other studies on human behaviour.

In order to better understand the Laugh, an accurate evaluation of the book "Laughter: An Essay on the Meaning of the Comic", by Henri Bergson is made as an attempt to better understand the main considerations set by the author, in his interpretation of this phenomenon as a Social Gesture and all the implications originated by such fact.

In the second chapter of this study, "Jokes and their Relation to the Unconscious", by Sigmund Freud, are closely analyzed in details, comparing Freud's and Bergson's approaches and analyzing the mechanisms proposed by Freud concerning the way the Joke works, pointing out the reasons why they would be told to others. The reading and analysis of this book are directed specifically to the study of the Laugh, not approaching any other aspect, relevant to the reading of Freud's work as a whole, which however, would deviate the focus of this work. All the efforts were dedicated to the comprehension of the jokes' mechanisms studied by Freud as well as ways to obtain pleasure through them.

At the end updated research is verified, such as the one from Richard Wiseman's Laugh Laboratory, that accomplished a worldwide research selecting which would be considered the funniest jokes by people.

Also as an object of study there is the role of the mirror-neurons, an important finding that allows a clearer vision about primates and human's social behaviors. The possibility of the laughter to be a behaviour similar to the grooming of the primates is also raised, since both would be related to the exchange of pleasure among individuals viewing the benefit of the group. Following this line, a study is presented defining the laughter as a specific characteristic of the male gender, who would use this feature as an approach aiming at attracting a mate. There isn't a conclusive result, there is not a final word about the laughter because it is clear that in many circumstances the term ranges similar phenomena, which are not exactly the same. In the same way that there is multiple laughter, there are multiple areas that study the distinct variations of the Laugh.

Key-words: Laughter, Joke, Humour, Pleasure, Social Gesture, Mirror-Neuron, Cognitive Sciences, Grooming, Sigmund Freud, Henri Bergson.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação pretende realizar uma abordagem cognitiva do riso, do chiste (enquanto sinônimo de piada ou do que é chamado popularmente de “tirada”), do cômico e do humor, visando compreender o riso e seu papel social a partir dos estudos de cientistas e pensadores de áreas diversas, enfocando dois em especial: Henri Bergson e Sigmund Freud. Será realizada uma análise detalhada de duas obras destes autores que tratam de temas relacionados ao riso e ao risível. De Sigmund Freud será estudado “Os Chistes e a sua relação com o Inconsciente”, e de Henri Bergson “O Riso – Ensaio sobre a significação da Comichidade”.

Cada um dos livros ocupará um capítulo desta tese. Os conceitos de Bergson - e posteriormente de Freud - serão apresentados e analisados à luz das novas pesquisas na área de Neurociência, da Primatologia e da Gelotologia (ciência que estuda o riso). No terceiro capítulo serão detalhadas as pesquisas atuais sobre o riso e o risível, e será possível obter uma visão mais ampla do riso enquanto fenômeno característico da evolução humana, usado para fortalecer alianças através da troca de prazer entre componentes de um grupo social entre outros aspectos.

É importante notar também que a proposta deste estudo é analisar o riso. O objeto de análise não é a obra específica de Sigmund Freud nem de Henri Bergson, mas sim seus estudos relacionados ao riso, ao risível, ao cômico no sentido de comichidade e ao papel social do riso.

Pretende-se, assim, centralizar todos os esforços no estudo das bases cognitivas e evolutivas do riso.

Em alguns momentos serão analisados fatores, questões e cenários que não foram especificamente abordados pelos autores em suas obras. Isto terá uma razão: Salientar a relevância nas obras de Henri Bergson e Sigmund Freud na compreensão da comichidade, do riso e do chiste. Muitos dos conceitos e abordagens apresentadas por eles ainda são importantes para um estudo aprofundado do riso e do risível, e muitos dos conceitos que os dois elaboraram são aplicáveis em situações que não existiam na época em que seus livros foram escritos.

Até o século XIX o estudo do riso e do risível era atividade filosófica ou, ampliando um pouco, uma atividade realizada dentro das áreas de Humanidades. A partir da metade do século XIX o riso passa a ser investigado também na área da fisiologia. Freud é um importante pesquisador nesta busca “científica” pelas bases mentais e neurais do riso.

Do século XIX para o fim do século XX gradativamente o estudo do riso desloca-se do universo filosófico para o universo científico. Num primeiro momento mais suposições que constatações são apresentadas, mas gradativamente - com o progresso

tecnológico e com pesquisas mais consistentes - começam a surgir informações sobre como o cérebro processa o riso, quais áreas estão envolvidas, em que situações o riso é ativado, entre outras.

Em paralelo a isto, surgem pesquisadores do comportamento animal que buscam compreender as relações sociais de formigas, primatas, abelhas, suricates. Por comparação eles começam a obter importantes reflexões sobre a importância evolutiva de determinados comportamentos sociais, semelhanças e diferenças de comportamentos nos seres humanos. Surgem a sociobiologia, a etologia, e outros ramos do conhecimento dedicados à compreensão do comportamento social.

Em pesquisas com mamíferos, em especial primatas, o riso passa a ser estudado, e surgem investigações específicas do papel social do riso.

Seria prematuro concluir se o riso deixou ou não de ser uma questão plenamente filosófica e passou a ser uma questão plenamente científica. Acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos de Bergson e Freud sobre o tema é ver a Filosofia passando a conviver com a Ciência nesta questão.

Outro aspecto a ser considerado é que a sociedade sofreu mudanças significativas desde a época de Freud e Bergson. Novas tecnologias surgiram, o entretenimento cômico se tornou uma manifestação global, novas mídias geraram novos formatos e outras questões relativas ao riso surgiram e ainda vão surgir.

Esta análise será apresentada em três capítulos:

➤ **O Riso, de Bergson** – O primeiro capítulo analisará detalhadamente esta obra de Bergson, observando e pontuando as características fundamentais desta obra para a compreensão do riso enquanto fenômeno, seu papel social, as possíveis aplicações do pensamento de Bergson frente às novas tecnologias e ao novo contexto social pós-Internet e suas implicações em relação à expansão do entretenimento cômico na sociedade atual.

➤ **Os Chistes, de Freud** – O segundo capítulo analisará detalhadamente esta obra de Freud, visando compreender melhor as categorizações dos Chistes segundo o autor, os processos mentais relacionados à construção e manifestação do chiste e do riso, o papel social do riso e sua relação com o universo onírico e o inconsciente. Esta análise será pontuada por dados de pesquisas recentes que corroboram ou contradizem o modelo de Freud, permitindo uma visão mais acurada da perenidade de conceitos freudianos relacionados ao riso.

➤ **Riso e Cognição** – O terceiro capítulo apresentará informações de pesquisas recentes que permitem compreender quais são as bases neurais do riso, como funcionam os processos cômicos, quais são as hipóteses levantadas para o funcionamento cerebral que gera o riso, quais são as prováveis origens evolutivas do riso e sua importância para a convivência social.

Não há, obviamente, uma pretensão de extinguir o tema, inclusive pelo fato de que as pesquisas atuais não oferecem apenas um caminho, mas sim vários, e nem todos no mesmo sentido ou concordantes entre si.

É possível ter uma visão completa do cenário do riso sem uma análise mais aprofundada da relação destes dois livros de Freud e Bergson contextualizando-os na obra completa dos autores. Como já foi citado anteriormente, não há neste estudo a pretensão de estudar as obras de Freud e de Bergson, mas sim obter dados e questionamentos relevantes levantados por ele na busca por uma compreensão das bases cognitivas do riso. Estudar a relação do conceito de comicidade na obra de Bergson ou do chiste na obra de Freud não é o propósito deste trabalho.

A análise que será realizada de “O Riso” de Bergson não contextualizará esta obra dentro do pensamento do autor como um todo. Ao contrário, buscará elementos em Bergson para poder compreender o fenômeno riso. Da mesma maneira acontecerá com “Os Chistes” de Freud.

A pesquisa sobre o riso não é simples, a começar pelo próprio fato de termos poucas obras dedicadas especificamente ao assunto. Na verdade, o que vemos é uma abordagem indireta ou secundária do riso e da comicidade. Há poucos autores que se dedicam exclusivamente ao riso. Mas vários pensadores trataram do riso e da comédia em algum momento de seu trabalho. Aristóteles, Demócrito, Hobbes, Kant, Pascal, Schopenhauer e outros tantos abordaram o riso e/ou a comédia.

Na pesquisa científica o interesse pelo riso é relativamente recente. A Gelotologia, área de pesquisa específica sobre o riso já existe enquanto disciplina, mas as informações ainda são escassas.

Existe uma produção acadêmica anterior a Freud, que é bastante citada nos primeiros capítulos de O Chiste. Autores como Theodor Vischer, Kuno Fischer e Theodor Lipps escreveram obras que se propunham a analisar o cômico e a comicidade. Lipps, em especial, se apresentará como importante influência na obra de Freud. Basta comentar que Lipps foi o primeiro autor a citar o termo Inconsciente, e Freud desenvolverá bastante este conceito em sua obra. Lipps também foi o primeiro autor a usar o termo Empatia, que será importante para podermos analisar o riso e a comicidade.

Mas a grande maioria de referências sobre o riso se perde num intervalo do final do Século XIX até o final do Século XX, quando surgem pesquisas com novas tecnologias, como a ressonância magnética que permitem uma visão mais detalhada dos processos mentais e neurológicos.

É justamente neste intervalo que surge uma revolução na comunicação e no entretenimento de massas: A tecnologia aumenta o poder de disseminação da informação, e a comédia, antes restrita ao teatro, ao circo e à literatura – além obviamente das situações de comicidade do cotidiano, passa a ter uma penetração muito mais intensa e ampla através do Cinema, do Rádio, da Televisão e da Internet. Estes novos meios moldarão um novo

contexto onde a comicidade se manifestará e que será importante entender o funcionamento.

Outras pesquisas importantes se fortalecem no meio do século XX, em especial a Primatologia. Com as pesquisas mais detalhadas sobre estes parentes próximos na evolução pode-se compreender melhor o comportamento humano e descobrir que muito do que se pensa ser próprio do ser humano parece estar presente em vários mamíferos. A organização dos seres humanos em grupos, estruturas e códigos sociais estão sendo avaliados sob nova perspectiva no momento. E a maneira humana de se relacionar e conviver pode ser comparada com as organizações sociais de animais como suricates, lêmures, macacos rhesus, babuínos, chimpanzés, bonobos e gorilas. Isto permitiu que se trouxesse a luz códigos de conduta social básicos, talvez até anteriores à linguagem.

Se for possível através deste trabalho obter uma melhor compreensão dos conceitos de Bergson e Freud sobre o riso e a comicidade, e que isto aconteça embasado nas - e a partir das - reflexões destes dois pensadores, e se pudermos analisar o quanto temos de consistência nas suas obras a partir das novas pesquisas realizadas do final do Século XX até o presente momento, o autor se considerará satisfeito de sua empreitada.

Alessandro Bender
Março de 2009

Cap. 1

O RISO, DE BERGSON

“Deverá (a comicidade) ser profunda, para fornecer à comédia um alimento duradouro, mas também superficial, para permanecer no tom da comédia, invisível para quem a possui, pois a comicidade é inconsciente, visível para o restante do mundo a fim de provocar o riso universal, cheia de indulgência para consigo mesma a fim de ostentar-se sem escrúpulo, constrangedora para os outros a fim de que eles a reprimam sem piedade, corrigível imediatamente para que não seja inútil rir dela, segura de renascer sob novos aspectos para que o riso sempre tenha o que trabalhar, inseparável da vida social, ainda que insuportável para a sociedade, capaz, enfim, para assumir a maior variedade imaginável de formas, de somar-se a todos os vícios e mesma a algumas virtudes”. Pg. 128

O livro de Bergson é uma compilação de três artigos publicados na *Revue de Paris*:

- I. Da comicidade em geral/a comicidade das formas e a comicidade dos movimentos/forças de expansão da comicidade
- II. A comicidade de situação e a comicidade de palavras
- III. A comicidade de caráter

Apesar da inicial estrutura de artigos, o conjunto apresenta uma abordagem “fechada”, isto é, há complementaridade de pensamentos e seqüencialidade nos raciocínios. Só é perceptível que os textos foram escritos para funcionarem de maneira autônoma quando alguns conceitos são novamente apresentados e abordados, gerando uma leve sensação de redundância. Mas isto de maneira nenhuma compromete a proposta e os resultados do livro como um todo.

A seqüência de artigos/capítulos sugere uma ampliação gradual da amplitude da proposta essencial de Bergson. Inicialmente ele apresenta a aplicação de seu conceito essencial de comicidade e do risível dentro de uma situação específica (que será apresentada em breve neste trabalho), e nos artigos/capítulos posteriores sua análise se amplia para novas situações não incluídas neste primeiro momento.

Como poderá ser vislumbrado nesta dissertação, Bergson desenvolve uma clara e precisa conceituação das razões do riso e do risível, que poderá ser aplicada em várias

situações, inclusive em algumas que surgiram após a finalização de sua pesquisa. Há a possibilidade de utilizar os princípios básicos e fundamentais apresentados neste livro em situações que sequer existiam na época do autor.

Mas existem também questões pontuais nesta obra de Bergson que podem e devem ser questionadas. Estes comentários e análises estarão presentes no decorrer deste estudo, visando compreender o universo de aplicação de seus conceitos, quais os limites das possíveis aplicações.

1 - Da comicidade em geral / a comicidade das formas e a comicidade dos movimentos/forças de expansão da comicidade

1.1 - O Humano

“Numa sociedade de puras inteligências provavelmente não mais se choraria, mas talvez ainda se risse”. Bergson, Pg. 3

Segundo Bergson, há algo de definitivamente humano no riso. Tudo o que é risível está relacionado - de alguma maneira - ao que é próprio do ser humano. Um cachorro ou um objeto inanimado não seria risível se não lembrasse ou remetesse a algo que seja próprio da humanidade.

Mas o que é este “humano” a que Bergson se refere? Por ser um termo bastante amplo e que pode significar muitas coisas, é conveniente tentar restringir aos aspectos específicos que o autor pode estar se referindo.

No primeiro capítulo de “O Riso”, Bergson trata o risível como algo que está fora do indivíduo que observa o fato ou a ação. Em nenhum momento há citação ou referência ao “rir de si mesmo”. É possível pensar em rir de si mesmo, mas se houver um distanciamento do indivíduo e um tratamento de si mesmo como um “outro”. O indivíduo poderá rir de si mesmo se houver uma comparação com o outro, ou com um comportamento que deveria ser o correto, o adequado, o aceito, o esperado, o justo.

É risível aquilo que está fora do indivíduo, aquilo que ele observa nas outras pessoas ou naquilo que o rodeia. O riso seria uma manifestação relacionada a algo que está fora da pessoa.

Isto leva a uma reflexão de que o “humano” a que Bergson se refere é algo que vai além do indivíduo, mas que está restrito a um grupo específico, já que objetos inanimados e animais não-humanos só seriam risíveis quando há associação com algo que remeta à humanidade.

Bergson, já no início de seu livro trata especificamente do indivíduo humano conectado a um contexto com outros seres humanos. É do “Humano Social” a que se refere Bergson. **É dos códigos e relações entre o homem em sociedade que está sendo tratado.**

1.2 - As Formas e os Movimentos

O que são as formas e movimentos a que Bergson se refere? De maneira simplificada, poderiam ser definidos como o que é visível, a parte superficial, a manifestação de alguma ação, gesto ou movimento. É a forma do rosto ou da expressão, em contraposição à intenção que haveria “por trás” desta forma.

Bergson analisa neste momento aquilo que seria risível e cômico unicamente pela sua manifestação, por aquilo que é tangível, por assim dizer.

“As atitudes, os gestos e os movimentos do corpo humano são risíveis na exata medida em que esse corpo nos faz pensar numa simples mecânica”. Bergson pg. 22

1.3 - Força de expansão da comicidade

O autor pretende também neste capítulo abordar o processo que acontece durante a comicidade de tal maneira que imagens vão se conectando umas às outras, distanciando-se cada vez mais de um ponto de origem, “até fracionar-se e perder-se em analogias infinitamente distantes”. (pg 48)

Como Bergson mesmo comenta, este é um recurso difícil de ser encontrado em sua forma pura. Ele sempre estará relacionado a outros fatores geradores do cômico, mas ele poderia ser compreendido como uma contraposição ao cômico que é gerado pela surpresa, pelo impacto. Ao invés disto, a comicidade vai sendo construída gradualmente e distanciando-se cada vez mais do “vivo” e transformando-se em “mecânico”.

“Apenas duas vezes pude observar este tipo de comicidade em estado puro, e nos dois casos tive a mesma impressão. Da primeira vez os palhaços iam, vinham, davam-se encontrões, caíam e ricocheteavam, segundo um ritmo uniformemente acelerado, com a visível preocupação de criar um crescendo. Aos poucos perdia-se de vista que aqueles eram homens de carne e osso. Pensava-se em pacotes que deixavam cair e entrechocar-se”. Pg. 43

1.4 - Pontos fundamentais da comicidade

No primeiro capítulo de “O Riso – Ensaio sobre a Significação da Comicidade” Bergson propõe alguns pontos fundamentais que definem o cômico e a comicidade. Eles são:

➤ **O cômico é inconsciente**

Bergson apresenta logo no começo deste capítulo uma questão fundamental para a análise da comicidade:

“O cômico é inconsciente... Uma personagem de tragédia não mudará em nada a sua conduta ao saber que a julgamos, poderá perseverar nela, mesmo com a plena consciência de que é, mesmo com o sentimento nítido do horror que nos inspira. Mas um defeito ridículo, ao sentir-se ridículo, procura modificar-se, pelo menos exteriormente”... (pg. 12)

Este inconsciente citado por Bergson pode ser compreendido como um estado de distração, uma oposição ao estado de atenção que o indivíduo deveria ter para conviver em sociedade. O indivíduo não nota que está agindo de maneira cômica, gerando comicidade com seus gestos e atos. E quando isto acontece o riso se manifesta no outro, de maneira a regatar o indivíduo de sua distração/desatenção e colocá-lo novamente no estado necessário para o convívio social.

Quando Bergson cita o termo inconsciente ele não está se referindo ao conceito de Inconsciente proposto por Freud. Este inconsciente bergsoniano é uma consequência de um momento ou procedimento que este indivíduo gerou de maneira que aparenta não estar preparado para agir de acordo com uma nova situação que se apresenta e ele continua num procedimento automático, sem se dar conta disto.

De acordo com Bergson, a partir do momento em que um personagem tem consciência de sua comicidade, ele procurará modificar-se a partir da constatação de que está sendo ridículo em seus atos.

Nesta situação temos então dois elementos: Aquele que gera o riso e aquele que ri. Há um julgamento moral daquele que ri, como se o riso reforçasse quão questionável/inadequado é o comportamento daquele que gerou o riso. **O riso serve como um indicador social de um desvio de comportamento de um indivíduo e de seus atos.** Mas não todos os desvios de comportamento. Um personagem trágico também pode apresentar um desvio comportamental, mas ao ser sinalizado disto, sua maneira de agir não mudaria, segundo Bergson.

Além do riso, existiriam maneiras variadas de “alertar”, ou de apresentar um julgamento moral sobre algum ato ou conduta questionável, resgatando a “consciência” – no sentido de atenção e estado de alerta - do ato para aquele que a pratica. Poderia simplesmente ser chamada a atenção de uma pessoa que está distraída, alertando-a para o fato. Não haveria nesta atitude nenhum julgamento, mas sim um processo de comunicação que permitiria que a pessoa mudasse seu comportamento.

Também existe a possibilidade de ao invés de rir de alguém simplesmente colaborar com a pessoa. Num caso como o de um distraído que cai num buraco não há a possibilidade de rir e simultaneamente sair correndo para resgatar a pessoa. Ou se faz uma coisa ou outra.

Ao rir, a pessoa se coloca fora da situação, gerando distanciamento daquele que gerou o riso. **Há um processo de exclusão no riso.** O riso não gera o diálogo, gera uma mudança do comportamento a partir de um julgamento moral que explicita uma inadequação daquele que gerou o riso. Este ponto de vista é colocado em outro trecho de Bergson:

“Podemos dizer desde já: é nesse sentido, sobretudo, que o riso ‘castiga os costumes’. Ele nos faz tentar imediatamente parecer o que deveríamos ser, o que sem dúvida acabaremos um dia por ser de verdade”. Pg. 13

➤ **Tensão e Elasticidade**

Para a convivência em grupos, é necessário ser maleável. É preciso estar constantemente vigilante e atento para que se possa compreender e se adaptar às situações do dia-a-dia.

Bergson apresenta um contraponto:

Tensão + Elasticidade X Automatismo + Rigidez

Nas relações em sociedade é necessário atuar de maneira elástica (maleável), em estado de permanente tensão com o ambiente social.

É importante salientar que quando Bergson se refere à “tensão” não há uma conotação de “rigidez”, como poderia ser interpretado em nossa língua. Na língua portuguesa as palavras “tensão” e “rigidez” podem estar relacionadas em algumas circunstâncias, o que não é o caso dos conceitos apresentados por Bergson.

A partir do momento em que deixam de atuar duma maneira maleável, as pessoas se tornariam autômatos. Esta mecanicidade se manifestaria através de uma rigidez do indivíduo perante a situação que se coloca à sua frente.

Termos como “automatismo” e “rigidez” não podem ser imediatamente associáveis ao Humano, ou não deveriam ser. São termos que poderiam estar associados a objetos, máquinas, indústrias, procedimentos artificiais de objetos manufaturados e inanimados.

É a capacidade de adaptação, a maleabilidade perante os cenários que permite ao homem o relacionamento com o que o rodeia.

Mas há inúmeras situações em que se deixa de atuar de maneira maleável e adaptativa e passa-se a atuar mecanicamente.

Bergson explorará o conceito de Automatismo e Rigidez como um dos fundamentais em sua obra na geração do riso, do cômico. Ri-se do gesto automático, da rigidez de caráter. Ri-se do distraído, que realiza seu trajeto sem perceber o buraco no meio da rua. Mas apenas quando a empatia não é ativada o riso se manifesta. Se a situação em questão envolver a emoção, dificilmente a pessoa rirá do fato. É necessário avaliar o ponto de observação daquele que ri: Se o fato em si gerar comiseração, piedade, ternura ou qualquer variedade de emoção que aproxime o observador daquele que teoricamente seria “risível”, não será possível rir. A emoção predominará.

Se o observador não for tomado pela emoção, a rigidez será interpretada como cômica “*e o riso, seu castigo*”. (pg. 15)

➤ **O Riso como Gesto Social**

O riso, portanto, tem um papel social. Ele é característico do ser humano e tem serventia nas relações sociais. Ele é aplicado em situações de inadequação de conduta de um indivíduo em relação ao comportamento dos outros.

Em estudo sobre o papel do riso na evolução humana, Jo-Anne Bachorowski faz uma proposição interessante. De acordo com esta pesquisadora, o riso humano surgiu no processo evolutivo para a formação de alianças.

Inicialmente surgiu o sorriso, para transmitir uma postura de receptividade perante os outros. Como simular um sorriso é relativamente simples, e no processo evolutivo os indivíduos passaram a controlar a habilidade de simulá-lo, foi necessário o desenvolvimento de um sinal de receptividade mais complexo, e conseqüentemente mais

difícil de forjar. Seria necessário que existisse uma maneira mais segura de garantir a consistência da aliança desenvolvida. Teria sido assim que o riso surgiu em conjunto com suas variantes sonoras e acústicas.

Comparado com o sorriso, a risada requer uma diversidade muito maior de recursos fisiológicos, neurológicos e anatômicos, que geram uma despesa energética maior. Devido a sua maior complexidade o riso é mais difícil de simular, o que facilita na hora de detectar uma risada fingida e conseqüentemente um fingimento na hora de consolidar alianças.

“Toda rigidez do caráter, do espírito e mesmo do corpo será então suspeita para a sociedade, por ser possível sinal de uma atividade adormecida e também uma atividade que se isola, e tende a afastar-se do centro comum em torno do qual a sociedade gravita, de uma excentricidade enfim. E, no entanto a sociedade não pode intervir nisso por meio de alguma repressão material, pois ela não está sendo materialmente afetada. Ela está em presença de algo que a preocupa, mas somente como sintoma – apenas uma ameaça, no máximo um gesto. Será portanto, com um simples gesto que ela responderá. O riso deve ser alguma coisa desse tipo, uma espécie de gesto social”. Pg. 15

Como Bergson define este Gesto Social?

Bergson diz que existem exigências para viver em sociedade. Não há um contorno claro na definição de “vida” e de “sociedade” utilizados, mas é possível depreender que Bergson quer dizer que na atuação do indivíduo dentro de seu grupo social é esperada uma determinada postura, uma atitude. O indivíduo que vive em sociedade necessita agir de acordo com algumas regras tácitas para que sua “vida” em “sociedade” aconteça adequadamente.

“O que a vida e a sociedade exigem de cada um de nós é uma atenção constantemente vigilante, a discernir os contornos da situação presente, é também certa elasticidade do corpo e do espírito, que nos dê condições de adaptar-nos a ela”. (pg. 13)

É possível vislumbrar nesta frase a atenção que Bergson dará para a “distração” enquanto fator gerador de comicidade. A distração nada mais é que estar desatento, estar fora de um estado de vigília. Esta desatenção será motivo de riso, e ele será o Gesto Social indicador do indivíduo “desconectado”, por assim dizer, do estado necessário para uma convivência social.

1.5 - Mecanicidade e Repetição

“As atitudes, os gestos e os movimentos do corpo humano são risíveis na exata medida em que esse corpo nos faz pensar numa simples mecânica”. (pg. 22)

O que do Mecânico e da Repetição fazem rir? Segundo o autor, na vida não há nada que se repita. Tudo é novo, toda situação nos força a enfrentar um cenário ainda não conhecido, que deveria gerar um gesto novo. Numa lei da ação e reação onde o estímulo é sempre novo, é de se esperar que a reação também seja nova. Mas nem sempre o ser humano reage desta maneira.

Ao reagir mecanicamente e repetidamente a diferentes estímulos, o ser humano rompe com a trama social na qual está inserido e esta situação leva ao riso do outro, que o alertará deste estado.

Um exemplo clássico que poderia ser aplicado nesta situação é o de Charlie Chaplin em Tempos Modernos, quando sai da linha de produção e continua com o gesto de apertar porcas pelas ruas, até apertar os botões do vestido de uma robusta senhora que passava pela rua.

Numa outra situação possível, temos o gesto destituído de sua função ou de seu objetivo final. Na imitação e na caricaturização isto acontece com frequência. De maneira semelhante ao exemplo do Sombra, um tipo de palhaço de rua que desenvolve seu número seguindo as pessoas e imitando seu andar, seu gestual. Como o Sombra apenas imita o gesto e não sua intenção, o gesto é esvaziado e o movimento se torna mecânico, o andar aparenta ser apenas uma repetição, um cacoete.

Este conceito de Mecanicidade do gesto está bastante relacionado ao conceito de Marionete, que Bergson apresentará posteriormente em seu trabalho. Ele cita como risível o fato de observarmos uma pessoa que é conduzida como que “manipulada”, literalmente. Seus gestos refletem a falta de controle que tem de si, de sua orientação e de seu rumo.

O gesto e os movimentos que explicitam este estado de manipulação trazem o riso a tona.

➤ **O que o outro não reconhece como Humano**

É relativamente polêmica uma análise deste tema, pois ele fica sugerido durante todo o trabalho de Bergson, e em nenhum momento vem à tona, mas acho que deve ser levantada a questão do processo de reconhecimento entre pares.

Em “O Riso”, Bergson sempre toca na questão do “reconhecimento entre pares”, no limite da individuação e na questão da semelhança, quer seja na atitude, na fisionomia, na adequação/inadequação. Todos estes itens dependem de alguma maneira do processo de reconhecimento. De reconhecer no outro as características que são comuns entre os dois ou não. Daquilo que possa ser considerado um ato ou expressão de alguém que seja próximo, alguém com quem se consiga gerar um processo de identificação de alguma maneira.

Quando não há semelhança não há identificação. Se não se é parecido de alguma maneira com o outro, se não são aplicados os mesmos códigos de conduta que os do resto do grupo, se os atos entram em contradição com aquilo que se aparenta pretender com eles, surge a desconfiança e o distanciamento.

Se há profunda disparidade de intenções e de gestos indicativos, surge a hostilidade, a suspeição, o recuo, enfim, de alguma maneira o indivíduo pretenderá se preservar daquele outro que se apresenta à sua frente de uma maneira com a qual ele não se identifica ou identifica como hostil/estranha ao coletivo do qual faz parte.

Quando analisamos a proposta que Bergson traz para o riso é perceptível que ela não se aplica a uma situação de franca hostilidade. Se por um lado o riso é uma reação a um comportamento estranho, por outro lado ele não é a reação a um comportamento **absolutamente** estranho. Se assim o fosse, a rejeição aconteceria com maior grau de distanciamento e de hostilidade também.

É como se o riso bergsoniano fosse um alerta de desvio para um integrante de dentro de um coletivo, de alguém que faz parte da comunidade e alerta um companheiro de seu grupo. Este elemento não está fora da sociedade ou do grupo que age desta maneira. Ele serve como um aviso que este indivíduo está saindo do comportamento esperado por aquele grupo.

É possível então formular uma gradação que vai de uma situação de “Estranhamento Absoluto” a “Identificação Absoluta”:

➤ **Estranhamento Absoluto – Incompreensão**

O estranhamento absoluto se dá em circunstâncias em que o indivíduo não reconhece aquilo que está na sua frente. Não há como reagir a algo que simplesmente está fora do repertório de conhecimento. Não há como imaginar o inimaginável, reconhecer o irreconhecível, identificar o inidentificável. Portanto, diante do absolutamente irreconhecível não há reação possível.

➤ **Estranhamento relativo – Hostilidade**

O que acontece quando há estranhamento relativo é que é possível identificar no que está se observando algo que é reconhecível, mas simultaneamente algo que não é reconhecível. Há a semelhança apresentada em conjunto com a diferença. Quando os fatores de estranhamento predominam aos de reconhecimento, a reação é de defesa, de distanciamento, de evitar aquele que parece semelhante, mas não é completamente.

➤ **Estranhamento moderado – Rir de alguém - Riso bergsoniano**

O riso enquanto “Gesto Social” de Bergson se situaria neste patamar. Rir de alguém ou de algo que lembre alguém. O riso que alerta e pune a tendência de desvio de comportamento para convivência e vai em direção do Rígido e Automático.

➤ **Identificação Moderada – Rir com alguém – Tendência e busca da Empatia**

Este tipo de riso seria aquele que busca “trazer para perto de si” o interlocutor, gerar ou ampliar a empatia entre dois indivíduos dentro de um contexto específico. O ato de contar uma piada ou um chiste poderia se encaixar neste grupo.

➤ **Identificação Absoluta – Rir com alguém - Empatia Absoluta**

É o riso pleno, a realização e a manifestação de total empatia entre dois ou mais indivíduos. Dentro deste grupo poderíamos incluir todas as manifestações relativas ao riso que se aproximam da felicidade, cumplicidade, conagraçamento, comunhão, integração, entre outras.

O que é interessante do tipo de riso a que Bergson se refere é que há certa ambigüidade neste comportamento social de alerta, já que ele não é totalmente hostil nem totalmente empático. Ele se situa numa zona intermediária de reação ao estranho ou ao diferente.

Isto coloca o riso bergsoniano numa situação interessante: Se rimos de alguém ou de algo, com certeza não é por aprovar o seu comportamento. A pessoa que percebe o fato não se sente nem lisonjeada nem feliz com o fato (a não ser que seja numa situação deliberadamente cômica). Há certa “punição” com o ato de rir, uma espécie de julgamento, já comentado, sobre o tipo de comportamento adotado pela pessoa e o tipo de comportamento esperado dela por consequência.

De acordo com Bergson, o comportamento esperado envolve “tensão” e “elasticidade”, em contraposição ao “automatismo” e a “rigidez”. Tensão no sentido de estar atento ao que acontece ao seu redor e estar conectado à trama social, observando os fatos ao seu redor e estando preparado para agir e reagir com agilidade e presteza. E “elasticidade” no sentido de maleabilidade, do que se fala popularmente como “jogo de cintura”, capacidade de adaptação aos novos cenários e de criar soluções de ação e reação que sejam compatíveis com o que a situação exige. Elasticidade também está relacionada à capacidade de identificar o que naquela determinada situação é único dela, gerando também uma resposta única, específica para cada diferente momento da vida em que estamos.

De acordo com Bergson o riso seria desencadeado quando a pessoa que observamos não tem ou não apresenta a elasticidade e tensão necessária para gerar um movimento ou gesto no seu corpo que seria o esperado nesta situação. Não seria o elemento surpresa que nos faz rir, pois existem inúmeras ações surpreendentes que não nos fazem rir, mas sim um tipo específico de gesto ou movimento derivado do automatismo e da rigidez corporal (e também moral, de caráter ou mental).

1.6 - Marionetes

O autor cita Pascal para exemplificar o conceito de marionete:

“Dois rostos semelhantes, que não provocam riso separadamente, fazem rir devido à sua semelhança” pg. 25

Imediatamente após ele cria uma transposição desta idéia de Pascal para seu próprio universo de raciocínio, elaborando a seguinte definição:

“Os gestos de um orador, que não provocam riso separadamente, fazem rir devido à sua repetição” pg. 25.

Esta repetição, quando aplicada a um grande número de pessoas, quer seja por sua similitude física e/ou de gestos geraria o riso, como se todas estas pessoas estivessem conectadas a um instrumento maior, que controlaria seus gestos, como um grupo de marionetes.

Apesar da proposição do autor pretender atingir a todas as situações possíveis, vejo aqui uma manifestação artística que não está dentro deste universo, ou pelo menos não é fonte direta geradora de riso, que é o Chorus Line.

O Chorus Line americano, surgido no final do Século XIX, é essencialmente uma linguagem que define a Broadway e os grandes espetáculos teatrais com coristas belas e grandes coreografias. Tem as mesmas características do conceito de “Marionete” que

Bergson apresenta, já que grande parte do impacto cênico é decorrente da precisão milimétrica dos dançarinos, que realizam todos os mesmos passos, porém não é fonte geradora de riso. Nem são construídas neste sentido. Eles se consolidam e se manifestam, da mesma maneira que Bergson propõe, “num procedimento de fabricação industrial”, muito semelhante às linhas de montagens fordistas das fábricas da primeira metade do século XX. Mas aqui o procedimento de amplificação e multiplicação do gesto e da forma serve para tornar o espetáculo grandioso, e não risível. É demonstração de apuro técnico e de precisão no espetáculo. Muitas pessoas se impressionam com a habilidade técnica e com o preparo dos componentes do espetáculo, que conseguem executar a proeza de realizar todos os gestos simultaneamente, sem erros.

No caso do Chorus Line, o risível estaria justamente na descontinuidade, se por acaso uma das “Marionetes” estiver em desacordo com as outras e definitivamente não conseguir seguir a tendência geral de harmonia do grupo. E neste tipo de situação o conceito de Gesto Social de Bergson funcionaria plenamente, já que o indivíduo que agisse em desacordo com o grupo estaria se desvinculando do Chorus Line.

Uma coisa que pode acontecer e ser fator gerador de riso é a “simulação” de marionete. No caso, a caricatura da caricatura, por assim dizer. Ao imitarmos o efeito dos cordões, o rosto congelado numa expressão, os gestos quebrados das marionetes, poderemos gerar um efeito cômico, mas ele não será decorrente da repetição (multiplicidade de elementos agindo da mesma maneira), mas sim da imitação de um gesto caricatural proveniente justamente de um objeto que serviria para este fim.

1.7 - Suspeição pela repetição

Este tipo de situação (a repetição) geraria no observador uma reação de suspeição. Aconteceria um questionamento do “vivo” que está por trás daquele “mecânico”. É como se, quando uma pessoa ouvisse uma música, de repente o disco emperrasse e a música ficasse se repetindo num ponto. Qualquer que fosse o estado de espírito gerado por aquela música agora ele se tornasse cômico.

Mas a repetição a que Bergson se refere fundamentalmente é aquela em que um personagem cômico realiza mais de uma vez uma mesma inflexão ou gesto em situações distintas entre si. Neste caso um recurso de humor bastante simples (e bastante comum nas televisões brasileiras) é o Bordão. Bordão é uma palavra ou frase que determinado personagem profere sistematicamente. Vários exemplos podem ser vistos todas as semanas em programas populares como Zorra Total ou Praça da Alegria. Foi muito utilizado em programas antigos como O Planeta dos Homens, Chico City e Viva o Gordo. Sem entrarmos em qualificações de tipos de comédias (comédia popular = recurso pobre ou

simples X comédia refinada = recurso rico ou inteligente), o Bordão é um recurso certo para a obtenção de uma risada.

1.8 - Disfarce

Realidade Mascarada, Mascarada Social, Mecânico sobreposto ao vivo

“Um homem que se fantasia é cômico. Um homem que parece fantasiado é cômico também. Por extensão, todo disfarce será cômico, não só o do homem, mas também o da sociedade, e até o da natureza”. (pg. 31)

Bergson ao tratar do tema da Máscara/ Mascarada Social apresenta uma nova aplicação de sua reflexão sobre o Mecânico, da mecanicidade. Ele entende que o riso se manifesta no momento em que desvelamos ou imaginamos a realidade como uma superfície sobre a qual tudo funciona de maneira mecânica (e conseqüentemente rígida). Em um de seus exemplos ele cita uma comédia de Alphonse Daudet – *Tartarin sur les Alpes*, onde um dos personagens passa a crer que a Suíça é toda movida por máquinas, que fariam funcionar cachoeiras, geleira e gerariam a neve que existe por lá.

O efeito cômico se daria justamente pelo personagem passar a enxergar a mecanicidade onde ela não existe, num engano lógico que faz com que ele gere associações não necessariamente corretas sobre o que está se vendo. No momento em que o personagem passa a viver este engano, e principalmente passa a acreditar nele, surge o cômico.

Curiosamente, este tipo de situação remete a fábula “A Roupas Nova do Rei”. Toda a graça estaria contida no fato das pessoas acreditarem na existência de um tecido invisível, que só as pessoas inteligentes poderiam ver. Ninguém teria coragem de assumir que não enxergava o tecido, nem o Rei, que sai em desfile totalmente nu, e todas as pessoas reverenciam sua passagem. Menos uma criança, que começa a rir quando vê o rei daquela maneira, e imediatamente todos passam a rir da situação, menos o Rei que, constrangido volta correndo ao palácio.

Temos aí uma referência da Mascarada Social a que Bergson se refere. E ela está relacionada também à questão da Cerimônia, que se destituída de sua “matéria”, e sendo observada apenas pela sua “forma” passa a ser cômica.

Em todos os exemplos que Bergson nos mostra as referências não são de “máscaras” no sentido de baile mascarado, mas sim de duplicidade, o que está aparente e o que está por trás da aparência. Isto poderia acontecer das seguintes maneiras:

> **Elástico na superfície** – Mecânico escondido por trás da superfície.

> **Mecânico na superfície** – Elástico escondido por trás da superfície.

2 - A comicidade de situação e a comicidade de palavras

2.1 - Situações e Palavras

Quando Bergson apresenta a comicidade existente em Situações e Palavras ele pretende ir além da questão da forma, do visível, já comentado anteriormente (ver em 1.1.2 – Formas e Movimentos). Além do gesto que pode ser cômico em si, há situações cômicas, que podem independe do gesto ou das características físicas passíveis de riso. É possível imaginar uma situação onde fisicamente não há nada risível, mas o contexto e o desencadear dos fatos o torne cômico.

De maneira distinta Bergson explorará o cômico das palavras. Será nos jogos infantis que ele apresentará o prazer e o cômico gerados pelas palavras. Jogos de palavras, repetições, atos falhos que fazem com que o indivíduo use palavras a contragosto ou sem perceber os equívocos que está cometendo serão tema de análise do autor.

2.2 – Riso, Memória e Infância

Não há emoções absolutamente novas segundo Bergson. Em grande parte as emoções atuais se referirão às emoções antigas, de passado pessoal de cada um, e conseqüentemente da memória.

Bergson situa o riso de maneira semelhante às emoções. As experiências da infância serão o parâmetro de emoções futuras. E o prazer obtido pelo riso com as brincadeiras infantis será resgatado com os jogos de palavras.

Não será o mesmo prazer obtido quando criança, mas ele servirá de referência para os jogos de palavras e a comicidade que derivará disto no adulto.

Este será o primeiro momento em que Bergson apresentará a relação entre o riso e o prazer. Há uma amplificação também do conceito de riso, já que a criança, de acordo com Bergson, sentiria prazer ao brincar com a sonoridade e o sentido de palavras, fazendo associações de palavras ora pela sua semelhança fonética, ora pela semelhança de sentido e função.

Este tipo de brincadeira não é possível sem o conhecimento de parte do universo da linguagem, da gramática e da estrutura e sentido das palavras e das frases. Se todas as palavras fossem desconhecidas não haveria nenhuma identificação e associação. Não é risível uma pessoa ouvir uma língua totalmente estranha. Mas há comicidade quando palavras e frases que são desconhecidas se parecem com palavras e frases conhecidas. A criança experimentaria um prazer lúdico na descoberta e associação de palavras.

Este prazer também está relacionado com o conceito de Gesto Social, mas agora aplicado ao indivíduo em si, e não ao outro. A criança ri não só das palavras e frases que ouve das outras pessoas, mas também ri no momento em que ela mesma pronuncia palavras e frases que são semelhantes foneticamente às aquelas que ela conhece, mas tendo consciência de que o uso é inadequado. É possível, nesta situação, rir de si mesmo, do equívoco gerado pelo uso errôneo de palavras que não condizem com os conceitos que elas deveriam corresponder.

O Gesto Social, no caso, é aplicado a si mesmo, e é também fator gerador de riso. E a diversão obtida não é só de alguém que observa, mas também daquele que é responsável pelo ato.

Freud também trata deste assunto, quando procura as origens do prazer obtido pelo *nonsense*:

“O período em que uma criança adquire o vocabulário da língua materna proporciona-lhe um óbvio prazer de ‘experimentá-lo brincando com ele’, segundo as palavras de Gross. Reúne as palavras, sem respeitar a condição de que elas façam sentido, a fim de obter delas um gratificante efeito de ritmo ou de rima. Pouco a pouco esse prazer vai lhe sendo proibido até que só restam permitidas as combinações significativas de palavras. Quando mais velho, tenta ainda emergir ao desrespeito das restrições que aprendera sobre o uso de palavras. Estas são desfiguradas por pequenos acréscimos particulares que lhes faz, suas formas sendo alteradas por certas manipulações (p. ex., por reduplicações ou ‘Zittersprache’); é possível mesmo a construção de uma linguagem secreta, para uso entre companheiros de brincadeira”. Freud, Os Chistes e sua relação com o Inconsciente (Pg. 122)

Freud e Bergson parecem concordar com o fato de que a criança obtém prazer com o riso gerado pela conexão de palavras que não fazem sentido entre si, e que gradativamente estes jogos de palavras vão diminuindo, justamente pela tomada de consciência do real significado das palavras. Esta tomada de consciência seria através da internalização do verdadeiro significado que as palavras teriam.

Apesar de não ser foco deste estudo, podemos depreender que este procedimento infantil está diretamente relacionado ao processo de aprendizagem. O aprendizado da linguagem através do jogo com as palavras e seus significados num processo de tentativa e erro da criança ao expor variedades possíveis e impossíveis do uso das palavras e da construção de frases.

2.3 – Detalhamento da comicidade de Situações e Palavras

Bergson apresenta algumas possibilidades para a comicidade de situações e palavras, que serão analisadas na seqüência:

➤ **A Caixa de Surpresas**

A Caixa de Surpresas é um brinquedo bastante comum na Europa e na América do Norte, mas no Brasil ele é mais conhecido através de filmes e desenhos. É uma caixa que quando aberta um boneco de mola sai e fica balançando a cabeça, durante o vai e vem da mola que o sustenta. Existem vários modelos, mas o mais conhecido tem o rosto de um bobo da corte medieval com seu característico chapéu com guizos.

Este brinquedo funciona tanto como elemento real de riso quanto metáfora para o conceito que Bergson propõe através de sua menção. A criança riria do funcionamento da mola, que além de saltar ao abrir a caixa ficaria indo e vindo, balançando o boneco na direção de quem abriu a caixa.

Metaforicamente Bergson pretende compreender o risível através da Caixa de Surpresas pelo fato de que ela

“É o conflito de duas obstinações, das quais uma, puramente mecânica, acaba ordinariamente por ceder à outra, que com isto se diverte”. (Pg. 51)

Aplicando este conceito de mola em questões de ordem moral, o autor pretende que se pense em situações onde as idéias se exprimem e se reprimem num movimento de ida e vinda gerado de um lado pela obstinação, e por outro lado pela teimosia.

Pensando este tipo de comicidade, Bergson deixa claro que na grande maioria das vezes a mera repetição de uma determinada palavra não manifestará o riso. A repetição se tornará cômica quando representa “um jogo de elementos morais, símbolo por sua vez de um jogo material”. Há um refinamento aqui se for comparado ao jogo de palavras infantil. Não basta só a comicidade extraída da sonoridade das palavras, mas sim das variações de sentido que ela possa vir a ter resultantes do conflito moral gerado por isto.

“Numa repetição cômica de palavras há geralmente dois termos presentes: um sentimento comprimido que se estira como uma mola e uma idéia que se diverte a comprimir de novo o sentimento”. (Pg. 54)

➤ **O Fantoche e seus cordões**

O conceito de “marionete”, já abordado pelo autor, pretende ser explorado sob nova perspectiva. O que diferenciaria o “fantoche” da “marionete” neste é que neste caso a manipulação e o conseqüente riso não seriam derivados de cordões que regem os gestos no sentido físico estrito. Os cordões estariam relacionados à falta de liberdade que as pessoas e os personagens teriam em relação aos sentimentos.

Existem poucas explicações no texto sobre o que Bergson pretende com a diferenciação entre os conceitos apresentados como “marionetes” e “fantoches”. É compreensível que possa haver algo de risível em situações onde pessoas e personagens sejam manipulados por forças exteriores, por cordões que possam manipular suas ações e gerar resultados muitas vezes contrários à suas vontades. Mas isto também é verificável em tragédias. Muitas tragédias gregas apresentam características de personagens que tentam se livrar dos cordões que regem suas vidas e não conseguem, e nem por isto se tornam cômicas. Existem várias tragédias e dramas ficcionais ou reais que mostram o quão complexo é o indivíduo ser manipulado pelos seus sentimentos.

Por outro lado seria possível citar várias comédias que usam deste recurso para obter a comicidade. Este ponto abordado pelo autor acaba ficando pouco claro e se torna difícil uma compreensão melhor da diferenciação que poderia existir na manipulação dos personagens por seus sentimentos como uma característica puramente cômica ou fator absoluto na geração do riso. O recurso poderá se utilizado na busca do riso, mas o uso dele não define uma categoria específica na comicidade.

➤ **A Bola de Neve**

O efeito de Bola de Neve é simples de ser compreendido: Significa um acontecimento que gradualmente vai tomando proporções maiores do que a original, de maneira que o problema inicial torna-se pequeno ao ser comparado com o resultado final. O acontecimento inicial é a fonte geradora do problema maior, e a partir dele uma série de outros eventos vão se juntando a ele de tal maneira que ele se

“...propaga por auto-acumulação de tal modo que a causa, insignificante na origem, desemboca, por meio de uma progresso necessário, num resultado tão importante quanto inesperado”. (Pg. 60)

Este efeito pode ter duas variantes, a linear e a “reversível”. Na linear Bergson apresenta como exemplo uma fileira de soldadinhos de chumbo que quando o primeiro cai impulsiona o próximo de tal maneira que em breve todos eles estarão derrubados. O progresso do efeito Bola de Neve geraria a comicidade.

Na variante “reversível” o efeito e o processo são os mesmos, com o detalhe de que o fator gerador da Bola de Neve ao final volta para o ponto de que partiu. Uma bola de

boliche, que derruba tudo ao passar, gerando enormes estragos, para, no final, voltar para seu ponto de partida.

Não há dúvida nenhuma que um grande número de comédias se utiliza deste recurso, com o objetivo de potencializar o cômico de situações. Mas convém notar que muitas tragédias também. Não é difícil imaginar uma situação trágica que vai se ampliando e toma proporções inimagináveis a partir da situação inicial. A Bola de Neve não seria, a princípio, um efeito exclusivamente cômico.

Bergson cita Kant para tentar validar seu ponto de vista:

“O riso provém de uma expectativa que se resolve subitamente em nada”. (Pg. 63)

Haveria desta maneira, uma desproporção entre o esforço empenhado e o resultado obtido.

Mas ainda sim há exemplos não cômicos que invalidam esta tentativa de generalização. Mais do que isto, ao seguir seu raciocínio, Bergson escreve:

“O mecanismo rígido que surpreendemos vez por outra, como um intruso, na viva continuidade das coisas humanas, tem para nós um interesse particular, por ser como uma distração da vida. Se os acontecimentos pudessem estar incessantemente atentos ao seu próprio curso, não haveria coincidências, ocorrências fortuitas, séries circulares; tudo se desenrolaria para a frente e progrediria sempre”. Pg. 64

Apesar de não invalidar a questão que está sendo estudada de Bergson neste trabalho, há um conflito interno de conceitos quando é Bergson formula uma *distração* para *“a vida”*.

Pelo que autor apresentara até o presente momento, o cômico, o risível se dariam no instante em que o ser humano agisse de maneira automática e rígida perante a vida, que não se repetiria, e a todo instante exigiria que todos fossem elásticos e estivessem atentos ao que acontecesse ao seu redor. Mas agora o que se coloca é que a *“vida”* também pode ser rígida e automática, que pode haver uma mecanicidade no mundo exterior, e não apenas no homem. E que quando isto acontece o resultado é cômico.

Do ponto de vista da comicidade, é sabido que existem muitas comedias de situação que explorem coincidências, ocorrências fortuitas e séries circulares. Mas também muitos dramas reais e ficcionais acontecem desta maneira.

A objeção que pode ser feita a esta afirmação é menos relacionada ao quão válido pode ser o conceito na construção do especificamente risível no efeito Bola de Neve, mas

sim em relação à possibilidade de invalidação da teoria como um todo. Assumir que a “vida” também poderia ser mecanizada e automática faria com que o eixo central e inicial de Bergson se fragilizasse.

Como contrapor “rigidez” e “automatismo” do indivíduo à “tensão” e “elasticidade”? Se “a vida” pode ser “rígida” e “automática”, por que o indivíduo precisaria estar em estado de “atenção” e “maleável” aos novos cenários apresentados? Se “a vida” é rígida, qual o problema do indivíduo também o ser? Qual seria o problema do distraído se “a vida” também seria assim?

No livro “O riso e o risível”, de 1999, Verena Alberti questiona a validade deste argumento, no capítulo “Riso e Entendimento nos Séculos XVII e XIX” pg. 184:

“Primeiro, é curioso que a vida ‘personificada’, esquecendo-se dela mesmo, perca justamente o caráter ‘vivo’ que a distinguia do mecânico. Neste contexto, o mecânico deixa de ser uma automatização artificial, aplicada sobre o vivo, para se tornar uma instância mais fundamental das coisas, pertencente a sua ‘natureza’: basta que a vida esqueça dela mesma para que o mecânico aflore à superfície”.

➤ **Repetição, Inversão e Interferência das Séries**

“Determinemos então as características essenciais pelas quais a vida, vista de fora, parece contrastar com um mecanismo simples”. (Pg. 65)

Repetição

Há, de acordo com Bergson, comicidade nas situações que se repetem. Não a repetição de uma frase ou de uma palavra, mas sim uma determinada cena que acontece repetidamente. Para exemplificar o autor apresenta o encontro de dois amigos. Se eles se encontram uma vez, é normal. Mas se encontrarem duas, três quatro vezes da mesma maneira, a coincidência destes encontros gerará o riso em ambos.

Pode-se concluir que Bergson está se referindo a uma variação do que apresenta dentro do efeito Bola de Neve, no sentido de que a “vida” a aparentaria ter algo de mecânico, de automático, pois o que poderia se esperar é que repetições não acontecessem na “vida”, que a cada momento coisas diferentes se encadeassem. Quando acontecem coisas semelhantes na “vida”, como se houvesse uma real repetição de eventos, isto gera comicidade.

Bergson desenvolve outras variações de repetição, em especial no teatro *vaudeville*. Nele podemos ver várias situações cômicas quando uma mesma situação acontece entre os mesmos personagens e quando acontece também com personagens diferentes dos iniciais. A platéia, ao observar fenômenos e situações semelhantes

acontecendo com diferentes pessoas, é levada ao riso. Mesmo situações de repetição e coincidências extremas seriam aceitas pelo público, contanto que fossem gradualmente apresentadas, preparando o público para o que viria a acontecer.

Inversão

“Será obtida uma cena cômica se a situação se inverter e os papéis forem trocados”. (Pg. 69)

Este é um recurso bastante utilizado em comédias, e é facilmente reconhecível. Aquele que quer enganar acaba sendo enganado, o ladrão que é roubado ou aquele que trama acabar caindo em sua própria rede. Em comédias infantis este recurso é ainda mais presente, e, apesar de Bergson não fazer nenhuma referência a isto, este efeito está relacionado a uma questão moral. É como se fosse dito que “não se deve enganar os outros, pois se corre o risco de ser você o que será enganado”. Existe um ditado popular sobre isto: “O feitiço virou contra o feiticeiro”.

A apresentação deste tipo de situação na ficção – Bergson apenas apresenta exemplos deste tipo – pode estar relacionado com um efeito de moralização social, um exemplo que explicita o tema, como se alertasse que a conduta imoral ou questionável irá trazer, cedo ou tarde, alguma consequência. É um alerta - e ao mesmo tempo um alívio para quem assiste - ver um personagem que agiu de maneira incorreta sofrer as consequências de seus atos. Há uma punição dupla: através de o efeito cair sobre aquele que o gerou e também por ser punido pelo riso daqueles que assistem.

Interferências das séries

“Uma situação é sempre cômica quando pertence ao mesmo tempo a duas séries de acontecimento absolutamente independentes e pode ser interpretada ao mesmo tempo em dois sentidos diferentes”. (Pg. 71)

Também neste caso o autor se baseia no teatro para ilustrar um efeito. Seria quando o espectador tem plena consciência de tudo o que acontece, porém os protagonistas da cena só conhecem parte do todo. Cada um dos envolvidos segue sua seqüência de atos (seriam essas as séries a que Bergson se refere) e a interferência destas séries geraria um equívoco, acompanhado pelo espectador.

A interferência de séries em si não bastaria para a geração da comicidade. O que geraria o cômico é a relação entre coincidência e independência. Enquanto o autor da comédia consegue renovar a sensação de que num determinado momento estas séries vão se dissociar definitivamente, isto gerará “o vai-e-vem de nosso espírito entre duas afirmações contraditórias”. (Pg. 73) Esta falsa ameaça de dissociação criada geraria o riso.

➤ **Construção de frases**

Bergson estabelece que existem duas possibilidades de comicidade quando se foca especificamente a estrutura das frases. A primeira é o que chamamos popularmente de “ato falho”. É aquela situação onde se diz mais do que deveria dizer, ou se fala o que não deveria ser falado.

A outra situação é quando a forma do que foi dito atrai mais a atenção de quem ouve do que aquilo que se pretendia dizer.

“Quando nossa atenção se concentra na materialidade de uma metáfora, a idéia expressa se torna cômica”. (Pg. 86)

3 - A comicidade de caráter

“A verdade é que a personagem cômica pode, a rigor, andar em dia com a moral estrita. Falta-lhe apenas andar em dia com a sociedade”.(Pg. 103)

“Convencidos de que o riso tem significado e alcance sociais, de que a comicidade exprime acima de tudo certa inadaptação particular da pessoa à sociedade, de que não há comicidade fora do homem, é o homem, é o caráter que visamos em primeiro lugar”. Pg. 100

No terceiro e último capítulo de seu livro, Bergson apresenta a questão relativa à comicidade de caráter. Já no começo deste capítulo deixa claro que apesar de mais refinada, a comicidade de caráter é a mais simples de se compreender, de todas as outras antes apresentadas:

“A dificuldade estava mais em explicar como nos ocorre rir de outra coisa que não seja um caráter, e por meios sutis de impregnação, combinação ou mescla a comicidade pode insinuar-se num simples movimento, numa situação impessoal, numa frase independente”. (Pg. 100)

3.1 – Isolamento

A questão de caráter não se restringe ao que é certo e o que é errado, o que é moral e imoral. Bergson questiona que o riso seja decorrência de um questionamento moral, já que uma pessoa poderia estar em dia com os códigos e padrões de um

grupo, mas se ele estiver “em débito” com a sociedade, se aparentar estar alheio ao contexto social em que deveria estar inserido, o riso servirá como um alerta.

Bergson questiona também se existiria uma gradação para falhas de caráter, como se o riso pudesse acontecer em determinadas situações. Seria o riso destinado a falhas “graves” de caráter, ou a pequenas falhas do cotidiano? Segundo o autor, não seria a gravidade da falha de caráter que seria o fator gerador do riso, mas sim a questão da insociabilidade. Portanto, o desvio aqui não é a imoralidade, mas sim a insociabilidade.

O riso acontece na conjunção de dois fatores:

- a) A insociabilidade do personagem (ou da pessoa que é observada)
- b) A insensibilidade do observador – O observador só rirá no momento em que não for tomado pela emoção ao observar o que acontece. Se por acaso houver empatia, comiseração, piedade ou qualquer outro sentimento, o riso não se manifestará.

3.2 – Arte e Comédia

Bergson dedica boa parte do terceiro capítulo para compreender a relação entre Comédia e Arte. Qual o papel social da Arte, como ela se manifesta, suas características e especificidades. O autor analisa estas características e compara com a Comédia, visando demonstrar que a Comédia, enquanto gênero de dramaturgia não pode ser considerada uma manifestação “artística”, já que seus objetivos são muito diferentes da dramaturgia “dramática”, e de outras técnicas, que visam resgatar a individualidade do objeto/conceito retratado, enquanto a Comédia trataria de aspectos comuns a todos, e não aos específicos.

Apesar de importante para se compreender o pensamento de Bergson como um todo, esta análise de gêneros dramáticos e manifestações artísticas foge do objetivo deste trabalho, e não se pretende detalhar este tópico, visando permanecer no foco da investigação específica do riso, e não do gênero “Comédia” de dramaturgia.

3.3 – A vaidade

O autor destaca a vaidade como uma das características do caráter humano deflagradoras do riso.

“Um estudo completo das ilusões da vaidade e do ridículo a ela vinculada lançaria luzes singulares sobre a teoria do riso. Veríamos que o riso cumpre regularmente uma de suas funções principais, que é despertar os amores-próprios distraídos para a plena consciência de si mesmos e obter assim a maior sociabilidade possível dos caracteres. Veríamos como a vaidade, apesar de produto natural da vida social, incomoda a sociedade, assim como venenos leves, segregados continuamente pelo nosso organismo, o intoxicariam a longo prazo se outras secreções não lhe neutralizassem o efeito”. (Pg. 130)

3.4 – Os ofícios – papéis sociais

“O riso tem justamente a função de reprimir as tendências separatistas”. (Pg. 132)

Uma das particularidades do cômico seria a comicidade dos ofícios. Segundo Bergson os ofícios, as profissões teriam uma comicidade própria em dois tipos de situação distintas:

a) Quando os hábitos mentais e as particularidades de caráter de determinado ofício fizessem com que aqueles que participam deste grupo passassem a ter comportamentos que os distanciassem da sociedade. Como se o riso surgisse para conter o surgimento de um subgrupo, e as características deste subgrupo que o distingue do grupo maior precisassem ser contidas.

b) Endurecimento profissional – Aconteceria no momento em que as particularidades da profissão de alguém predominassem as características pessoais, enrijecendo a pessoa e gerando o automatismo e a rigidez já analisadas.

3.5 – Riso e Sonho

Um ponto interessante de contato entre Bergson e Freud se faz no final de “O Riso”, quando Bergson associa certas características do riso ao universo do sonho. E a conexão inicial é com o conceito de “absurdo”.

“O absurdo, quando encontrado no cômico, não é, pois, um absurdo qualquer. É um absurdo determinado”. (Pg. 136)

Este absurdo específico do cômico também estaria presente no universo dos sonhos. Algo como se a comicidade do indivíduo (ou da situação) estivesse diretamente relacionada a conexões lógicas semelhantes às realizadas quando estamos sonhando.

Algumas das características apresentadas por Bergson são as mesmas que Freud explorará, tais como a condensação, a repetição e os jogos de palavras. Mas Bergson abordará rapidamente estes itens, sem chegar a aprofundar e detalhar estes itens.

A questão do sonho também aparece quando o autor pensa na relação entre o sonho e o relaxamento e a distração gerados pelo riso, como pode se visto neste trecho do livro:

“... desligar-se das coisas e mesmo assim perceber imagens, romper com a lógica e, e mesmo assim ainda unir idéias, isso é apenas jogo ou, se preferirem, preguiça. O absurdo cômico nos dá, portanto, em primeiro lugar a impressão de um jogo de idéias. Nosso primeiro movimento é de associar-nos a este jogo. E nos pouparamos da fadiga de viver”. (Pg.145)

4 – Considerações sobre “O Riso”, de Bergson

4.1 - O Teatro, o Cinema e o Riso – O Entretenimento Cômico

4.1.1- Riso e Sociedade

Numa pesquisa rápida na ferramenta de busca Google encontramos os seguintes resultados:

Humor – 327.000.000 de páginas

Cômico – 5.180.00 de páginas

Comédia – 15.800.000 de páginas

Comic – 149.000.000 de páginas

Comedy – 263.000.000 de páginas

Fun – 875.000.000 de páginas

No YouTube, atualmente o maior arquivo de vídeos da Internet, os resultados são estes:

Humor – 502.000 vídeos

Cômico – 26.000 vídeos

Comédia – 106.000 vídeos

Comic – 109.000 vídeos

Comedy – 1.720.000 vídeos

Fun – 1.140.000 vídeos

Os números apresentados acima são valores aproximados. Há redundâncias de páginas em ferramentas de pesquisa booleana e outros sistemas de busca. Eles servem apenas como referência, para que se possa ter dimensão da quantidade de páginas de Internet e vídeos disponíveis sobre os assuntos em questão.

Se observarmos o espaço dedicado ao humor e às comédias nas grades de televisão aberta e televisão a cabo perceberemos que além dele ser muito grande, nos últimos anos ele só tem aumentado. E continua crescendo. Hoje existem programas cômicos sobre praticamente qualquer assunto. Até os programas jornalísticos, esportivos, culinária e os de atualidades se renderam ao cômico.

Esta hipertrofia do entretenimento cômico e das mais variadas manifestações de comédia é uma característica do momento em que vivemos.

Numa possível análise do ponto de vista freudiano, estaríamos diante de uma manifestação intensa de descarga de prazer, muito provavelmente em decorrência de um intenso sentimento de repressão.

Bergson poderia abordar a mesma questão se fosse incluída uma variante, que seria uma amplificação do Gesto Social numa sociedade totalmente conectada, que tenta criar ferramentas e alertas regulatórios diante de uma maior complexidade de comportamentos sociais. Com o grande número de modelos de sociedades e de organizações sociais em contato direto através dos meios globalizantes de comunicação, o que pode ser considerado um comportamento adequado numa sociedade se torna motivo de riso na outra.

O excesso de comicidade traz mais graça ao mundo ou quando tudo se torna divertido nada mais tem graça?

Esta excessiva produtividade de entretenimento cômico pode nos levar a várias reflexões, em especial ao papel social do cômico e do riso bergsoniano. Mas pode-se ir além da questão do Gesto Social do riso e de sua importância como ferramenta de alerta da Rigidez e Automatismo dos indivíduos perante a Flexibilidade e Tensão necessárias ao convívio social.

Bergson (como Freud) não considerou em momento nenhum os veículos de comunicação de massa em seu trabalho. O Teatro é a mídia mais massiva (em quantidade de espectadores e abrangência de atuação) analisada em seu livro, datado do final do século XIX. Apesar de o cinema surgir e se consolidar como entretenimento de massas no começo do século XX, não há referência sobre ele na obra de Bergson, nem em seus comentários

posteriores anexados ao livro. Podemos deduzir algumas possíveis hipóteses: Ou o surgimento de novas mídias não gerou o impacto necessário no conceito do riso para Bergson – e assim os pilares de seu pensamento seriam mantidos integralmente mesmo com os novos meios de comunicação e um novo contexto – ou Bergson simplesmente não entrou em contato com a obra emergente de comediantes como Charlie Chaplin, que realizou mais de cinquenta filmes curta-metragem cômicos até 1920.

De qualquer jeito não se deveria esperar que Bergson fosse visionário e conseguisse enxergar o que poderia vir em consequência da nova linguagem cinematográfica, o surgimento do rádio, da televisão e internet como meios de entretenimento de massas. A discussão em relação à mídia se torna mais consistente na década de 1960, com pensadores como McLuhan, e mesmo ele não poderia supor a dimensão da transformação gerada pela conexão global e as mudanças comportamentais na sociedade das últimas décadas. Basta dizer que há dez anos seria inimaginável supor que os aparelhos de telefonia móvel (celulares) se tornariam mais comuns no Brasil que aparelhos de telefonia fixa. E em 2007 foram vendidos mais computadores pessoais que televisões no nosso país, também um dado relevante para a compreensão das ferramentas de comunicação conectoras de pessoas e meios de entretenimento digital.

Qual o impacto disto para a compreensão do processo do riso? Enorme, pois existe um novo fator no processo de geração de riso, já que há uma nova variável no processo.

Quando Freud e Bergson analisavam a sociedade - e o funcionamento do riso - existiam três tipos de situação onde se poderia manifestar o riso:

- Sozinho, ao ler um livro ou observar um fato cômico, por exemplo.
- Em duas pessoas, onde uma é a observadora e a outra geradora do riso na que observa.
- Num coletivo, onde um chiste ou uma piada pode ser contado, ou em grupos, como no Teatro, e posteriormente no cinema. Nestas situações grandes e pequenos grupos são submetidos a uma experiência de entretenimento coletivo. Há uma condição que propicia o contágio do riso quando muitas pessoas se encontram predispostas a rirem.

O que existe hoje, com o advento da Internet e de novas maneiras de comunicação através dela é uma quarta situação, que é híbrida destes três modelos: Neste exato momento estou sozinho em frente de meu computador, há inúmeras pessoas com as quais entro em contato, mas sem o senso de coletivo. Temos inúmeras conexões, mas todas individuais. Geramos conteúdo coletivo, mas o acessamos numa situação individual.

Não há como negar que existam modelos de relacionamento que são similares aos propostos pelos dois. Pode-se ler uma piada divertida no e-mail e acessar outra pessoa por comunicadores instantâneos, ou mesmo chamar uma pessoa que esteja ao lado e o sentimento de satisfação de “contar o chiste” fluirá da mesma maneira que Freud propõe. E comportamentos inadequados serão “punidos” pelo riso, da mesma maneira que Bergson sugere. Mas há outros processos possíveis, antes impensados pelo simples fato deste tipo de conexão não existir.

Hoje acessamos entretenimento de uma maneira “solitário-coletiva” na Internet. E os processos de contágio – importantes na questão do riso – são altamente acelerados pela rede mundial de computadores. Em poucos minutos vídeos divertidos, fotos curiosas e piadas circulam pelos usuários, criando um processo de contágio em escala inimaginável em meados do século XX.

4.1.2 - O Teatro

Bergson se vale de inúmeras referências ao Teatro para poder apresentar e justificar seus conceitos. Em grande parte das vezes, só será permitida a compreensão do cômico (no sentido de risível) através do Teatro. Vai ser no Teatro que ele buscará suas referências e variações do conceito de comicidade. Mas em momento nenhum ele se propõe a analisar o Teatro e a experiência teatral para compreender o efeito cômico que depende da situação. Há uma transposição direta do universo teatral para a experiência pessoal, sem detalhamento sobre o funcionamento do processo do teatro para a potencialização do cômico.

É compreensível que o foco de Bergson seja outro, que pretenda ilustrar seu conceito de cômico de maneira que o leitor possa ter um referencial da que ele pretende investigar e analisar. Por isto utilizar uma manifestação do riso dentro do Teatro e utilizando comédias conhecidas do grande público da época. Mas os recursos do Teatro enquanto linguagem são importantes, e por si só garantem uma relação específica com a comédia.

Um bom exemplo disto é a existência de gêneros claros no Teatro, como também nas outras formas de entretenimento como o Cinema, TV e vídeos (na Internet ou em mídias rígidas como o DVD).

Quando se pretende assistir a qualquer um deles dificilmente desconhece-se o gênero do entretenimento. Já se sabe que o gênero previamente, se é uma Comédia, um Drama ou um filme de aventura ou documentário. Temos uma expectativa clara do que queremos. Mesmo que não gostemos desta ou daquela peça teatral (ou filme, etc.), ao nos

prepararmos para assisti-la já sabemos seu gênero. Assim, há uma predisposição ao gênero específico.

Um casal, num momento romântico de sua vida, dificilmente escolherá um filme de terror sanguinolento para assistir. Ele não estará em sintonia com o atual estado de emoção que ele pretende atingir ou potencializar. Não que um casal não possa selecionar este filme para assistir, mas **a escolha do filme está ligada ao estado emocional que a pessoa (ou as pessoas) está no momento de decidir.**

Isto vale também para entretenimentos de difícil categorização. Daqueles que não fica claro a qual gênero pertence. Quando não há clareza de qual reação é esperada, rir, assustar ou se emocionar, há pouca chance de conseguir entrar em sintonia com a peça ou filme. É preciso ter clareza de que o que se espera é aquilo que será obtido. Ser surpreendido dentro deste processo não satisfará as expectativas criadas e poderá gerar frustração. Pode também acontecer um desvio do processo (no caso do cômico), exigindo que a atenção seja desviada do espetáculo em si. Conseqüentemente o impacto e a surpresa geradores do riso não acontecerão.

Apenas com o objetivo de detalhar algumas variedades possíveis de estilos cômicos e tipos distintos de comédia, serão apresentados a seguir alguns dos mais freqüentes estilos cômicos da atualidade. Este apêndice visa ilustrar as diferentes dimensões dos estilos de comédia. Este estudo não se propõe a analisá-los detalhadamente, o que seria um desvio de nosso foco, que é o estudo do cômico e da comicidade em Freud e Bergson e o riso do ponto de vista cognitivo.

Poderão existir alguns casos em que fusões de gêneros podem gerar resultados positivos e aceitáveis, mas todas elas polarizam-se entre dois grupos distintos: O cômico e o dramático. Pode-se compreender a diferença entre os dois gêneros através da interpretação de Bergson sobre as relações entre o riso e o sentimento, a emoção. Se ao observar um fato uma pessoa se emocionar, dificilmente será capaz de rir, quando há empatia, identificação, não há espaço para o riso. O riso necessita de distanciamento para se manifestar, o que distinguiria o cômico do dramático da seguinte forma: O dramático buscaria enfatizar a empatia, o envolvimento com a situação apresentada, enquanto que o cômico não.

Comédias Românticas, Aventuras Cômicas, Romances Dramáticos, Dramas Romanceados, todos estes estilos existem, mas dificilmente veremos Comédias Dramáticas ou Dramas Cômicos. E o fato de existirem estilos variados de comédia também está relacionado ao perfil de cada indivíduo ou grupo social. Existem variedades do humor no entretenimento que não agradem necessariamente a todos, tais como:

- **Comédias Pastelão** – Assim chamadas pela referência ao Cinema Mudo, muito focadas no humor físico: Correrias, tombos, agressões, confusões, muita

ação, pouco diálogo. Um humor que poderia ser compreendido como “exagerado”, extremamente explícito, às vezes um pouco ingênuo e considerado muitas vezes “infantilizado”.

➤ **Comédias “Escrachadas”** – Muito populares hoje em dia, as comédias “escrachadas” são uma versão potencializada das comédias pastelão, com forte aditivo de textos ágeis e de humor explícito. Muito populares entre jovens e adolescentes. Seguem um estilo onde não há dúvidas do momento de rir, o que é considerado por alguns como um humor simplificado, de pouco apelo justamente pela falta de sutileza na sua elaboração.

➤ **Comédias intelectualizadas** – Comédias onde o forte apelo é dos diálogos, entremeados por citações e referências da “alta cultura”. Um exemplo seriam os filmes de Woody Allen.

➤ **Comédias Românticas** – Bastante comuns atualmente, são situações cotidianas de relacionamentos amorosos onde o apelo é predominantemente cômico. Poderiam ser consideradas “paródias de relacionamentos amorosos”.

➤ **Paródias** – Um gênero revitalizado no cinema e no teatro. Referências a peças ou filmes e/ou cenas famosas de outros espetáculos subvertidas para o gênero cômico. É uma forma de humor fácil, já que depende da obra original para gerar o riso. Caso o espectador não tenha assistido ao filme original, o humor se esvai, já que não há referência para que exista o contraponto cômico.

Existem na cultura do entretenimento muitas destas tendências e estilos que são possíveis de observar. O que se pode perceber é que em determinadas épocas e/ou em determinadas localidades e culturas temos a prevalência de alguns tipos de comédia. O tipo de humor predominante é um contraponto à sociedade e seus costumes.

4.1.3 - A relação com a platéia

A escolha do gênero no entretenimento é fundamental. Há uma expectativa em torno do evento, e em se tratando de situações coletivas (como no caso de ir ao teatro ou ao cinema para assistir na platéia ou mesmo quando um grupo de amigos resolve assistir um filme em casa junto) existem outros fatores a serem considerados. A dinâmica do grupo vai determinar fortemente a percepção e o grau de comicidade da obra. Uma platéia “receptiva” irá gerar um espetáculo mais interativo e dinâmico, uma platéia com pouca receptividade poderá inverter as expectativas de quem criou o entretenimento e ele não gerar o riso esperado.

No caso de espetáculos teatrais o processo se potencializa ainda mais, já que os atores estão no palco e podem sentir a receptividade da platéia. Numa situação favorável a relação platéia-ator poderá transformar um espetáculo de pouco apelo cômico numa grande comédia. Existem inclusive processos de contaminação dentro da platéia que precisam ser considerados. Uma pessoa na platéia que tenha uma risada solta, uma maneira curiosa de rir ou que ria num volume alto poderá fazer com que o resto do grupo se envolva mais com a dinâmica do espetáculo e a comicidade flua com maior intensidade.

Este tipo de contaminação pelo riso foi percebido pelos produtores de programas de televisão, que criaram a “claque eletrônica”, uma espécie de pontuação dos momentos cômicos utilizando risadas pré-gravadas. Além de servirem como ênfase e deixarem claro o ponto específico (*timing*) do momento cômico, o som de risadas induz as pessoas a rirem, um fenômeno relacionado aos Neurônios Espelho, que serão apresentados no próximo capítulo, onde será estudado o livro “Os Chistes e sua relação com o Inconsciente”, de Sigmund Freud. No terceiro capítulo deste trabalho o papel destes neurônios será explorado e as informações obtidas serão cruzadas com as pesquisas de Bergson e Freud.

4.1.4 - Quando se ri sozinho

Quando se lê um texto cômico ou quando se vai sozinho ao teatro ou ao cinema não se ri tanto como quando se está acompanhado.

A peça de teatro (ou roteiro cinematográfico) pode ser exatamente o mesmo que seria assistido, mas a manifestação da risada é distinta. É como se fosse um riso interiorizado, um riso não compartilhado.

A risada enquanto manifestação física, o abrir da boca, o ruído, a seqüência rítmica característica dela (e que varia de acordo com a pessoa e a situação) raras vezes acontece. O que vemos se manifestar é um riso de canto de boca, um olhar que identifica um sentimento de diversão. É evidente que a pessoa está se divertindo, é claro que há comicidade, mas não há uma manifestação explícita do riso.

4.1.5 - Questões históricas e de contexto na comediaturgia e no entretenimento cômico

Bergson é bastante feliz ao selecionar comediaturgos como Molière para apresentar seus exemplos de situações e comportamentos risíveis.

Molière é autor consagrado e sua obra é sempre revisitada, em montagens e variações dos temas e situações propostos por ele. Grande parte das obras de Molière pode

ser contextualizada numa versão contemporânea que não perde nem o sentido nem o viço. Mesmo quando são montadas versões ambientadas na época de sua criação (Século XVII) ainda sim suas peças são engraçadas. Não perderam a vitalidade com o tempo.

Molière escreveu suas comédias com uma visão crítica da nobreza, mesmo sendo patrocinado por ela.

Seu papel na época lembra muito o do Bobo da Corte, figura que Bergson não cita em seu livro, mas que poderia ser de grande valia para compreender o papel social do riso.

O bobo da corte ou bufão é uma das poucas pessoas que pode se dirigir diretamente ao Rei, de maneira pouco cerimoniosa, e em muitas vezes, irônica e crítica.

Ele sempre está ao lado do homem poderoso, e muitas vezes é usado como um espelho às avessas do poder. Nada mais ridículo que ouvir ressoar da boca de uma pessoa desprezível, desengonçada, desequilibrada (e todos os outros adjetivos que poderiam ser usados para descrever o bufão) o mesmo discurso recém-saído da boca do Rei. Isto lembra um pouco quando chimpanzés realizam atividades características dos humanos, usando roupa, andando de carro ou mesmo de óculos escuros. Seguindo este raciocínio desemboca-se exatamente no mesmo ponto em que Bergson. Repare no exemplo da atividade mímica do Sombra. O Sombra nada mais é que uma figura que imita o andar ou o gestual de uma pessoa na rua seguindo-a, sem que esta o perceba.

Onde está o risível nesta situação?

De acordo com Bergson, “só começamos a ser imitáveis quando deixamos de ser nós mesmos”. O Sombra não imitará aquilo que há de mais verdadeiro (maleável, elástico e orgânico), mas sim o que temos de mais rígido, mecânico, automático. É no esvaziamento da pessoa que a graça se manifesta.

Da mesma maneira que os óculos escuros no chimpanzé. Os óculos escuros em nossa sociedade são mais do que protetores da luz solar, eles são um acessório de moda que gera certo status a quem o usa. Quando colocamos os óculos no chimpanzé, além de gerarmos contraste, esvaziamos o sentido social dos óculos e do gesto ou ato de usá-los. Como o bobo da corte, explicitamos a rigidez do gesto ou do comportamento.

Bergson cita poucas comédias que não são de Molière ou de Labiche. Dos antigos podemos citar vários que Bergson passa ao largo, entre eles Aristófanes, Plauto, Terêncio. Shakeaspere escreveu inúmeras comédias. Bergson não nos esclarece as razões pela qual define especificamente seu repertório dentro da comédia francesa, em especial Molière, mas apesar da ausência de outros autores, a princípio não há prejuízo para sua análise.

4.1.6 - O surgimento do cinema

O lançamento de “O Riso” coincide com o surgimento do cinema e o princípio da consolidação deste como mídia de entretenimento. A primeira edição do livro data de 1899, e suas edições em francês (e anexos e prefácios de Bergson) vão até 1924, época em que o cinema já estava bastante desenvolvido e Charlie Chaplin já havia participado de mais de 50 filmes, entre curtas e longas-metragens.

Menos do que esperar que Bergson pudesse antever este novo momento do entretenimento cômico, nos chama a atenção o fato de que sua obra está muito próxima de um novo formato para o entretenimento cômico.

Na mesma época – final do século XIX e começo do século XX os Irmãos Marx “migram” do teatro itinerante de vaudeville nas pequenas cidades americanas e levam seu humor anárquico para as telas. Praticamente toda a produção deles para o cinema se restringe ao final da década de 1920 até a década de 1930.

Nesta mesma época surgem comediantes como O Gordo e o Magro, seguidos pelos Três Patetas e tantos outros.

De acordo com Marshall McLuhan, toda nova tecnologia de comunicação se apropria das características das antigas no seu primórdio. Com o cinema e a televisão foi assim. Muito da linguagem teatral foi aplicada quando surgiram estas novas mídias. O conceito de “espetáculo filmado” foi bastante utilizado durante o século XX, quer seja nos primeiros filmes ou nas primeiras transmissões.

O cinema passa a ter uma linguagem própria quando a câmera passa a ser um dos personagens, e o espectador é posicionado em diferentes olhares para a situação, antes impossível no teatro. O conceito de câmera subjetiva, que retrata o olhar de alguém, é próprio do cinema, e depois veio a contaminar outras linguagens, inclusive o teatro. Uma peça como “Vestido de Noiva” de Néelson Rodrigues não seria possível de ser pensada antes do surgimento da câmera subjetiva e do flashback, característicos da linguagem cinematográfica.

Posteriormente a Internet vai se valer da palavra escrita antes de ter uma “linguagem própria”, uma maneira específica de se comunicar através dela. A Internet ainda está em fase de transição nesse sentido, e ainda hoje vemos a predominância do texto, mas já como “hipertexto”, gerando uma navegação de leitura tridimensional e subjetiva, o que antigamente era chamado de “surfear” na Internet.

Isto posto, podemos dizer que muito do que Bergson pensou em sua época pode ser encontrado sim no cinema, e também nas mídias que vieram depois dele. Mas temos novos cenários, novas abordagens e maneiras de interação entre pessoas que obriga um olhar mais amplo para o fenômeno da comicidade e do riso.

CAP. 2

ANALISANDO O RISO E O RISÍVEL EM “OS CHISTES E SUAS RELAÇÕES COM O INCONSCIENTE” DE SIGMUND FREUD

Introdução

“... a euforia que nos esforçamos por atingir através desses meios (os chistes, o cômico e o humor) nada mais é que um estado de ânimo comum em uma época de nossa vida quando costumávamos operar nosso trabalho psíquico em geral com pequena despesa de energia – estado de ânimo de nossa infância, quando ignorávamos o cômico, éramos incapazes de chistes e não necessitávamos do humor para sentir-nos felizes em nossas vidas”. pg. 218

O estudo desta obra de Freud envolve algumas considerações, visando o esclarecimento da abordagem pretendida e sua contextualização neste trabalho.

A primeira é relacionada ao próprio título da obra, “Os chistes e sua relação com o inconsciente”. O termo “chiste”, pouco utilizado no Brasil, será alvo de investigação para que o leitor possa compreender se esta é a terminologia mais adequada ou não para analisarmos o fenômeno específico estudado por Freud. Isto será apresentado em formato de tópico, logo após esta consideração inicial. Mas o termo será mantido durante todo o trabalho, para facilitar a coerência e fluência do estudo.

A segunda consideração está relacionada à estrutura do livro, a seqüência lógica e os conteúdos abordados. Este é um fator bastante relevante, pois como poderá ser visto, a obra explicitará muitas questões que não serão necessariamente foco do estudo e deixará implícitas, em alguns momentos, questões relevantes para a compreensão do todo. Destaca-se em especial o próprio objeto de estudo de Freud nesta obra, que a princípio seria a relação dos chistes com o inconsciente.

É possível encontrar muitos comentários generalizantes sobre esta obra - ao se pesquisar aleatoriamente pelas ferramentas de busca pela Internet - e a grande maioria das resenhas se atém normalmente a apenas dois elementos do livro, o que não faz jus às reflexões proposta por Freud sobre o riso e o risível. É possível afirmar que há um objeto oculto de análise na obra que numa leitura rápida ou pouco atenta poderia escapar da observação do leitor.

Os dois elementos mais divulgados sobre “Os Chistes” são as diferentes técnicas dos chistes e a relação deles com os sonhos. Estes elementos que são apresentados com ênfase nesta obra de Freud. É compreensível que eles sejam enfatizados se a obra for analisada especificamente dentro da construção do conceito de Inconsciente, mais

importante para Freud do que o chiste em si. Se compararmos a quantidade de vezes que o chiste, o cômico ou o humor aparecem na obra completa de Freud com a quantidade de vezes que o Inconsciente aparecerá ficará claro que o foco de Freud não aparenta ser o estudo destes fenômenos.

O autor investe mais de um terço de seu livro apenas para apresentar as variadas técnicas dos chistes. Os chistes usariam essencialmente as seguintes técnicas para conseguirem realizar seu objetivo:

1 – Condensação

2 – Múltiplo uso do mesmo material

Neste universo de técnicas possíveis, o chiste (ainda será apresentado o que o autor deste estudo específico considera “Chiste” dentro do contexto da obra de Freud) se manifesta com o objetivo de gerar o riso.

Todas estas técnicas - não importa qual delas especificamente - visam primariamente a “economia da despesa psíquica” e aos “alívios psíquicos”. O riso seria resultado de uma economia na despesa psíquica obtida por aquele que ouve o chiste. E teria a função de rememorar o prazer original de quando aquele que conta ouviu o chiste pela primeira vez. Ao ouvir o outro rir, aquele que conta resgata parte do prazer obtido agora como ouvinte.

“O alívio da despesa psíquica já existente e a economia na despesa psíquica que se há de requerer – destes dois princípios derivam todas as técnicas dos chistes, e conseqüentemente todo o prazer que advém delas”. (Pg. 124)

A questão a ser colocada é que toda a taxonomia desenvolvida no primeiro terço do livro de Freud servirá como importante forma de catalogação, porém não será fundamental para a compreensão da proposta do autor. De uma maneira exagerada poderia ser dito que para entendermos o que é relevante na teoria de Freud não é necessária toda a categorização dos chistes. Basta apenas que saibamos que todas estão relacionadas à economia da despesa psíquica e aos alívios psíquicos, que os chistes utilizam recursos para evitar o raciocínio lógico e que o chiste diferencia-se do humor e do cômico, pois exige para seu funcionamento três elementos, o fato ou pessoa a que se refere o chiste, aquele que conta e aquele que ouve.

Outro fator que deve ser levado em consideração para compreender a obra é a distância do observador atual dos chistes apresentados por Freud. As referências históricas e culturais do autor são pouco familiares ao leitor contemporâneo. Há a necessidade de se refletir sobre os chistes que Freud conta para poder compreendê-los, o que de certa maneira invalida o princípio do chiste enquanto tal. O mesmo vale para a questão da tradução, que também inviabiliza uma aproximação geradora de riso, característica fundamental para a efetivação do chiste. Muitos exemplos de Freud são jogos de palavras e duplos sentidos só compreensíveis para aqueles que detêm o conhecimento da língua germânica. Se existe a possibilidade de uma “universalidade” das técnicas do chiste, os chistes em si não são nem

universais nem atemporais. Eles são frutos de um contexto sócio-cultural, e fazem mais ou menos sentido dentro de determinadas circunstâncias.

Um bom exemplo deste tipo de dificuldade está na página 30, onde Freud conta o seguinte chiste:

“Mas o melhor exemplo de um chiste deste grupo deve-se a um dos homens de proa da Áustria, o qual, após importante trabalho público e científico, ocupa um dos mais altos postos do Estado. Aventurei-me a utilizar chistes a ele atribuídos, que levam todos aliás o mesmo selo inconfundível, como material para estas pesquisas, principalmente porque seria difícil encontrá-lo melhor.

A atenção de Herr N. foi um dia despertada pela figura de um escritor, que se tornou afamado devido a uma série de ensaios inegavelmente tediosos, escritos em contribuição a um jornal diário de Viena. Todos esses ensaios tratavam de pequenos episódios sobre as relações de Napoleão I com a Áustria. O autor tinha cabelos vermelhos. Tão logo ouviu a menção de seu nome, Herr N. indagou: ‘Esse não é aquele roter Fadian que se estende pela história dos Napoleônidas?’”(Pg. 30)

Como é perceptível, o chiste acima é complexo para um leitor de língua portuguesa no Brasil do século XXI. Não é sequer possível saber se é um chiste realmente.

Este exemplo apresenta claramente as barreiras para uma compreensão mais detalhada sobre o quão aplicável poderia ser a métrica estabelecida por Freud no compendio de chistes elaborado por ele.

O que parece interessar a Freud em seu trabalho é ir além da catalogação dos chistes. O que se pretende é ir além do próprio chiste, que se tornará uma parte e não o todo da pesquisa. E a catalogação apenas demonstra que existem técnicas para a geração do riso no chiste e todas elas derivam de princípios comuns. Todas as técnicas estão relacionadas entre si e podem ter dois objetivos únicos.

A partir do momento em que o autor define que todas as técnicas dos chistes têm como objetivo a obtenção do prazer através da economia da despesa psíquica, o texto passa a discutir a intenção que existiria por trás dos chistes. Mas as técnicas dos chistes serão praticamente descartadas do resto do livro. A importância delas é inicial, foi necessária a demonstração de que todas estão relacionadas entre si para que Freud relacione este ponto em comum com características psíquicas importantes, entre elas a questão do sonho, do universo onírico. Mas a partir do momento em que esta tarefa se realiza, percebe-se que o objetivo do autor será outro, e não a catalogação.

Há outra questão que deve ser levada em consideração também: A escolha dos chistes apresentados. Freud examinará e catalogará os chistes que tomou conhecimento, aqueles que foram contados a ele, dentro de seu universo pessoal e profissional. Não foi realizada uma pesquisa sistematizada em relação aos chistes que permitisse antever uma amplitude do fenômeno. O que é possível ver são citações de Freud a partir de suas referências, daquilo que leu ou ouviu.

Freud pode até ter grande conhecimento de chistes, mas as suas referências de chistes e a sua seleção não podem ser consideradas absolutas para a compreensão deste fenômeno.

“Tais chistes contêm alusões a pessoas e eventos que foram àquela época ‘atuais’, despertando o interesse geral e ainda o mantendo vivo. Quando este interesse cessa e o assunto em questão fica sedimentado tais chistes perdem também parte de seu efeito gratificante, parte aliás bem considerável”. (Pg. 120)

“A necessidade sentida pelos homens de derivar prazer de seus processos de pensamento está, portanto criando constantemente novos chistes baseados nos novos interesses do dia”. (Pg. 121)

Existem estudos contemporâneos bastante detalhados sobre o tema. Há inclusive um “Laboratório do Riso” na Inglaterra, que realizou pesquisas no mundo inteiro - com os mais variados perfis de pessoas - para compreender melhor as características gerais e específicas de cada cultura relacionadas ao riso. No terceiro capítulo deste trabalho alguns dados relevantes serão apresentados para reflexão sobre as características das piadas, as razões pela qual rimos delas e algumas especificidades regionais e culturais sobre este fenômeno.

Assim, poucas referências serão feitas neste trabalho às questões das técnicas dos chistes e do sistema de catalogação criado por Freud. Será pesquisado o fator comum a todas na obtenção do riso e suas conseqüências.

A terceira consideração está relacionada à complexidade da “obra completa” de Freud e da contextualização deste livro na construção do pensamento do autor. É crítico notar que a proposta desta pesquisa específica não é compreender o papel de “Os Chistes” na obra de Freud, nem como ela se relaciona com os conceitos fundamentais desenvolvidos no decorrer de sua vida, muito menos qual a importância deste livro no processo de criação da fundamentação da Psicanálise. Ao contrário, interessa no autor o que ele contribuiu e pode contribuir para a compreensão do riso e do risível, quais conceitos desenvolvidos por ele estão relacionados com outros pensadores – no caso Bergson – e se há validação de suas suposições pelas atuais pesquisas na área de Neurociência.

Isto não significa que haverá qualquer omissão em relação aos conceitos fundamentais de Freud que estão relacionados com a abordagem deste tema. Mas não se pretende exaurir as possibilidades interpretativas desta obra pensando-a num contexto da “obra completa” de Sigmund Freud.

1 - O que é “Chiste”?

Para podermos analisar o livro “Os Chistes e suas relações com o inconsciente” é necessário que seja explicitado o que é um Chiste ou pelo menos o que Freud considera como Chiste.

De acordo com definição disponível no dicionário online Houaiss, “Chiste” significa:

Acepções

- *substantivo masculino*

1 dito espirituoso, ger. de humor fino e adequado gracejo; facécia, pilhéria

Ex.: foi um c. de mau gosto

2 Derivação: por metonímia.

qualidade do que é engraçado; comicidade, graça

3 composição poética com referências espirituosas

4 Diacronismo: obsoleto.

canção burlesca e obscena

Fonte: Dicionário Houaiss Online

O chiste seria – na língua portuguesa do Brasil e de acordo com o dicionário Houaiss - um gracejo, uma frase espirituosa. Isto o colocaria dentro do universo da linguagem verbal. Uma ação divertida, uma mímica, um fato ou um gesto que gerassem o riso talvez não pudessem ser considerados “Chistes” dentro desta definição.

As próprias questões da entonação, de como as coisas são contadas, um olhar, uma piscadela, ou seja, uma representação não-verbal que reforce uma questão textual estariam excluídas desta definição.

Se esta definição for seguida à risca - “dito espirituoso” – pode-se definir que o chiste está dentro do universo da linguagem, da palavra. O chiste deveria e poderia ser compreendido ao ser lido ou ouvido, independentemente do contexto ou de gesticulações que complementassem sua compreensão. Os elementos que comporiam a “espirituosidade” por assim dizer do chiste deveriam estar contidos todos dentro dele, sem o auxílio de elementos externos.

Uma cena cômica, como comparação, exigiria mais do que um texto ou frase “espirituosa”. Dependeria da relação dos personagens, do contexto, da situação que existe entre as pessoas ou personagens envolvidas.

A própria termo “chiste” é pouco utilizada atualmente no Brasil, poucas pessoas a conhecem, é uma terminologia antiga, tal qual “gracejo”. Não soa aos ouvidos contemporâneos como algo atual e presente no dia-a-dia da sociedade brasileira.

O termo “chiste” caiu em desuso ou aquilo que era considerado chiste deixou de existir? O gracejo mudou de forma ou ele definia algo que hoje não é mais considerado gracejo? Ou temos uma equivocada tradução do termo original (Witz)?

No dicionário Michaelis Alemão-Português Witz significa Piada, Anekdota.

O Dr. Léo Cardon, da Associação Psicanalítica Internacional, em entrevista a Elida Oliveira no blog Fotos e Grafias diz:

“Não existe no Brasil a palavra ‘chiste’. Nós conhecemos por piada. Entretanto, Freud difere chiste como sendo o cômico, as caretas, o clown e a piada é a relação que isso tem no inconsciente para provocar o riso. O nome do livro aqui no Brasil deveria ser “A piada e sua relação com o inconsciente”

As evidências que o riso e o risível estão presentes na sociedade brasileira são óbvias. Existem inúmeros programas televisivos dedicados ao assunto, diariamente piadas e situações cômicas são enviadas por e-mail pela Internet. Vídeos divertidos e situações hilárias são assistidos em sites como o YouTube. Não há dúvida que a sociedade brasileira

tem forte relação com o que é risível e tem apego ao cômico. Portanto, não se pode dizer que o chiste deixou de existir em nossa sociedade.

Que eles mudaram de forma, não há dúvida. Ri-se de coisas diferentes em lugares diferentes, e em épocas diferentes também. A graça não está absolutamente isolada da sociedade onde ela se manifesta. O que é divertido hoje não será amanhã, até por questões de desgaste de formas de chiste, de excessos e de mudanças sociais.

Há ainda a questão da tradução. O próprio Freud cita um jogo de palavras que exemplifica este tipo de situação:

“Traduttore, Traditore” (Pg.41)

É possível que o título do livro tenha sido traduzido inadequadamente, mas não existem indícios ou informações sobre as razões pela qual o tradutor teria optado pelo termo. Foi realizada uma pesquisa na biblioteca da Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo. Na introdução da primeira edição do livro em português nada se encontrou que esclarecesse as opções do tradutor para usar este termo específico.

2 - Um denominador comum entre os Chistes

“... o sentimento de prazer do ouvinte não decorre do propósito do chiste nem de seu conteúdo intelectual; nada nos resta, portanto senão colocar em conexão o sentimento de prazer com a técnica do chiste”. (Pg. 95)

Freud dedica boa parte de seu livro a apresentar as variadas técnicas de chistes, exemplificando-as e explicando a conexão entre elas. Há inúmeras questões que necessitam ser colocadas antes de serem apresentadas as técnicas de chistes que Freud elabora, mas uma é fundamental para que seja dado prosseguimento a este estudo:

Toda a elaboração inicial das distintas técnicas de chiste tem como objetivo identificar os elementos comuns em todos eles, garantindo que seja possível detectar um e apenas um gerador único do fenômeno. Será a partir deste fator que Freud poderá analisar as especificidades do fenômeno, suas origens e sua estrutura fundamental.

Freud no início de seu livro “Os Chistes e suas relações com o Inconsciente” apresenta muitas definições de chiste e conceitos sobre o que é a comicidade e o riso, sem formalizar uma definição específica para iniciar seu trabalho. São citadas definições de autores como Lipps, Hein, Jean Paul, entre outros.

Há uma multiplicidade de vertentes de interpretações possíveis, da mesma maneira que poderiam existir inúmeros fatores geradores do riso. Freud, ao listar e organizar as variedades possíveis de chiste pretende estabelecer o denominador comum entre todos eles, garantindo que não existem múltiplos fatores que poderiam gerar a comicidade, e que os chistes todos teriam uma grande regra fundamental que os regeria, independentemente de suas variações.

“Um chiste, por outra parte, é a mais social de todas as funções mentais que objetivam a produção de prazer. Convoca freqüentemente três pessoas e sua completação requer a participação de alguém mais no processo mental iniciado”. (Pg. 168)

“O chiste é um velhaco hipócrita, servidor, a um só tempo, de dois amos. Tudo que nos chistes objetiva a obtenção de prazer, é calculado visando a terceira pessoa, como se houvesse na primeira pessoa obstáculos internos intransponíveis”. (Pg. 148)

“O riso está entre as expressões de estados psíquicos mais altamente contagiosos. Quando faço alguma pessoa rir, contando-lhe meu chiste, estou de fato utilizando-a para suscitar o meu próprio riso e é possível, de fato, observar que a pessoa que começou a contar o chiste, com a face séria, reúne-se depois à gargalhada do outro com o riso moderado”. (Pg. 149)

Talvez seja possível dizer que “chiste” de acordo com Freud deva ter a característica de ser “a menor partícula daquilo que é risível”, como se fosse possível estabelecer um “princípio atômico” na comicidade. O mínimo denominador comum do risível seria o chiste. Isto colocado dentro do conceito que o chiste freudiano é algo que envolve três elementos, como já foi citado anteriormente.

Estas definições aproximam a palavra “chiste” de um termo popular no Brasil, a “tirada”. A “tirada” nada mais é que um dito espirituoso, uma frase inteligente, com duplo sentido ou humorística que geraria o riso.

É importante ressaltar que estas são reflexões realizadas a partir desta pesquisa sobre o riso, o risível, a piada e a comicidade dentro do contexto apresentado pelo autor. Freud não o define explicitamente desta maneira, ou pelo menos não explicita este pensamento, que norteará em grande o desenvolvimento de seu trabalho “Os Chistes e suas relações com o Inconsciente”.

3 - Definições das técnicas de chistes

Como foi descrito acima, Freud criou uma grande introdução sobre as diferentes técnicas de chistes. Ela tem como objetivo entender os procedimentos inerentes à estrutura do chiste, independentemente de seu conteúdo e seu objetivo, para que sejam compreensíveis os mecanismos dos chistes.

Há uma regra fundamental, que é a brevidade dos chistes. Eles precisam ser curtos, rápidos, de maneira a impedirem a ativação do raciocínio lógico que atrapalharia no processo de geração de riso. Freud cita Lipps para exemplificar seu ponto de vista:

“Um chiste diz o que tem a dizer; nem sempre em poucas palavras, mas sempre em poucas palavras demais, isto é, em palavras que são insuficientes do ponto de vista da estrita lógica ou dos modos usuais de pensamento e de expressão. Pode-se mesmo dizer tudo o que se tem a dizer nada dizendo”. (Pg. 21)

De acordo com Freud, as diferentes técnicas de chistes seriam:

1 – **Condensação** – processo de abreviação, onde duas ou mais palavras são condensadas, alterando o significado original das palavras iniciais e/ou criando um terceiro significado. O autor sugere variações possíveis entre “maiores” e “menores” modificações do significado original.

2 – **Múltiplo uso do mesmo material** – de acordo com o próprio Freud, seriam os “duplos sentidos” e “jogos de palavras” (pg. 39). É um recurso bastante utilizado nas técnicas do chiste e existem muitas variações possíveis para o múltiplo uso do mesmo material. Essencialmente esta técnica cria um “desvio”, ou “atalho” para um significado novo e em alguns casos surpreendente para uma palavra conhecida, impedindo a linearidade do raciocínio e gerando uma nova trajetória para o pensamento, o que facilitaria a redução da despesa psíquica e a obtenção de prazer no processo, evitando o senso crítico.

“Todas estas técnicas são dominadas por uma tendência à compressão, ou antes, à economia. Tudo parece ser uma questão de economia”. (Pg. 49)

“Nem toda economia expressiva, nem toda a abreviação, é suficiente para dar conta do chiste. Chegamos a este ponto uma vez, anteriormente, quando ainda esperávamos encontrar em todo chiste o processo de condensação, levantando a justificável objeção de que um comentário lacônico não é necessariamente um chiste”. (Pg. 50)

As duas citações acima podem aparentar certa contradição interna, mas essencialmente o autor pretende deixar claro que a técnica dos chistes é recurso fundamental, porém não exclusivo para a geração do riso. Há sim uma conjugação de fatores, que inclui a técnica e as intenções do chiste, que serão abordadas em breve.

Freud apresenta outras técnicas, que podem ser consideradas variações das anteriores:

Trocadilhos, Deslocamento, Duplo sentido combinado com deslocamento, Nonsense, Raciocínio falho, Unificação, Representação pelo oposto, Exageração, Chistes Conceituais, Duplo sentido com uma alusão, Alusão através da modificação, Condensação com substituição, Omissão sem substitutivo, Alusão, Analogia e Representação pelo absurdo.

Como pode ser percebido através da própria nomenclatura que o autor dá para estas diferentes técnicas, temos aqui um novo fator a ser considerado: o conteúdo aplicado às técnicas. Já não se pode dizer que Freud está analisando apenas o processo mecânico de trocas, multiplicações ou substituições: As palavras e seus significados fazem a diferença nestas técnicas. Eles exigem do espectador um conhecimento prévio, um universo comum da mistura da língua, da cultura e das referências. É justamente neste fator que pode ser

difícil em alguns momentos entender os exemplos apresentados por Freud, já que eles escapam do leitor brasileiro do século XXI.

Trocadilhos, apenas como exemplo, são apenas compreensíveis se há conhecimento de ambas as referências, a do significado original e a do significado que se pretende dar para o que é dito. Sem o léxico comum se torna impossível realizar um trocadilho. Um trocadilho entre médicos pode ser simplesmente impossível de ser compreendido por alguém que desconheça o universo da medicina. Muito do que se comenta sobre pessoas que fazem piadas sem graça se dá pelo fato da pessoa desconhecer ou deliberadamente ignorar as diferenças culturais entre ela e o interlocutor.

Crianças fazem isto o tempo todo. Chegam com histórias divertidas da escola, com trocadilhos que criaram no mundo escolar e os pais não conseguem entender exatamente a graça, apesar de terem conhecimento de que aquilo provavelmente foi fonte de diversão para o filho.

O exemplo do trocadilho é interessante, pois, segundo Freud, ele é a mais simples, talvez simplória destas técnicas.

“De fato, são eles (os trocadilhos) que fazem menores solicitações à técnica de expressão, tanto quanto os jogos de palavras propriamente ditos fazem as solicitações mais altas. Enquanto nestes últimos dois significados devem encontrar expressão na mesma e idêntica palavra, dita usualmente uma só vez, para um trocadilho basta que dois significados se evoquem um ao outro através de uma vaga similaridade, seja uma similaridade estrutural geral, ou uma assonância rítmica, ou o compartilhamento de algumas letras iniciais, etc.”. (Pg. 51)

Há uma gradação destas técnicas, que vão das formas mais simples, como o trocadilho, até as mais complexas, como os chistes conceituais. Esta gradação poderia ser descrita como um “refinamento” dos chistes, dos mais simples até aqueles que necessitam de referências culturais e conhecimentos mais elitizados.

Pode-se dizer que um chiste mais sofisticado na sua elaboração – quer seja do ponto de vista estrutural, quer seja do ponto de vista de linguagem e referências – exige um público com maior capacidade de compreensão, com mais bagagem cultural. Esta característica poderia ser válida para várias outras questões relacionadas à linguagem, como poesia, arte, música, entre outras. Ela não é exclusiva dos chistes, mas nos chistes funcionam como nos outros elementos de nossa cultura e linguagem.

É possível assim entender que há um aspecto importante que é a contextualização do chiste. Ele só poderá ser compreendido dentro de uma situação onde todos os participantes detêm referências comuns, como já foi mencionado. E a obtenção de prazer no processo estará diretamente relacionada à capacidade de compreensão dos interlocutores. Mais do que isto, ele necessitará de um ambiente propício para se manifestar plenamente.

4 - Mecanismos de efeito de prazer

“Estamos cientes de que podemos ser enganados ao confundir nossa fruição do conteúdo intelectual que é afirmado com o prazer próprio dos chistes; mas sabemos que o próprio prazer tem duas fontes – a técnica e o propósito dos chistes. O que queremos agora descobrir é o modo pelo qual o prazer procede destas fontes, o mecanismo do efeito de prazer”. (Pg. 115)

Freud, após analisar detalhadamente as técnicas e os propósitos dos chistes apresenta as relações dos chistes com o prazer.

No caso da relação dos chistes com o prazer, cabe lembrar que os chistes não são – obviamente - as únicas fontes de prazer disponíveis ao ser humano, principalmente dentro do raciocínio de Freud. Existem inúmeras outras maneiras de obtenção de prazer, e quando

Freud levanta esta questão ele tem como objetivo relacionar esta obtenção de prazer a um estado psíquico da infância, como nota-se na citação inicial deste trabalho.

Num primeiro momento Freud apresenta possíveis obstáculos para a geração do prazer através das técnicas dos chistes. Afinal de contas, os chistes trabalham com variações interpretativas de palavras, frases, sentidos. A tendência natural de uma pessoa que entra em contato com um raciocínio truncado, que foge à lógica poderia ser de rejeição, o que não facilitaria a obtenção de prazer.

“... é especialmente conveniente admitir como válidos métodos de inferência que são rejeitados pela lógica e, finalmente, reunir palavras ou pensamentos sem respeitar a condição de que façam sentido. Disso não se pode duvidar; são precisamente essas as coisas feitas pelas técnicas dos chistes que estamos discutindo. No entanto, a hipótese de que um tal comportamento por parte da elaboração do chiste fornece uma fonte de prazer aparece-nos como estranha pois, exceto quanto aos chistes, qualquer funcionamento intelectual deficiente nos causa apenas desagradáveis sentimentos defensivos”. (Pg. 122)

Um dos contrapontos que o próprio autor coloca para reverter esta possível objeção à obtenção do prazer através dos chistes seria o prazer infantil de “jogar” com as palavras durante o processo de aprendizagem. Ao experimentar palavras novas, “*sem respeitar a condição de que elas façam sentido, a fim de obter delas um gratificante efeito de ritmo ou de rima*” (pg.109), a criança obtém prazer. Com o desenvolvimento infantil e o aprendizado da língua este prazer vai sendo gradualmente proibido, paralelamente às restrições que o próprio conhecimento do significado das palavras gera na criança. Já não será possível brincar com as palavras de maneira livre, pois elas agora adquiriram significados específicos. O absurdo, o uso livre das palavras sem o compromisso com o significado acaba por reduzir o prazer anteriormente obtido. A lógica prevalece.

De acordo com Freud “*a tendência dos rapazes em dizer absurdos ou idiotices parece-me diretamente derivada do prazer do nonsense*” (pg. 110). Assim, pode-se deduzir que o prazer obtido não terminaria por completo na infância. Ainda existiriam resquícios desta obtenção do prazer na juventude, que pode ser chamada atualmente de adolescência. E se na infância a obtenção de prazer deriva do jogo livre com as palavras, na adolescência

esta obtenção de prazer resulta do absurdo, do *nonsense*. O *nonsense* é uma variedade do jogo de palavras, porém mais refinado, há intencionalidade na ação. Todas as pessoas que participam deste processo são detentoras do conhecimento necessário para entender o real significado e deliberadamente optam por não utilizá-lo, quase de maneira subversiva. Há uma contestação do significado da palavra ou da frase e uma opção por não utilizá-la no processo. O prazer envolve uma intencionalidade em relação ao conteúdo e a forma, diferentemente da criança, que desconhece o significado e busca o prazer através da sonoridade e repetição das palavras. Freud comenta que este prazer obtido desta maneira ainda é possível de ser encontrado no universo adulto:

“De fato, mesmo muito mais tarde, quando, já adulto, encontra outros em congressos científicos e novamente se sente na posição de aprendiz, finda a reunião, é a vez do Kneipzeitung, que distorce em nonsense as novas descobertas, como compensação oferecida ao novo acréscimo de sua inibição intelectual”. (Pg. 123)

Não foi encontrado o significado literal de *Kneipzeitung* nos dicionários consultados. Através de contato com pessoas nativas e falantes da língua alemã foi passada uma referência do que poderia significar *Kneipzeitung*, algo como Jornal de Boteco, ou Papo de Boteco.

Seria possível, desta maneira, resgatar o prazer do *nonsense* da adolescência (e um resquício do prazer da infância) no momento em que a pessoa novamente se posiciona como aprendiz, quando se está diante de coisas novas, novas palavras e novos conceitos.

No caso do prazer infantil com as palavras, Freud denomina-o de Jogo ou Gracejo. De acordo com ele esta atividade antecederia o Chiste em si, e seria instintiva, compelindo as crianças a exercitarem suas capacidades.

Já que o chiste - em conjunto com o cômico e o humor - formaria uma tentativa de resgate de um prazer infantil perdido, não haveria sentido em analisar o chiste no contexto infantil. Ele simplesmente não existiria, de acordo com o autor.

Groucho Marx - famoso comediante do começo do século XX - comenta que em apenas duas situações pôde observar seus filhos fazendo “tiradas”. Numa delas ele perguntou para sua filha, na época com quatro ou cinco anos, o que ela fazia na escola. Ele tinha muita curiosidade de saber quais atividades eram realizadas durante o tempo que sua filha ficava na escola. A menina respondeu:

“Desenho e vou ao banheiro”.

Na outra seu filho com dez anos insistia em ganhar uma espingardinha de chumbo, e ele dizia que não daria, pois era perigoso ter uma espingarda daquelas na idade dele. A discussão continuou até que num determinado momento Groucho disse:

“Enquanto eu for o chefe desta casa você não terá uma espingardinha de chumbo”.

E o filho prontamente respondeu:

“Me dê a espingarda e veremos quem é o chefe da casa”.

Mesmo nestes exemplos é visível que o cômico da situação se situa no observador, e não em quem poderia ter criado a “tirada”. Com certeza nenhum dos dois filhos de Groucho Marx pretendeu fazer uma “tirada”, mas elas foram interpretadas como tal. Não há intenção de fazer o chiste.

Mas não são apenas os mecanismos de prazer que remontam o prazer infantil que Freud apresenta. E a obtenção do prazer passa por um processo interno de suspensão de inibições internas para que ela possa se manifestar.

“A psicogênese dos chistes nos ensinou que o prazer em um chiste deriva do jogo com as palavras ou da liberação do nonsense e que o significado nos chistes pretende simplesmente proteger o prazer contra sua supressão pela crítica”. (Pg. 127)

5 - Chistes tendenciosos

No caso dos chistes tendenciosos, *“o prazer procede de um propósito cuja satisfação, de outra forma, não seria levada a efeito” (pg. 102)*. Através do chiste tendencioso seria possível insultar uma pessoa sem gerar uma reação negativa naquele que ouve o chiste.

“Como Lichtenberg exprimiu em termos drásticos: ‘Onde dizemos agora “Desculpe-me” costumávamos dar um soco nos ouvidos’. A hostilidade brutal, proibida por lei, foi substituída pela invectiva verbal”. (Pg. 102)

O chiste tendencioso estrutura-se a partir da relação entre três pessoas. Uma é aquela que realiza o chiste, a outra é a ouvinte e a terceira é a quem o chiste remete. A terceira “pessoa” pode ser uma pessoa ou não – uma entidade, um grupo, o que seja - mas é necessário que existam estas três “pessoas” para que o chiste se manifeste.

“... um chiste tendencioso requer três pessoas: além da que faz o chiste, deve haver uma segunda que é tomada como objeto da agressividade hostil ou sexual e uma terceira na qual se cumpre o objetivo de produzir prazer”. (Pg. 100)

No caso do chiste tendencioso, ele permite que um insulto possa acontecer em relação ao terceiro sem que o interlocutor se posicione reativamente contra a atitude daquele que o conta. O prazer obtido pelo chiste no ouvinte funciona como uma espécie de suborno na cooptação que acontece. Se ao invés de realizar o chiste a pessoa resolvesse insultar ou agredir verbalmente o terceiro, o ouvinte poderia rejeitar esta atitude, o que a posicionaria contra aquele que insulta. No caso do chiste tendencioso, é possível obter a cumplicidade do ouvinte subornando-o através do prazer obtido com o chiste.

“Já que somos obrigados a renunciar à expressão da hostilidade pela ação – refreada pela desapaixonada terceira pessoa em cujo interesse deve-se preservar a segurança pessoal – desenvolvemos, como no caso da agressividade sexual, uma nova técnica de invectiva que objetiva o aliciamento desta terceira pessoa contra nosso inimigo. Tornando nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico, conseguimos, por linhas transversas o prazer de vencê-lo – fato que a terceira pessoa, que não dispendeu nenhum esforço, testemunha por seu riso”. (Pg. 103)

6 - Smuts

Outra vertente dos chistes tendenciosos são os de conteúdo sexual. Freud cita como exemplo os Smuts, chistes tendenciosos dirigidos às mulheres, que se utilizam de palavras obscenas para explicitar uma sexualidade muitas vezes velada no contexto em que são aplicados.

“Pela enunciação de palavras obscenas a pessoa assediada é compelida a imaginar a parte do corpo ou o procedimento em questão, ao mesmo tempo em que lhe é mostrado o que o assediante, ele próprio, está imaginando. Não se pode duvidar que o motivo original do Smut seja o desejo de ver desmascarado o que é sexual”. (Pg. 98)

O chiste tendencioso sexual está diretamente ligado à libido, de acordo com Freud. O desnudamento criado pelo Smut, a explicitação da sexualidade antes velada pela sociedade gera um estímulo visual na imaginação daquele que ouve o Smut, e simultaneamente faz com que ele tenha acesso ao que aquele que fez o chiste estava pensando.

Freud utiliza o verbo “assédio” quando fala da aplicação do tipo de chiste tendencioso Smut. A obscenidade, o linguajar vulgar e a intenção do Smut caracterizam-no como uma “abordagem” sexual por assim dizer, uma explicitação agressiva da libido que irrompe através do chiste.

“Nos homens um alto grau dessa tendência persiste como porção de sua libido e serve como introdução do ato sexual. Quando tal estímulo se faz sentir na primeira abordagem de uma mulher, por duas razões as palavras são utilizadas: primeiro, para anunciar-se (a excitação) a ela; segundo, porque se a idéia é suscitada pela fala, ela pode induzir uma excitação correspondente na própria mulher, despertando nela uma inclinação ao exibicionismo passivo”. (Pg. 99)

Segundo Freud, o Smut também se vale de uma característica única entre os chistes: Ele não requer necessariamente de nenhuma das técnicas específicas dos chistes, “a enunciação sem disfarce de uma indecência proporciona prazer a primeira pessoa e riso à terceira” (pg. 100).

Como é possível perceber, os chistes tendenciosos têm um objetivo quando aplicados, há uma vontade, explícita ou implícita que os orienta, há uma intenção na ação. Ela poderá não ser clara e racionalizada pelo autor do chiste, mas sempre ela objetivará algum propósito, ele servirá para algo.

7 - O chiste além do prazer

O chiste pode ser considerado um recurso para atingir um determinado objetivo, onde o prazer obtido se torna em ferramenta de suborno para alcançar um fim onde sem ele se tornaria impossível chegar.

“Os chistes nunca são efetivamente não tendenciosos, mesmo se o pensamento neles contido é não tendencioso e apenas serve aos interesses intelectuais teóricos. Eles perseguem um segundo objetivo: promover o pensamento, aumentando-o e guardando-o da crítica”. (Pg. 128)

Freud distingue inicialmente os chistes em dois: Tendenciosos e Ingênuos. De certa maneira nenhum chiste é absolutamente ingênuo, pois a própria técnica do chiste de despistar o trajeto lógico, desviar do raciocínio direto, de maneira a evitar o pensamento crítico tem uma intenção em si. Isto faria de qualquer chiste um chiste tendencioso, pois ele manipula, pela técnica e pelo conteúdo, a forma tradicional que o raciocínio lógico tomaria.

Apesar disto, Freud definirá os dois tipos de chistes, e tentará entender como eles funcionam.

No caso do chiste tendencioso, e o que interessa neste momento do trabalho, o autor estabelece que ele tenha alguns objetivos, que o chiste é usado em situações específicas, para a obtenção de determinados resultados, e isto significaria que quando são usados, a busca pelo prazer em si deixa de ser prioritária, pois outras razões estão por trás do chiste.

Uma piada brasileira antiga conta que em determinado momento de um comício, o candidato, visando realçar sua honestidade, bota a mão no bolso e grita para o público:

“Nunca entrou dinheiro desonesto neste bolso!”

Imediatamente um popular responde ao político:

“Calça nova, candidato?”

É evidente que não há ingenuidade numa colocação como esta. Mais do que isto, o humor, o chiste e o cômico tendem a ser subversivos, na acepção original da palavra e em quais acepções forem imagináveis.

Podem-se imaginar várias possibilidades para o uso da subversão em contextos sociais variados, e é o que Freud analisa. Em especial os relacionados aos ataques pessoais – com alguma ênfase em situações onde a pessoa está numa posição hierárquica inferior – e ao Smut, chiste sexual.

“Um chiste é agora enfocado como um fator psíquico munido de poder; seu peso, avaliado em uma ou outra escala, pode ser decisivo. Os principais propósitos e instintos da vida mental empregam-no para seus próprios fins. O chiste originalmente não tendencioso, que começa com um jogo, põe-se secundariamente em relação com os propósitos aos quais nada do que toma forma na mente pode escapar”. (Pg. 129)

Tem-se, portanto, um cenário interessante aqui, já que o chiste tendencioso de Freud pode ser compreendido como um recurso social de obtenção de determinados objetivos através do prazer. Há o prazer, mas há também um objetivo a ser atingido através dele. O chiste se torna um recurso para obtenção de aliados, criando a possibilidade de angariar a simpatia de terceiros utilizando o prazer como ferramenta de barganha.

Como o foco de Freud não está relacionado às questões sociais neste estudo, ele não faz nenhuma observação direta neste sentido, seu estudo não se encaminha na direção desta reflexão, mas todos os elementos estão lá, à disposição para análise. O chiste – tendencioso – é um recurso utilizado para atingir algum objetivo que não seria possível atingir se fosse utilizado o raciocínio lógico. Isto se dá pelo fato das técnicas dos chistes criarem rotas alternativas para a despesa psíquica e alívio psíquico, gerando economia, que posteriormente será dispensada na forma de riso, ao mesmo tempo em que este prazer é compartilhado com outro. Não há chiste que seja divertido o suficiente para que a própria pessoa que o criou ria sozinha.

Quando uma pessoa conta um chiste para outra, ela ativa três entidades diferentes: Ela própria, detentora do chiste – e no momento incapaz de gerar prazer com ele – uma segunda pessoa, para quem será contado o chiste, que obterá o prazer do chiste e simultaneamente será “seduzida” ou subornada pelo prazer obtido. A terceira pessoa ou entidade será a quem se refere o chiste. É uma articulação social entre pessoas através da troca de prazer obtido no processo.

A pessoa que conta o chiste poderia utilizar outras duas vias para atingir seus objetivos: Poderia simplesmente ofender a terceira entidade para seu interlocutor - o que poderia gerar uma reação negativa neste - poderia tentar convencê-lo sobre os fatores que poderiam ser questionados nesta terceira entidade, o que necessita de tempo, persuasão, retórica e debate, ou simplesmente suborná-la através do prazer. O que Freud propõe é que o chiste tendencioso faz isto.

Há uma correlação deste tipo de jogo social através da obtenção de prazer que Frans de Waal apresenta em seu livro “Eu, Primata”. De acordo com o autor, os Bonobos utilizam o prazer para obtenção de poder nas relações sociais estabelecidas por eles. Diferentemente de seus primos, os chimpanzés - Pan Troglodites – os Bonobos realizam inúmeras “atividades sexuais” com os elementos de seu grupo para fortalecimento de relacionamentos, articulações entre facções e resolução de conflitos.

O termo “jogo social”, aqui utilizado, não pretende aludir especificamente – ou unicamente - ao fator lúdico da situação, mas sim levantar aspectos das relações sociais advindas do uso do prazer como ferramenta de barganha social.

Isto permite uma reflexão sobre vários fatores que fazem parte do convívio em comunidade, como a malícia, a malandragem e mais uma série de elementos que compõem a vida social. De certa maneira, através deste recurso é possível obter uma série de privilégios sem que seja necessária a geração de conflitos, o embate direto e a agressão, verbal ou física.

Frans de Waal diz que a diferença entre os chimpanzés e os bonobos é que os chimpanzés buscam o sexo através do poder, e os bonobos o contrário. No caso, podemos substituir “sexo” por obtenção de prazer, que perceberemos que os chistes tendenciosos podem ser compreendidos como um recurso gerador de prazer cujo objetivo é a obtenção de uma aliança evitando o raciocínio lógico por um lado e a agressão explícita por outro. Será possível através de ele deixar claro para o interlocutor o posicionamento daquele que realiza o chiste sem correr o risco de uma reação negativa possivelmente gerada pela atitude hostil.

Há uma relação entre os chistes tendenciosos de Freud e o uso do prazer sexual nos bonobos nas relações sociais? Isto será alvo de investigação mais detalhada no terceiro capítulo deste trabalho.

Ressalte-se que quando foi inserido o título “o chiste além do prazer” para ampliar a reflexão sobre os chistes não significa que não haja prazer no chiste tendencioso. O que se apresenta aqui é o prazer compartilhado entre duas ou mais pessoas sendo que uma delas – a que conta o chiste - pretende algo com isto. E se esta pessoa não é recompensada com uma gargalhada espontânea de quem ouve, obterá outros prazeres: rememorando o prazer original do chiste ao ouvir a gargalhada do outro e aliciando seu interlocutor.

8 - Chistes Inocentes

Foi tratado até o presente momento apenas o que Freud chama de Chiste Tendencioso, deixando de lado o Chiste Ingênuo, ou Inocente. Como já foi comentado, de acordo com o autor não existiria um chiste absolutamente “inocente”, pois a técnica dos chistes já teria dentro de si objetivos de evitar o raciocínio lógico, desviando deliberadamente o pensamento daquele que ouve o chiste.

Por outro lado, Freud apenas dissocia a obtenção de prazer com alguma intenção em situações relacionadas ao universo infantil. Apenas crianças obteriam prazer pelo prazer. Adultos não teriam a capacidade de realizar um chiste absolutamente inocente. Talvez seja – dentro do pensamento freudiano – impossível um adulto ter qualquer atitude absolutamente inocente.

Freud aborda os chistes inocentes a princípio, tenta explicar sobre eles, mas eles acabam sendo deixados de lado em detrimento das análises dos chistes tendenciosos. Os dois primeiros exemplos que o autor apresenta como chistes inocentes são imediatamente reavaliados, que tenta sem sucesso apresentar uma situação onde o chiste seja absolutamente inocente.

“Substituirei esse exemplo por outro extremamente simples e, de fato, não sujeito à objeção, já que me assaltam dúvidas quanto à caracterização do chiste anterior como não tendencioso”. (Pg. 95)

Freud aparentemente utiliza o conceito de “chiste inocente” como recurso para poder analisar o chiste em situação onde não haja nenhuma intenção nele. Mas há certa contradição nisto, já que o chiste pretende resgatar um prazer infantil por um lado. Pelo outro lado, adultos seriam impossibilitados de ter sentimentos – e conseqüentes obtenções de prazer – totalmente desprovidos de intenção. O conceito de “chiste inocente” poderá ser compreendido, portanto, como recurso lógico comparativo, que permita uma distinção entre o chiste “em si” e os objetivos que eles poderiam ter.

“Um chiste não tendencioso dificilmente merece a súbita explosão de riso que torna os chistes tendenciosos assim irresistíveis. Já que ambos os tipos podem ter a mesma técnica, podemos suspeitar de que os chistes tendenciosos, em virtude de seu propósito, devem ter fontes de prazer disponíveis, às quais os chistes inocentes não teriam acesso”. (Pg. 97)

9 - Economia na despesa psíquica

Para que seja possível compreender o que seria o “riso” dentro do contexto desta obra de Freud, é necessário analisar o que ele propõe quando fala sobre “economia de despesa psíquica”.

“Em um grupo desses chistes (jogos de palavras) a técnica consistia em focalizar nossa atitude psíquica ao som da palavra em vez de seu sentido – em fazer com que a apresentação (acústica) da palavra tomasse o lugar de sua significação, tal como determinada por suas relações com as representações das coisas. Pode-se, justificadamente, suspeitar que ao fazer isto estamos operando um grande alívio no trabalho psíquico e que, ao utilizar as palavras seriamente, obrigamo-nos a um certo esforço desse procedimento confortável”. (Pg. 117)

Apesar dos chistes apresentarem uma estrutura lógica truncada, eles não geram desconforto naqueles que os ouvem. Ao contrário, geram - quando bem-sucedidos, obviamente – prazer. Para Freud grande parte deste prazer está no princípio da “redescoberta”, quando algo familiar é resgatado da memória.

O autor cita inclusive outros autores para enfatizar a importância da redescoberta. Freud compartilha com Gross e com Aristóteles a percepção de que o reconhecimento é um dos fundamentos do prazer estético e da alegria.

Freud trabalha de maneira bastante ampla com o conceito de redescoberta, praticamente tratando-o como sinônimo de “rememoração”. Esta redescoberta pode estar relacionada ao resgate dos processos infantis de jogos de palavras, quando não se dispndia tanta energia psíquica para a obtenção de prazer. Por outro lado a redescoberta pode estar

relacionada ao próprio cotidiano, onde o ser humano buscaria prazer ao “recriar” fatos e situações.

“A necessidade sentida pelos homens de derivar prazer de seus processos de pensamento está portanto criando constantemente novos chistes baseados nos novos interesses do dia”. (Pg. 121)

Esta característica pode se exemplificada através das charges políticas e de celebridades nos grandes jornais brasileiros. Ela serve como uma releitura, um contraponto a um dado que está presente na memória das pessoas. Tanto este contraponto é importante que o jornal “A Folha de São Paulo” inclui há muitos anos as charges na mesma página do Editorial, área considerada “nobre” dentro do jornal.

Estas charges, retiradas de seu contexto histórico e social deixam de ter a força que tinham, da mesma maneira que os chistes de Freud. E da mesma maneira, geram prazer, pois *“algo de familiar é redescoberto” (Pg. 118)*.

Além destes fatores há outro, que abrange a redescoberta realizada por aquele que conta um chiste ao ouvir seu interlocutor gargalhar. O prazer inicial que aquele que conta teve não pode ser mais obtido, pois grande parte do que é risível no chiste tem na surpresa seu elemento chave. Sem a surpresa nosso raciocínio lógico já compreende onde se vai chegar, e o prazer proveniente do processo se dilui. Então, quando o contador do chiste, já detentor do conhecimento (do truque, por assim dizer) do funcionamento daquele chiste em especial, conta para seu interlocutor, ao observá-lo gargalhar consegue parcialmente rememorar o prazer obtido.

Há uma correlação entre esta “busca pelo prazer perdido” ao contar o chiste e o próprio chiste em si. De acordo com o pensamento de Freud buscamos resgatar um prazer da infância, e os mecanismos relacionados ao chiste, ao cômico e ao humor estão diretamente relacionados a isto. Eles seriam mecanismos que são criados pelos adultos para obter, nem que seja parcialmente, uma rememoração da obtenção de prazer nos processos psíquicos que tinham quando criança. De acordo com Freud os processos psíquicos infantis geram menor despesa, o que os tornaria mais prazerosos. Com o passar do tempo os adultos gradativamente perdem este prazer primordial e surgem ferramentas de compensação, no caso, o chiste.

De certa maneira o chiste também procede seguindo esta lógica. Ao ouvir um chiste uma pessoa obtém uma descarga de prazer. Porém, ao terminar o chiste, não há mais como rir dele. O elemento surpresa, importante fator, deixou de existir. Quando uma pessoa decide contar um chiste para outra pretende resgatar o prazer que obtivera ao ouvir o chiste, mas nunca este prazer será igual. Paralelamente, é necessário que outra pessoa que não ouviu o chiste participe, o que estimula o contágio.

Há alguns pesquisadores atuais que estudam os Neurônios-espelho (ou células especulares) e sua relação com processos de contágio social, em especial o bocejo e o riso. O termo Contágio Social é utilizado aqui para definir processos de interação primários, onde acontece troca por imitação - mimetismo. Ele valeria tanto para os processos de aprendizagem, onde há internalização e apropriação de algo como para a construção da empatia entre indivíduos.

Os Neurônios-espelho estão espalhados no córtex pré-motor, nos centros de linguagem, empatia e dor. E estão presentes em maior quantidade nos seres humanos do que em macacos.

De acordo com o artigo de David Dobbs – Reflexo Revelado - cuja tradução foi publicada na revista Viver Mente e Cérebro número 161:

“Na sua forma mais básica (a descoberta de que os neurônios-espelho disparam não apenas quando realizamos uma determinada ação, mas também quando observamos alguém realizar essa ação), isso significa que ensaiamos ou imitamos mentalmente toda ação observada, quer seja um salto mortal quer seja um sorriso sutil. Em nível mais profundo, a revelação sugere uma dinâmica biológica para nosso entendimento dos outros, a complexa troca de idéias a que chamamos cultura, e patologias psicossociais que vão da falta de empatia ao autismo”. (Pg. 48 Viver Mente e Cérebro n. 161)

Há aqui uma potencial relação a ser investigada. Com o advento de novas tecnologias no final do século XX será possível observar – e validar ou não – alguns conceitos apresentados por Freud em seu estudo sobre os chistes. As possíveis relações entre os Neurônios-espelho e a economia de despesa psíquica (e sua conseqüente geração de prazer) serão detalhadas e analisadas no terceiro capítulo deste estudo.

10 - Chistes e Sonhos

Freud apresenta uma relação entre a elaboração dos chistes e alguns procedimentos relacionados ao sonho. Para que seja compreensível esta relação o autor apresenta ao leitor uma versão condensada dos conceitos fundamentais de “A Interpretação dos Sonhos”. O primeiro conceito é o do “conteúdo manifesto do sonho”:

“Sabemos de um sonho aquilo que, via de regra, se parece a uma lembrança fragmentária que nos ocorre depois de despertar. Tal lembrança aparece como uma miscelânea de impressões sensoriais, principalmente visuais mas também de outros tipos, que simula uma experiência e à qual podem ser misturados processos do pensamento (o ‘saber’ no sonho) e expressões de afeto. O que, desse modo, recordamos do sonho chamo ‘conteúdo manifesto do sonho’”. (Pg. 151)

De acordo com Freud, este conteúdo geralmente é confuso e absurdo, e mesmo em situações que possa parecer coerente, ainda assim é possível distingui-lo, é perceptível que há algo diferente nele.

O que pode fazer com que ele aparente ser diferente de outros aspectos de nossa vida mental é o fato dele “*ser tornado regularmente inteligível como sendo a transcrição mutilada e alterada das estruturas psíquicas racionais*” (pg.152). Freud denomina-as “*pensamentos oníricos latentes*”.

Todas as referências que obtemos de nossos sonhos – já que não se pode acessá-los diretamente nem saber o conteúdo absoluto deles, apenas através dos conteúdos manifestos – estão de certa maneira com seus significados “soltos”, sem conexões formalizadas. Não há, por assim dizer, uma “leitura” precisa e linear de todos os significados, da seqüência a ser seguida para uma interpretação dos significados de cada conceito e a relação existente entre eles.

Do conteúdo manifesto do sonho, surgem os pensamentos oníricos latentes, fragmentos ou agrupamentos que ainda necessitam ser organizados e relacionados entre si. Muitas partes não se encaixarão, outras partes serão descartadas.

“A comparação do conteúdo manifesto do sonho recordados com os pensamentos oníricos latentes assim descobertos dá a luz o conceito de ‘elaboração onírica’. A elaboração onírica é o nome de toda a soma de processos transformadores que convertem os pensamentos oníricos latentes em sonho manifesto”. (Pg. 152)

Como funcionaria a elaboração onírica? Segundo Freud:

“Uma trama de pensamentos, usualmente muito complicada, elaborada durante o dia, mas incompletamente manipulada – um ‘resíduo diurno’ – continua durante a noite a reter a cota de energia e ‘interesse’ – que reclama, ameaçando perturbar o sono. Este ‘resíduo diurno’ é transformado em sonho pela elaboração onírica”. (Pg. 152)

Será na elaboração onírica que Freud se baseará para relacionar o universo dos sonhos ao dos chistes. Durante o processo da elaboração onírica o material dos pensamentos oníricos passa por uma grande condensação, uma das técnicas dos chistes. O autor comenta que basta que uma pessoa escreva o conteúdo de seu sonho para perceber o quão condensado estão os elementos e significados. Um texto descritivo de um sonho nunca consegue abarcar toda a riqueza de significados que aparentava ter quando se estava sonhando.

Há outras técnicas de chistes que são facilmente associáveis à elaboração onírica, no caso o deslocamento e a representação indireta.

Apesar de Freud alertar que um dos estágios do sonho não pode ser transferido para o chiste – a regressão do curso do pensamento à percepção – os outros dois sim:

“... os outros dois estágios da formação onírica, o mergulho de um pensamento pré-consciente no inconsciente e sua revisão inconsciente, desde que ocorram na formação do chiste, apresentariam o mesmo resultado que pudemos observar nos chistes. Decidamo-nos, então, a adotar a hipótese de que é dessa forma que os chistes são formados na primeira pessoa: um pensamento pré-consciente é abandonado por um momento à revisão do inconsciente e o resultado disso é imediatamente capturado pela percepção consciente”. (Pg. 157)

Apesar de crítica para a compreensão das relações do Chiste com o Inconsciente, toda esta reflexão e suas derivações fogem do escopo desta pesquisa. O processo de imersão do chiste no consciente, pré-consciente e inconsciente e seu trajeto dentro desta formulação proposta por Freud são de altíssima relevância para outros estudos, mas não se formos analisar as bases cognitivas do riso. Não nos aprofundaremos nestes conceitos para evitarmos o risco de fugir de nossos objetivos. Eles constam aqui apenas como referência à obra de Freud e enfatizam a importância dela dentro da obra, mas não deverão ser mais aprofundadas em vista do que acaba de ser comentado.

11 - Chiste, Cômico e Humor

Ao final do livro podemos entender mais claramente o universo a que Freud se refere durante suas pesquisas relacionadas ao Chiste e ao Inconsciente. Apesar de ocuparem relativamente poucas páginas do livro, o autor se dedica ao final de suas reflexões a analisar além do chiste: o humor e o cômico.

Não há dúvida que a obra “Os Chistes” serve aos seus propósitos, e tem como importante vertente de análise o funcionamento dos chistes e sua relação com o inconsciente, como o próprio título indica. É possível até que mesmo nesta linha de estudo o livro tenha sido pouco explorado, já que o papel do “Witz” no processo psicanalítico transborda a questão do chiste. O alívio psíquico em determinadas situações pode ser elemento enriquecedor para o estudo da mente dentro da abordagem freudiana. Há sem dúvida espaço para uma maior apreciação desta obra de Freud, que muitas vezes é relegada a um segundo plano se comparada com outras obras do autor.

Independentemente disto, a obra permite uma abordagem diferenciada, como a que está sendo realizada neste estudo, e que pode perpassar os conceitos fundamentais mas em busca de outros elementos que talvez até fossem secundários para Freud, mas para este estudo se tornam prioritários.

A questão da relação – semelhanças, diferenças e usos – do chiste, do humor e do cômico é extremamente importante aqui. Não por acaso este capítulo começa justamente com as últimas frases do livro. No momento de amarrar seus conceitos Freud apresenta uma visão mais global do processo relativo ao riso e ao risível, numa obra que prima pela visão microscópica de alguns processos – técnicas dos chistes, objetivos, relação com o sonho e com o inconsciente. Mas só no final é dada ao leitor a oportunidade de enxergar o grande contexto que permeia toda a análise do fenômeno “riso”, por assim dizer. No funcionamento do chiste, nas suas técnicas e nos seus objetivos é permitido ao leitor vislumbrar o funcionamento do riso, através das economias e alívios psíquicos. Nos chistes tendenciosos é possível compreender que o chiste é ferramenta importante de relação social, que trabalha com barganhas de prazer e jogos de poder e expressão de sexualidade, frustrada sim, mas sempre sexualidade. Com a relação dos chistes com o Inconsciente é perceptível que, como alguns mecanismos do sonho, as técnicas do chiste permitem um mergulho em estágios inconscientes e pré-conscientes, que podem gerar alívios psíquicos relacionados à questões represadas.

E, ao final, Freud apresenta a composição dos três elementos, que de uma maneira muito simplificada poderiam ser definidos da seguinte maneira:

- O humor – independe de fatores externos, pode acontecer em apenas uma pessoa, ao pensar em algo e obter prazer com algo divertido que lhe vêm à cabeça.
- O cômico – Necessita de pelo menos duas pessoas: aquela que observa e aquele que é observado. É o mesmo conceito que Bergson usa para cômico. E quando rimos de algo e não de alguém é porque este algo remete ao humano.
- O chiste – Três pessoas no mínimo, uma como o objeto do chiste, a outra como a que cria ou conta o chiste e a terceira o ouvinte. Altamente contaminante pelo fato de exaurir a novidade ao ser contada e necessitar de uma nova pessoa que ainda não ouviu para o resgate do prazer original obtido.

Apesar de simplificada, esta é uma possível abordagem das diferenças entre os três elementos que poderá ser muito importante para a compreensão do papel delas dentro da obra de Freud e também compreender a diferença essencial entre os trabalhos e objetos de estudo de Freud e Bergson.

O que a comparação de Freud entre chiste, humor e cômico traz de mais rico é que ela permite entendermos o processo do riso como um todo, quer seja numa situação isolada, num indivíduo, numa situação que envolve duas entidades, que é o caso do cômico e como ferramenta social, quando o riso se torna moeda de troca em articulações entre indivíduos e grupos perante algo ou alguém.

E, como foram colocados anteriormente - e em Bergson vemos elementos disto também – todos estes recursos que são os chistes, o cômico e o humor existem, pois o adulto busca resgatar o prazer descompromissado que obtinha quando criança e que hoje não é possível mais obter.

Encerramos aqui com a mesma citação inicial:

“... a euforia que nos esforçamos por atingir através desses meios (os chistes, o cômico e o humor) nada mais é que um estado de ânimo comum em uma época de nossa vida quando costumávamos operar nosso trabalho psíquico em geral com pequena despesa de energia – estado de ânimo de nossa infância, quando ignorávamos o cômico, éramos incapazes de chistes e não necessitávamos do humor para sentir-nos felizes em nossas vidas”. (pg. 218)

CAP. 3

RISO, EVOLUÇÃO E COGNIÇÃO

Antes de se aprofundar numa ou noutra pesquisa específica da atualidade sobre o riso é importante fazer uma reflexão sobre o objeto estudado em questão: Freud, Bergson e outros tantos pesquisadores estão estudando a mesma coisa? Quando se referem ao “Riso”, estão querendo dizer o quê? O chamado “Riso” seria o mesmo fenômeno em todas as circunstâncias pesquisadas?

O que parece - através da análise dos estudos atuais e dos citados no primeiro e segundo capítulos deste trabalho – é que existem inúmeros fenômenos relacionados ao riso, e distintas abordagens a eles. Sendo assim, nada melhor que expor os diferentes estudos pesquisados e ver se há pontos de aderência entre eles.

Riso, Sorriso, Gargalhar, Riso Social... Muitos termos são utilizados para definir coisas distintas, o que atrapalha um pouco a compreensão de cada um dos fenômenos e mistura muitas vezes coisas que não deveriam ser estudadas juntas.

Como será possível reparar, não se pretende com este estudo a criação de uma “Teoria Unificada do Riso”. O atual estágio das pesquisas sobre o assunto lembra um pouco a situação das várias teorias da Física: Elas funcionam separadamente, mas não necessariamente concordam entre si, ou funcionam quando conectadas umas às outras.

Vamos analisar alguns aspectos que foram associados ao Riso durante a pesquisa.

3.1 - O Prazer

Não há dúvida que o riso está relacionado ao prazer. Freud detalha sistematicamente a relação entre rir e obter prazer. Mas há vários níveis distintos desta obtenção. O riso obtido por quem ouve um chiste é distinto daquele que conta o chiste. Poder-se-ia dizer que muito provavelmente o riso de quem conta um chiste geraria uma quantidade menor de prazer, já que parte dos elementos fundamentais para a obtenção do riso “espontâneo” é suprimida nesta situação. Dentro da visão de Freud, esta seria a leitura provável. Quem conta o chiste já o conhece, e perde o elemento surpresa.

Além disto, há a necessidade de elaborar e organizar na hora de contá-lo. Para conseguir obter o impacto necessário para que o ouvinte obtenha um alto índice de prazer, a situação deve estar sob o controle daquele que conta o chiste. Nada mais chato ou entediante do que uma pessoa que se perde numa narrativa ou esquece-se de detalhes importantes enquanto realiza um chiste. O impacto se dilui, o ouvinte se distrai ou mesmo tenta adivinhar a solução do chiste, o que comprometerá toda a situação e a conseqüente obtenção de prazer resultante da ação por parte do ouvinte.

Não há nenhuma espontaneidade em quem conta um chiste, mas sim controle, ritmo, organização e gerenciamento da situação. Elementos poderão ser inseridos ou suprimidos de acordo com o andamento, a partir da observação das reações do ouvinte. Há,

portanto pelo menos duas modalidades distintas de prazer na relação entre quem está contando e quem está ouvindo um chiste.

O prazer obtido por quem ouve o chiste já foi bastante detalhado no capítulo dedicado a “O Chiste”. Freud chega a comentar o prazer obtido por quem conta o chiste, mas não o faz de maneira aprofundada como quando analisa o prazer de quem ouve.

Uma das possíveis obtenções de prazer citadas por Freud é a que aquele que conta o chiste está em busca de resgatar o prazer original do chiste, fazendo com que outros riem e ele obtenha prazer através do prazer do outro. Ao ver o outro rir do chiste, aquele que conta resgata o prazer que teve quando alguém contou o chiste para ele.

Isto parece bastante razoável, quer seja analisado sob as luzes de Freud e de seus estudos, quer seja analisado sob o ponto de vista neuronal, em especial quando observamos o comportamento das células-espelho.

Vários experimentos, entretanto, mostraram que os neurônios-espelho nos ajudam a compartilhar as experiências de outras pessoas conforme o reflexo delas em suas expressões, proporcionando uma base biológica para a empatia e para o conhecido contágio de bocejos, risadas e de bom – ou mau – humor.

Dobbs, David – Reflexo Revelador – Revista Mente e Cérebro número 161, pg. 50

Ao que parece, do ponto de vista neuronal não há nenhum “altruísmo” em se contar um chiste para outra pessoa. Na verdade, o chiste é um meio de ativar uma obtenção de prazer no outro, mas que, por processo de contágio, acabará afetando aquele que conta o chiste.

Não é um prazer obtido ao gerar prazer: Ao ativar seus próprios neurônios-espelho, vendo outra pessoa rir, o indivíduo gerará em si um processo mimético, similar naquele que ouviu o chiste. Assim, quem faz rir outra pessoa aprendeu recursos de elaboração mental e gerenciamento da situação para a obtenção de prazer. O outro é usado no processo (sem entrar em aspectos morais ou sociológicos do termo “usar”) de obtenção de prazer individual. Como a obtenção de prazer através do chiste depende de alguém contá-lo para que se obtenha o resultado, contar os chistes pode ser um bom caminho para obter prazer sem ter de esperar por alguém que espontaneamente venha e esteja disposto a fazer o indivíduo rir.

Deste ponto de vista, o “fazer rir” se torna uma ferramenta do indivíduo na busca e obtenção por prazer, e isto acaba se fixando como uma característica específica de alguns indivíduos. Não são todas as pessoas que são boas de chistes ou de piadas. Há pessoas que simplesmente não conseguem reproduzir uma piada, ou administrar sua aplicação durante o procedimento. Como foi comentado anteriormente, aplicar uma piada e gerar prazer em outra pessoa através dela é uma habilidade circunscrita a algumas pessoas, não todas. Entre elas estão os comediantes profissionais.

Se por um lado temos indivíduos muito propensos a contar piadas, demonstrando sua habilidade de uma maneira ágil e extremamente eficaz, por outro lado existem pessoas que apresentam déficits intensos em aspectos correlatos ao riso, como a empatia e a capacidade de reconhecimento de expressões faciais e os sentimentos relacionados a eles.

David Dobbs comenta sobre o impacto gerado pela ausência ou mau funcionamento dos neurônios-espelho:

De fato, parece que déficits podem ajudar a explicar dificuldades que vão de reserva excessiva a autismo. A possível falha dos neurônios-espelho no autismo é particularmente intrigante. A causa e até a natureza desse estranho distúrbio escapou de pesquisadores por décadas, deixando-os afetados, assim como suas famílias e responsáveis, com poucas explicações sobre determinados comportamentos e modo de tratá-los. Pesquisas recentes sugerem que um sistema de neurônios-espelho inativos possa explicar as dificuldades profundas com linguagem, aprendizado e empatia, que tanto contribuem para isolar o autista.

Dobbs, David – Reflexo Revelador – Revista Mente e Cérebro número 161, pg. 50

Aparentemente, a capacidade de gerar o riso está relacionada diretamente às habilidades sociais do indivíduo. O riso parece azeitar relações com outras pessoas, fazendo com as relações se tornem mais íntimas, descontraídas e informais, o que acarreta uma maior proximidade entre indivíduos.

É bastante comum comediantes profissionais comentarem que é mais difícil fazer rir do que fazer chorar. Se uma pessoa vai assistir a uma comédia espera minimamente que saia de lá depois de algumas boas gargalhadas. Já no gênero dramático há uma tessitura de emoções maior, de acordo com o grau de empatia e projeção do espectador na história contada/vivida pelos personagens. Há mais opções, nuances e variedades de sentimentos no gênero dramático do que no cômico. Na comédia, a risada é fundamental. No drama, o choro não é fundamental. É possível acompanhar um drama de maneira controlada, analítica e distanciada, mesmo que não seja necessariamente o objetivo daqueles que o criaram. Mas no caso da comédia, este tipo de procedimento invalida as possibilidades de satisfação plenamente. O descontrole e o espasmo da risada são fundamentais neste tipo de espetáculo.

3.1.1 - Predisposição para a risada

Da mesma maneira que podemos dizer que existem pessoas que tem maior predisposição a aplicar chistes nas outras (e que também teriam, neste mesmo sentido, uma maior habilidade em aplicá-los que outras pessoas), também podemos dizer que existem peculiaridades na disponibilidade para ouvir um chiste. Na experiência cotidiana é possível perceber que existem pessoas que aparentam gostar mais ou menos de chistes e tem maior ou menor interesse em ouvi-los. E existem algumas condições para a realização de um bom chiste. Então, o uso do chiste na obtenção de prazer por parte do ouvinte e daquele que o conta depende bastante de fatores externos para o sucesso. Podem ser considerados fatores “sociais”, mas diferentemente da abordagem de Bergson, que entende o riso social como uma “punição”, uma tentativa de ajuste de desvio de conduta.

Entendem-se “fatores sociais” como fatores externos, de contexto, para a realização de um bom chiste. Da mesma maneira que uma pessoa não pode sair flertando

outras pessoas sem observar o contexto, as condições mais propícias para que isto aconteça, o mesmo valerá para um bom chiste. Em um ambiente inóspito, muito provavelmente as chances de ele ser bem sucedido serão pequenas. A própria escolha dos temas passa a ser importante neste momento. Como Freud comenta em “O Chiste...” são necessárias ao menos três entidades para a obtenção do riso: Aquele que conta o chiste, aquele que ouve e um terceiro, que é o ridicularizado em questão. A confusão de temas pode gerar uma mistura do segundo e do terceiro indivíduo, ou seja, se aquele que ouve for incluído no grupo daqueles que estão sendo ridicularizados pelo chiste, a graça em potencial se esvairá e deixará de ser um chiste, podendo ser interpretado cada vez mais como uma ofensa. Em suma, pode-se dizer que não é recomendável contar piadas de chapéus para pessoas que estão usando chapéu.

Para compreender melhor a importância do contexto na piada – entre outros fatores - Richard Wiseman, da Universidade de Hertfordshire, Inglaterra desenvolveu uma pesquisa pela Internet sobre o riso. Seu foco não era especificamente sobre as razões que levam uma pessoa a rir, mas sim se existiam características “universais” do riso, como ele explicita na página de seu site:

- Homens e mulheres têm o mesmo senso de humor? Se não, o que diferencia o humor nos gêneros?
- Pessoas de diferentes culturas riem das mesmas piadas*? Se não, quais as características mais marcantes das piadas em cada cultura?
- Em quais dias e horários as pessoas tendem a estar mais predispostas a rir (através de uma piada?)
- Qual é a piada considerada mais divertida pela maioria das pessoas?

No site www.laughlab.co.uk durante o ano de 2001 os internautas foram estimulados a determinar o grau de risibilidade de inúmeras piadas (também inseridas no site pelos internautas). Ao total foram coletadas mais de quarenta mil piadas, e o site contabilizou mais de um milhão e meio de participações.

Da mesma maneira que a pesquisa auxiliou a estabelecer um ranking de piadas mais ou menos divertidas, foi possível obter outros dados também, como por exemplo, qual a predisposição de determinados povos em relação às piadas. Wiseman concluiu que os alemães tendem a achar as mesmas piadas mais divertidas que pessoas de outros países.

Quando eram alemães que tinham de definir qual a comicidade de uma piada, geralmente eles tendiam a classificar como “mais divertidas” algumas piadas que outros povos não pareciam achar tão divertidas assim.

É interessante notar que este resultado não determina que o povo alemão seja necessariamente mais “divertido” que os outros, ou que tenha um senso de humor mais apurado. Algumas hipóteses podem ser levantadas a partir desta informação:

- Pelo fato da pesquisa ter sido realizada em língua inglesa e os participantes terem todos de saber falar inglês para participar, é possível que exista

um descompasso cultural entre os alemães e a língua na qual a pesquisa foi realizada, gerando um desvio nos resultados

➤ É também possível pensar que, pelo fato da cultura alemã ter características extremamente formais, exista um grau maior de prazer obtido com a piada. Existe uma polaridade maior entre o trato social formal e a descontração do universo informal em que o chiste acontece. Diferentemente da cultura brasileira, por exemplo, que mistura a formalidade com a informalidade, a distância entre um pólo e outro pode fazer com que o prazer obtido com a risada seja maior que em outros povos. Se for considerado o ponto de vista de Freud, a risada extravasaria maior quantidade de energia justamente pela intensa repressão que o indivíduo vivenciaria numa sociedade com maior formalidade no trato social.

Mas estas hipóteses não necessariamente encerram a reflexão sobre as diferenças entre culturas e o papel do riso nelas. O segundo lugar na lista de países que consideraram mais divertidas as piadas da pesquisa é a França, país latino, que não pode ser comparado diretamente à cultura alemã, ou pelo menos no aspecto de formalismo das relações sociais.

Algumas constatações de Wiseman a partir dos resultados da pesquisa:

- Mais de um milhão de pessoas realizaram em torno de um milhão e meio de votos
- Pessoas de cento e três países distintos votaram
- A grande maioria das piadas envolve animais
- A grande maioria acha mais graça nas piadas no final da tarde, nos horários próximos das 18h
- Já durante a madrugada, lá pela uma e meia da manhã as pessoas tendem a achar menos graça nas piadas em geral.
- As pessoas tendem a se achar mais predispostas a rir de piadas na primeira quinzena do mês. Quanto mais próximo do final do mês, menos as pessoas riem das mesmas piadas.

3.1.2 - Piadas ao redor do mundo

Para poder obter uma percepção de onde geograficamente poderiam estar as pessoas que mais riem das piadas, Wiseman analisou os grupos que selecionaram o maior número de piadas como sendo “muito engraçadas”, ponto máximo da escala apresentada aos internautas. Pelos resultados, Wiseman pode deduzir que existe uma tendência regional – e/ou cultural – a achar mais ou menos graça das piadas em geral. Os dez países que mais chamaram a atenção neste ponto foram (nesta ordem):

Alemanha, França, Dinamarca, Reino Unido, Austrália, Irlanda, Bélgica, Estados Unidos, Nova Zelândia, Canadá.

O que se pode depreender desta abordagem – e conseqüentemente dos resultados da pesquisa de Wiseman – é que existiriam culturas mais aptas e/ou mais dispostas a

acharem graça de piadas do que outras. Curiosamente, entre os dez países listados há apenas um país de cultura latina, a França, o que poderia ter duas razões:

- A pesquisa foi divulgada com maior ênfase nos América do Norte e na Europa, o que fez com que a grande maioria dos participantes fosse destas regiões, ou
- Apesar de comumente se ouvir que povos latinos são mais expansivos e bem-humorados, isto não necessariamente seria condição *sine qua non* para a predisposição para rir de piadas.

Pelo fato de não existirem maiores detalhes sobre estes tópicos no site, algumas investigações que seriam interessantes de serem realizadas acabam ficando difíceis de serem feitas. Se fosse possível saber se houve uma participação significativa de povos latinos, será que eles seriam menos predispostos a rir das piadas que outros povos? Isto seria uma informação interessante, já que em primeiro lugar na lista dos países com mais predisposição a rir – segundo a pesquisa – está a Alemanha. A cultura germânica não é comumente conhecida como uma cultura “divertida”, a tendência é que os alemães sejam considerados “sóbrios”, “sérios” e formais. Parece no mínimo ambíguo que um número grande de países de cultura anglo-saxônica apareça nos primeiros lugares de uma pesquisa como esta, quando se trata do quesito “maior disponibilidade para rir de uma piada”, mas não é possível investigar mais com os dados apresentados.

Por outro lado, é interessante notar que existam algumas tendências ou preferências de certas culturas por tipos diferentes de piadas:

Fascinating differences also emerged between nations in terms of the jokes they found funny. People from The Republic of Ireland, the UK, Australia and New Zealand expressed a strong preference for jokes involving word plays, such as:

Patient: “Doctor, I've got a strawberry stuck up my bum.”

Doctor: “I've got some cream for that.”

Americans and Canadians much preferred gags where there was a sense of superiority – either because a person looked stupid, or was made to look stupid by another person, such as:

Texan: “Where are you from?”

Harvard grad: “I come from a place where we do not end our sentences with prepositions.”

Texan: “Okay – where are you from, jackass?”

Finally, many European countries, such as France, Denmark and Belgium, liked jokes that were somewhat surreal, such as:

An Alsatian went to a telegram office, took out a blank form and wrote:

“Woof. Woof. Woof. Woof. Woof. Woof. Woof. Woof. Woof.”

The clerk examined the paper and politely told the dog: “There are only nine words here. You could send another ‘Woof’ for the same price.”

“But,” the dog replied, “that would make no sense at all.”

Richard Wiseman <http://www.laughlab.co.uk/> 2001

Como é possível observar na citação acima, diferentes culturas aparentemente obtêm prazer com diferentes tipos de piada. Assim, seria difícil determinar uma “piada definitiva”, algo que fosse considerado absolutamente risível em todas as épocas e por todas as culturas.

Para que a piada seja risível ela precisa de um contexto, que inevitavelmente está inserido numa linguagem e num momento social e histórico.

De qualquer jeito, o trabalho de Wiseman acabou desembocando em uma votação para definir qual seria a piada que a maioria considera mais divertida. De acordo com a pesquisa, as duas piadas consideradas mais divertidas pela grande maioria dos internautas foram:

Two hunters are out in the woods when one of them collapses. He doesn't seem to be breathing and his eyes are glazed. The other guy whips out his phone and calls the emergency services. He gasps, "My friend is dead! What can I do?" The operator says "Calm down. I can help. First, let's make sure he's dead." There is a silence, then a shot is heard. Back on the phone, the guy says "OK, now what?"

Sherlock Holmes and Dr Watson were going camping. They pitched their tent under the stars and went to sleep. Sometime in the middle of the night Holmes woke Watson up and said: “Watson, look up at the stars, and tell me what you see.”

Watson replied: “I see millions and millions of stars.”

Holmes said: “and what do you deduce from that?”

Watson replied: “Well, if there are millions of stars, and if even a few of those have planets, it's quite likely there are some planets like earth out there. And if there are a few planets like earth out there, there might also be life.”

And Holmes said: “Watson, you idiot, it means that somebody stole our tent.”

Wiseman, David, Laugh Lab – 2001 www.laughlab.co.uk

É importante ressaltar que está sendo feita uma presunção por associação entre o conceito de “Chiste” e o conceito de “Piada”. No primeiro caso, como foi tratado no capítulo dois deste trabalho, o conceito de chiste vai além da piada, e abrange também a chamada “tirada”, que é um fenômeno mais ágil que a piada, mais curto e inserido num contexto distinto. A tirada pode acontecer em situações onde o interlocutor é literalmente pego de surpresa, o que não acontece com a piada. A piada é anunciada, e uma expectativa é construída a partir do momento que ela se inicia. Muito parecido com o fenômeno do teatro, citado anteriormente neste estudo, ela induz um estado específico, há um cenário claro que haverá obtenção de prazer – maior ou menor – ao final dela. Ela está isolada do

contexto, apesar de muitas vezes dialogar com ele. A piada acontece em paralelo ao contexto em que está inserida. Já a tirada subverte o contexto, gera uma peripécia surpreendente que desnorteia o interlocutor, de maneira que o pega desprevenido. Dificilmente uma pessoa começará uma piada sem que seja perceptível que se saiu do contexto e se entrou num universo diferenciado.

3.1.3 - A troca de prazer através do chiste – Um importante subproduto ou o real objetivo?

O ato inicialmente “egoísta” de se obter prazer através do prazer gerado no outro traz um subproduto importante, que é o processo de contaminação do prazer. Uma pessoa que queira obter prazer através da piada só o obterá em duas situações:

- Se alguém vier contar uma piada para ela
- Se ela for capaz de contar uma piada para outra pessoa

Se a pessoa for capaz de contar uma piada, a possibilidade de contaminação, de troca de prazer através dela aumentará exponencialmente, já que é na troca que se obtém prazer, não sozinho. Se ela não for capaz de contar uma piada, dependerá de uma oportunidade em que alguém venha e conte uma para ela, reduzindo bastante a chance de obter uma boa gargalhada.

A piada se torna, assim, uma ferramenta social de troca de prazer. A partir do momento em que só se obtém o prazer induzindo outra pessoa a sentir este prazer, uma situação de troca se configura, e a piada adquire papel social.

Este papel social do riso difere bastante da análise de Bergson a respeito do assunto, em especial pelo fato do foco do autor ser no riso enquanto regulador do comportamento social. A risada, para Bergson, de certa maneira “pune”, trazendo à tona uma atitude inadequada de um determinado indivíduo.

Na verdade, Bergson não entra no mérito desta característica levantada aqui. Podemos diferenciar a reflexão sobre riso e prazer usando a lógica de “rir com alguém”, quando Bergson analisa o “rir de alguém”. Se por um lado a risada tem sim um papel regulador do comportamento social, por outro lado ela funciona através dos processos de troca de prazer entre os indivíduos. O que pode se percebido é que existe uma correlação entre os dois fenômenos, ou mais precisamente, uma triangulação mínima entre três partes para que haja uma situação propícia para a piada se manifestar: Duas pessoas obtendo prazer entre si se referindo a um terceiro elemento, que está sendo ridicularizado, como já comentou Freud.

O raciocínio aqui proposto é analisar o processo de contágio independentemente se alguém está sendo objeto de troça ou não, focando especificamente na relação de troca de prazer entre os elementos envolvidos diretamente. Inclusive pelo fato da terceira pessoa (ou entidade) estar relacionada indiretamente na situação, ela não está presente, mas sim é citada/comentada. Na situação presencial temos apenas duas entidades, se podemos chamar

assim, uma que conta a piada e outra que a ouve. Em algumas situações os ouvintes podem ser vários, mas o papel deles no processo é o mesmo: ser submetido à descarga de prazer gerada pelo riso.

Em suma, o processo de multiplicação do riso se dá – sob este ponto de vista – através da troca de prazer envolvida entre duas pessoas – Uma que é surpreendida e libera uma descarga de energia resultante da supressão de parte da energia que seria utilizada plenamente, e outra, que deliberadamente utiliza recursos de interação (gestos, narrativa, adaptação de parte ou todo o conteúdo, etc.) visando fazer com que a primeira obtenha o maior prazer possível. E ela assim o faz justamente, pois será através do prazer da outra é que obterá o seu próprio prazer.

Há um quê de simulação que merece ser investigado no papel de quem conta piadas, já que ele detém o conhecimento de toda a história, ele é a parte “ativa” do processo, conduzindo o interlocutor na direção que ele considera mais adequada para a obtenção do maior prazer possível.

Aquele que conta piadas manipula seu interlocutor, desvia deliberadamente sua atenção e fixa-a na história, para obter maior impacto e conseqüentemente maior prazer por parte de quem ouve. Assim, é possível imaginar que quanto maior o prazer obtido por quem ouve a piada, maior será também o prazer obtido por quem a conta. Há uma correspondência de intensidade nestes “prazeres”. Se não houvesse, qual seria a razão pela qual existiria tanto esforço por parte de quem conta os chistes? Uma resposta possível seria o altruísmo, mas quando observamos o funcionamento dos neurônios-espelho fica mais claro que o processo mimético de fatores externos provavelmente influencia e muito.

3.2 - O riso é parte do universo dos jogos? Há cumplicidade nos papéis exercidos para sua obtenção?

Aquele que ouve um chiste aceita deliberadamente participar de algo que por um lado aparenta ser um jogo, que também tem algumas semelhanças com as charadas, com as fabulações e com os truques de mágica. Há uma cumplicidade nestes processos. Quando se comenta que há o elemento surpresa na piada, ele não é absolutamente inesperado, ele está dentro de um contexto diferenciado, onde as pessoas envolvidas determinaram querer participar.

Podemos fazer uma correspondência do riso (nesta situação) com o ato de fazer cócegas. Uma criança ri quando seus pais fazem cócegas nela, mas se um estranho fizer o mesmo, ela se assustará e ficará com medo.

É bastante comum encontrar referências associando o riso ao elemento surpresa, ao inesperado. Através deste fator o interlocutor seria surpreendido, e surgiria o riso. De certa maneira este raciocínio é equivocado, ou pouco preciso para compreender este “elemento-surpresa”. A surpresa só acontece dentro de um contexto bastante restrito, onde há um acordo tácito entre as duas partes. Quem é surpreendida, por assim dizer, é a linha de raciocínio, a fabulação mental, dentro de uma situação onde ambas as partes concordaram em surpreender uma à outra, numa troca consentida.

É importante notar que o riso analisado aqui é o riso dentro da situação da piada, já que para que ela aconteça é necessário um contexto específico, que apesar de não ser o

mesmo que o ato de jogar, traz muitas semelhanças se pensarmos que ambos fogem da “seriedade”, como observa Huizinga, no livro *Homo Ludens*:

É lícito dizer que o jogo é a não-seriedade, mas esta afirmação, além do fato de nos dizer quanto às características positivas do jogo, é extremamente fácil de refutar. Caso pretendamos passar de “o jogo é a não-seriedade” para “o jogo não é sério”, imediatamente o contraste tornar-se-á impossível, pois certas formas de jogo podem ser extraordinariamente sérias. Além disso, é fácil designar várias outras categorias fundamentais que também são abrangidas pela categoria da não-seriedade, e não apresentam qualquer relação com o jogo. O riso, por exemplo, está de certo modo em oposição à seriedade, sem de maneira alguma estar diretamente ligado ao jogo. Os jogos infantis, o futebol e o xadrez são executados dentro da mais profunda seriedade, não se verificando nos jogadores a menor tendência para o riso.

Huizinga, Johan, Homo Ludens, pg. 8

Se por um lado o riso e o jogo são opostos à seriedade sem necessariamente fazerem parte de um mesmo grande grupo de fenômenos, ainda sim eles têm alguns pontos em comum.

Em especial o fato de que a os indivíduos envolvidos (diretamente) precisam estar predispostos a participar do processo. Isto será fundamental para a obtenção dos resultados, quer seja no jogo ou numa situação de contar piadas.

Huizinga, ao tratar do jogo, usa o termo “voluntário”, para designar a postura das pessoas perante o lúdico. Não se joga, não se brinca sem ser de maneira voluntária. O mesmo vale para a piada, é necessária uma postura voluntária para que haja uma troca consistente de prazer. Quem conta e quem ouve precisam se dispor voluntariamente a realizar esta troca de prazer que é obtida através do riso.

Antes de mais nada o jogo é uma atividade voluntária. Sujeito a ordens, deixa de ser jogo, podendo ser no máximo uma imitação forçada.

Huizinga, Johan, Homo Ludens, pg. 10

O jogo e a piada têm características em comum, apesar de serem pouco comparáveis em outros sentidos. O riso não é lúdico, na acepção de Huizinga, mas em ambos a atitude dos participantes está embasada no voluntariado. As pessoas participam de jogos (físicos e mentais) e também contam e ouvem piadas de maneira voluntária. Elas deliberadamente entram num estado diferenciado de atenção, que não é “sério”, por assim dizer, mas quem contém regras específicas de seus participantes e um tipo de resultado esperado para cada um.

3.3 - A Felicidade e o Riso

Há a questão da Felicidade. Dificilmente se dissocia o Riso dela, parece natural que andem juntos. Mas é recomendável que seja feita uma análise para definir se realmente o Riso e a Felicidade estão conectados ou são, de alguma maneira aparentados.

Um dos pontos aparentes de contato entre estes dois fenômenos é a sensação de bem-estar. As pessoas riem e se sentem felizes quando estão bem. Pessoas doentes ou amarguradas geralmente não riem, e tampouco se sentem felizes. O mesmo vale para depressivos, desanimados, fragilizados. Mas de onde viria este sentimento de bem-estar? Da saúde, do conforto financeiro, da plenitude de uma vida individual e coletiva? A definição se torna vaga, o que contraria o senso comum. Há inclusive ditados, como “o dinheiro não traz felicidade”, e outros que buscam indicar uma força interior que talvez determine uma maior ou menor sensação de bem-estar das e/ou nas pessoas.

É possível ser feliz em situações que poderiam ser consideradas precárias para outras pessoas, o que traz uma questão importante: o grau de felicidade obtido não está relacionado necessariamente ao contexto em que a pessoa está inserida. Algumas religiões buscam este estado de bem-estar como um meio para atingir uma “iluminação” espiritual aliada a um sentimento de plenitude perante a vida.

Há outro ponto de concordância entre o riso e a felicidade que é o caráter não perene, pontual destes fenômenos. Não é possível imaginar uma pessoa que ria o tempo inteiro, como também não é possível alguém feliz o tempo inteiro. Felicidade absoluta ou riso intermitente sugerem descontrole e alienação. Mesmo que algumas religiões e estilos de vida, em especial os relacionados ao consumo material, preguem uma felicidade intermitente, ela é passageira, volátil e oscilante. Como o riso.

O riso é ainda mais breve que a felicidade, pois é episódico e contextualizado. Já o estado de felicidade (enquanto sensação de bem-estar consigo próprio e/ou com o entorno) pode ter oscilações, mas pode ter duração maior que os poucos segundos que duram uma boa gargalhada.

Apesar de podermos listar muitas relações ou pontos em comum entre a Felicidade e o Riso, existem diferenças estruturais importantes entre eles. Se por um lado ambos podem estar associados principalmente em relação ao prazer – compreendido como uma sensação agradável e espontânea, por outro lado a maneira como este prazer é obtido é substancialmente diferente.

Eduardo Punset, em seu livro “Viagem para a Felicidade”, detalha um pouco mais o funcionamento da Felicidade. Segundo ele, Felicidade e Stress são dois lados da mesma moeda do sistema de motivação e recompensa de nossos cérebros. Da mesma maneira que o Stress é deflagrado muitas vezes como consequência da antecipação de um determinado sofrimento ou problema, aumentando à medida que ele vai sendo elaborado nas circunvoluções de nossa mente diante do assunto, a Felicidade funcionaria de maneira oposta: Na expectativa do prazer que será gerado.

Diferentemente de Steven Pinker, que no seu livro *Tabula Rasa* usa uma divertida e popular definição de felicidade (“Felicidade é o intervalo de tempo entre seu chefe avisar que você recebeu um aumento de 5% em seu salário até você descobrir que todos seus colegas receberam um aumento de 10%”), Punset embasa seu raciocínio no sistema de motivação e recompensa presente em vários animais – inclusive os seres humanos:

As atividades vitais (como comer ou copular) ou as expressões artísticas ativam um circuito especializado de neurônios que produzem e regulam a sensação de prazer. Esses neurônios situam-se acima do tronco encefálico, na área ventral tegumentar. Dali, utilizando axônios, os neurônios transmitem suas mensagens às células nervosas situadas no núcleo accumbens. É essa a anatomia do circuito neuronal do chamado sistema de motivação e recompensa.

Punset, Eduardo - Viagem para a Felicidade – pg. 181

Pelo fato do riso e da felicidade expressarem euforia e sensação de bem-estar, muitas vezes as pessoas confundem Rir com Sorrir. Numa observação empírica é possível constatar que as origens e as sensações de cada um deles são diferentes. Principalmente se formos separar o riso do sorriso.

Da mesma maneira que existem pessoas que estudam o riso existem outras que estudam o sorriso e suas variações. Há vários tipos de sorriso, que vão de sorrisos espontâneos a sorrisos sociais, utilizados na interação com outros indivíduos.

Algumas pesquisas atuais sugerem que o riso surge como um substituto ao sorriso no processo evolutivo. O sorriso teria sido um código de identificação de amizade, mas como o ser humano acabou aprendendo a simular o sorriso espontâneo através dos sorrisos sociais, o riso passou a ser utilizado como referência de amizade/proximidade, justamente pelo fato de ser mais difícil de simular.

Mais do que isto, os sorrisos e risadas sociais hoje constituem um grupo à parte de fenômenos, que Robert Provine estuda (ver logo abaixo, em O Riso Social).

O psicólogo Dacher Keltner, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, analisou numa pesquisa milhares de faces sorridentes e concluiu que existem dois tipos de sorriso. Nem sempre é fácil de identificá-los. Um deles revela que a pessoa realmente está achando graça em algo ou demonstrando felicidade. O outro mostra que ela apenas se esforça para parecer simpática. Enquanto a risada é involuntária, alguns músculos para sorrir podem ser controlados.

Você é o humor que você tem, Revista Veja número 1982, pg. 118.

O sorriso tem proximidade com o riso, mas não tem a mesma explosão nem a mesma intensidade. O sorriso espontâneo vem geralmente da fruição de uma situação vivida ou de um sentimento lembrado.

O que há por trás daquele sorriso forçado que transpira falsidade? O neurologista francês Guillaume Duchenne descobriu a resposta para esta questão há mais de um século. Em seu livro “The Mechanisms of Human Facial Expressions, Duchenne registrou, fotograficamente, o uso de eletrodos para contrair os músculos da face de um indivíduo (na verdade, um velho que sofria de anestesia facial completa). Ele percebeu que, ao contrário daqueles sorrisos falsos que envolvem apenas músculos da boca, um sorriso que expressa felicidade genuína produz contrações em volta dos olhos. O sorriso do tipo “tenha um bom dia”, falso, que contrai só a boca, foi chamado “sorriso Duchenne”, em homenagem a seu descobridor. O sorriso Duchenne faz com que estiquemos os

lábios para os lados, sem um franzimento dos lábios para cima e sem rugas ao redor dos olhos. O sorriso Duchenne não é aprendido: faz parte de nosso repertório inato de enganar. Até mesmo os bebês reservam o sorriso genuíno para as suas mães e abrem um sorriso Duchenne para agradar estranhos.

David Livingstone Smith – Por que mentimos – os fundamentos biológicos e psicológicos da mentira Pg. 57

3.4 - O Riso Social

3.4.1 - Riso e Humor

Robert Provine, pesquisador do riso, estuda uma vertente específica dele – seu papel social na sobrevivência de indivíduos dentro de grupos hierarquizados.

O que este pesquisador descobriu é que em grande parte das vezes em que os seres humanos riem, não há relação com o humor, mas sim com a captura de aliados hierarquicamente superiores.

Em seus estudos, Provine deparou com uma situação interessante:

"A maioria dos diálogos pré-risadas", concluiu o professor Provine em seu livro "Laughter" [Riso], de 2000, "é parecida com o daquela interminável comédia de televisão escrita por um redator extremamente mal-dotado."

Ele descobriu que a maioria dos oradores, especialmente as mulheres, ria mais que seus ouvintes, usando o riso como pontuação em suas frases. É em grande parte um processo involuntário. As pessoas podem conscientemente reprimir o riso, mas poucas conseguem fingir rir de maneira convincente. "O riso é um sinal social honesto, porque é difícil de fingir", diz Provine. "Estamos lidando com algo poderoso, antigo e cru. É uma espécie de fóssil comportamental que mostra as raízes que todos os seres humanos, talvez todos os mamíferos, têm em comum."

A risada humana evoluiu do som rítmico feito pelos primatas como chimpanzés quando tocam uns aos outros em brincadeiras. Jaak Panksepp, um neurocientista e psicólogo da Universidade Estadual de Washington, descobriu que os ratos emitem um chiado ultra-sônico (inaudível para os seres humanos sem equipamento especial) quando são coçados, e gostam tanto da sensação que continuam voltando para receber mais cócegas.

Ele e Provine imaginam que a primeira piada primata - isto é, o primeiro ato que produziu um riso sem contato físico - foi a cócega fingida, do mesmo tipo que emocionam os pais quando eles mexem os dedos diante do bebê.

Panksepp acredita que o cérebro tem antigas conexões que produzem riso para que os animais jovens aprendam a brincar entre si. O riso estimula os circuitos de euforia no cérebro e também tranqüiliza os outros animais de que eles estão brincando, e não lutando. "O riso primata evoluiu como um dispositivo de sinalização para salientar a disposição para a interação amigável", diz Panksepp.

"Animais sociais sofisticados como os mamíferos precisam de um mecanismo emocionalmente positivo para ajudar a criar cérebros sociais e a inserir eficazmente os organismos no tecido social."

Tierney, John - What's So Funny? Well, Maybe Nothing- Artigo publicado no New York Times, 13 de março de 2007
 (http://www.nytimes.com/2007/03/13/science/13tier.html?_r=1)

Esta linha de pesquisa traz informações que contradizem algumas que vimos em Freud e em Bergson.

Em Freud, há uma importância na elaboração do chiste ou da piada. Ele precisa ter uma série de características para gerar a descarga de riso ao seu final. O que Provine apresenta vai em outra direção, já que o “para quem” a piada ou o chiste é contado é mais relevante do que sua formulação estrutural. De acordo com Provine, a tendência é de que riam mais da piada sem graça contada pelo chefe do que da incrível tirada realizada pelo faxineiro. E não está se falando no caso do sorriso social aqui no caso. Levine estuda o riso espontâneo, o que só vem a fortalecer a percepção do importante papel do riso como ferramenta social, ou gesto social. Mas este gesto social não é o de Bergson, não pune, e sim articula e conecta, gera maior proximidade e contato, fortalece relações.

As pesquisas de Provine simultaneamente invalidariam dois pilares importantes de Freud e de Bergson, apesar de, como foi comentado no começo, separadamente todas pareçam fazer sentido.

Apesar dos trinta anos aparentemente sólidos de pesquisa de Provine não podemos fechar um quadro através dos resultados de suas pesquisas e simplesmente descartar o que foi elaborado por Freud ou por Bergson.

Não podemos dizer que estas teorias sejam excludentes, pois talvez retratem fenômenos correlatos, irmãos, semelhantes, mas não exatamente o mesmo. Ainda não temos definições que permitam unificar todas estas teorias numa só.

3.4.2 - Riso: A Evolução do *Grooming*?

Grooming é o gesto social dos grandes primatas e de alguns macacos de coçarem uns aos outros. Poderia ser considerado uma variação do cafuné humano. Babuínos, gorilas, chimpanzés e bonobos realizam, cada um de uma maneira diferente. O impacto de um indivíduo participar do *grooming* de maneira mais ou menos ativa e em quem ele realizará vai determinar uma série de conseqüências dentro do grupo. Animais mais propensos a praticar o *grooming* tendem a obter privilégios que os que não o praticam não têm. Nos

chimpanzés, machos que realizam *grooming* tendem a receber maiores e melhores partes da comida nas partilhas, mesmo que eles não sejam o macho alfa. O mesmo acontece com os bonobos.

Os machos que vivem em condições apinhadas fazem mais grooming nas fêmeas, e vice-versa. O grooming tem efeito tranquilizador: os batimentos cardíacos dos macacos diminuem quando lhes fazem grooming. As fêmeas reagem de modo diferente. As fêmeas Rhesus têm um forte senso de pertencer a uma matrilinea. Como esses grupos competem entre si, a aglomeração induz ao atrito. Mas não é só a agressão entre matrilineas que aumenta. Como seria de esperar, intensifica-se também o grooming. Isso significa que as fêmeas empenham-se muito em prevenir tensões fazendo grooming fora de suas matrilineas. Em consequência, o efeito da aglomeração sobre os macacos é muito menos notável do que se poderia pensar.

Frans de Waal, Eu, Primata, pg 207

Primatas e macacos são animais sociais, e desenvolveram ferramentas de relacionamento e convivência em grupos. O *grooming* é uma das mais interessantes, pois praticamente todos componentes do grupo realizam uns nos outros. O grau e a quantidade de carícias realizadas pelo indivíduo têm impacto na posição hierárquica dele no grupo e na dinâmica do grupo como um todo. Mesmo que o indivíduo não tenha uma posição hierarquicamente superior, muitos benefícios ele poderá obter ao realizar o *grooming*: Alianças estratégicas e prioridade no recebimento de comida são dois bons exemplos identificados naqueles que fazem carícias nos outros indivíduos.

Em nosso projeto, medimos o grooming entre os chimpanzés de manhã e comparamos com a alimentação à tarde. Um grande número de observações permitiu-nos relacionar o êxito na obtenção de comida com o grooming feito anteriormente. Quando Socko fazia grooming em May, por exemplo, suas chances de ganhar alguns ramos aumentavam consideravelmente em comparação com os dias em que não lhe fizera grooming. Esse nosso trabalho foi o primeiro estudo sobre animais a demonstrar estatisticamente a troca de favores após o intervalo de várias horas. Além disso, as trocas se davam em parceiros específicos, ou seja, a tolerância de May beneficiava especificamente Socko, que lhe fizera grooming, e não outros.

Frans de Waal, Eu, Primata, pg 245

Há, obviamente, muita variedade entre as diferentes dinâmicas sociais dos macacos e primatas. Como os bonobos são matriarcais, um bom relacionamento (fazer *grooming*) em fêmeas de alta hierarquia gerará uma oportunidade boa – para machos e fêmeas – na hora de repartir a comida ou mesmo na realização de tarefas comuns ao grupo. O que vale em todos os casos é que quem realiza o *grooming* sistematicamente e com um grande número de componentes do grupo consegue uma melhor posição do que aqueles que não o realizam.

Há no *grooming* uma característica inequívoca de geração de prazer através de um gesto social. Os primatas obtêm benefícios em suas comunidades através deste gesto. Há também, no ato de gerar o riso, um processo de troca semelhante.

Existem algumas pesquisas disponíveis sobre se os animais riem ou não. Pesquisadores buscam detectar no comportamento de alguns mamíferos – em especial podemos citar cachorros e chimpanzés (pesquisar referência) – a capacidade de rir. No caso de cachorros, a vocalização de alguns tipos de latidos poderiam ser sinais de que eles riem da mesma maneira que os humanos.

Patrícia Simonet, pesquisadora do Sierra Nevada College de Lake Tahoe, descobriu vibrações específicas durante os latidos dos cachorros que poderiam corresponder ao que consideramos uma risada:

Amid all the panting, a dog at play makes a distinctive, breathy exhalation that can trigger playfulness in other dogs, says a Nevada researcher. Yes, it might be the dog version of a laugh.

"To an untrained human ear, it sounds much like a pant, 'hhuh, hhuh,'" says Patricia Simonet of Sierra Nevada College in Lake Tahoe. However, this exhalation bursts into a broader range of frequencies than does regular dog panting, Simonet discovered when she and her students analyzed recordings.

They observed the bursts during play but not in aggressive clashes, Simonet reported in Corvallis, Ore., last week at a meeting of the Animal Behavior Society.

S. Milius, Don't look now, but is that dog laughing? Science News, 2001 (http://www.sciencenews.org/view/generic/id/1847/title/Dont_look_now,_but_is_that_dog_laughing%3F)

Ainda existem pontos a serem investigados, de acordo com Patrícia Simonet, mas para pesquisadores com o ouvido treinado e conhecedores dos animais, é perceptível que algo de diferente acontece em determinados latidos de cães e guinchos de ratos de laboratório.

Muito provavelmente esta atividade está relacionada, de acordo com os pesquisadores, ao sistema de motivação e recompensa.

Já os chimpanzés apresentam tipos de vocalização e guinchos muito próximos dos que poderíamos considerar o som de uma “risada”. Curiosamente eles apresentam este tipo de “risada” em situações que poderiam ser consideradas de “escárnio”, o que aproximaria o fenômeno do “riso social” de Bergson. O chimpanzé aparentemente ri de situações heterodoxas de seus semelhantes. Não seria absurdo pensar na mesma metáfora do homem que cai no buraco e o outro ri para este caso. Apenas seria necessário transpor o cenário para um grupo de chimpanzés, um deles cai no buraco, os outros riem.

Obviamente, a transposição não é tão simples assim. Inclusive pelo fato de que os “risos” observados geralmente são em cativeiro, e poderia acontecer um caso de mimetismo ou simbiose cultural, onde os chimpanzés imitariam o comportamento humano justamente pelo fato de conviverem muito com seus treinadores/observadores.

Também é importante notar que se formos comparar o processo do ponto de vista mecânico, funcional, muitos outros animais podem parecer que estão rindo quando abrem a boca e emitem ruídos. A similaridade mecânica do processo não garante que a função seja a mesma. Observar a mecânica do gesto e esquecer o contexto/ funcionalidade em que ele acontece pode nos levar a falsas conclusões, pois mesmo que eles aparentem ser semelhantes não significa que tenham a mesma função ou a mesma razão de ser.

3.5 - Riso e Sedução

No caso da questão de gênero, é possível dizer que há diferenças entre homens e mulheres quando se trata de piadas? Uma reflexão bastante instigante de Christopher Hitchens pode criar um caminho interessante entre o ato de contar piadas, fazer humor e a relação entre homens e mulheres.

Em seu artigo para a revista *Vanity Fair* de 2007 (traduzido e publicado na Folha de São Paulo de 8 de março de 2007 - o link indica o original, em inglês - <http://www.vanityfair.com/culture/features/2007/01/hitchens200701>), Hitchens propõe que a geração do humor está diretamente ligada ao universo masculino, que usa este recurso como estratégia em relação às mulheres.

Primeiramente o autor levanta uma questão em seu artigo: Como homens descrevem as mulheres que conhecem e como as mulheres descrevem os homens? De acordo com Hitchens, as mulheres freqüentemente descrevem os homens usando como referência o senso de humor deles, sendo que dificilmente um homem faria isto quando fosse descrever uma mulher. Não há uma reciprocidade entre os gêneros quando os atributos do sexo oposto são apresentados, visando qualificar ou desqualificar o outro:

Mas eis uma coisa que você jamais vai ouvir da boca de um amigo homem que está elogiando os encantos de sua conquista (mulher) mais recente: “Ela é um doce de coco, tem vida própria [pausa para enumeração de atributos que não são de sua conta] e, cara, ela me faz rolar de tanto rir.

Christopher Hitchens, Vanity Fair, Janeiro de 2007.

Segundo Hitchens, o senso de humor é fundamental na personalidade de um homem. Fazer rir sua companhia é mais importante do que seus atributos físicos e outros traços de perfil.

E o homem que souber fazer sua companhia rir obterá maior chance de sucesso numa relação do que aquele que não for capaz de fazer chistes ou contar piadas.

Por outro lado, Hitchens, como bom polemista que é, apresenta resultados de uma pesquisa da Escola de Medicina da Universidade de Stanford semelhante à de Wiseman, mas focada especificamente na questão de gênero no riso.

Foram apresentadas 70 charges para dez homens e dez mulheres, e os pesquisadores pediram que eles e elas atribuíssem notas, de acordo com uma “escala de graça”.

Os pesquisadores constataram que homens e mulheres compartilham boa parte do mesmo sistema de reação ao humor; ambos utilizam em grau semelhante a parte do cérebro responsável pelo conhecimento e a justaposição semânticos e a parte envolvida no processamento da linguagem. Mas constataram que algumas regiões cerebrais eram mais ativadas nas mulheres. Estas partes incluíram o córtex pré-frontal esquerdo, o que sugere uma ênfase maior no processamento de linguagem e executivo entre as mulheres, e o 'nucleus accumbens'... que faz parte do centro de recompensas do mesolímbico.

Christopher Hitchens, Vanity Fair, Janeiro de 2007.

De acordo com a pesquisa – e com Hitchens – existiriam diferenças entre o humor masculino e o feminino. Os homens tendem a apreciar a piada na expectativa da recompensa de prazer obtida no final da anedota, o que não aconteceria da mesma maneira entre as mulheres.

O articulista observa que o número de profissionais comediantes do sexo masculino é maioria absoluta. Existiriam poucas mulheres comediantes, em boa parte pelo fato dos homens terem maior facilidade em rir de qualquer coisa, por mais obtusa que ela seja, e pelo fato deles usarem a ferramenta do riso – criar anedotas e chistes – com mais frequência, pois sabem que ela pode ser importante na sedução do sexo oposto.

Mesmo as mulheres comediantes, segundo Hitchens, teriam características específicas: São mulheres lésbicas, obesas ou judias, “ou então um misto das três coisas”, de acordo com o autor. Seriam mulheres “diferenciadas”, que aprenderam de certa maneira o humor masculino e o aplicariam em seu trabalho. Lésbicas teriam o “conhecimento de causa” de compreender o humor na arte da conquista. Judias teriam impregnadas em si a questão cultural dos judeus, que possuem um humor extremamente ácido em relação à própria cultura judaica, o que seria – segundo o autor – uma consequência da inteligência dos judeus. As obesas teriam aprendido a se posicionar no contexto social através de sua exclusão pelo fato de serem pouco atraentes de acordo com o código vigente de nossa sociedade, onde o belo – e consequentemente o atraente – são magros e esguios. Assim, algumas mulheres obesas, ao serem rejeitadas, buscariam uma nova maneira de obter um status social utilizando justamente o recurso masculino do humor para se posicionarem e obterem prestígio.

Como é perceptível notar, o articulista pretende suscitar polêmica com seu texto. A começar pelo local onde ele foi publicado, uma revista com foco específico no público feminino. O próprio título original – *Why Women aren't funny* – numa tradução livre “Por que as mulheres não são engraçadas”. Muitas leitoras e articulistas das revistas se sentiram incitadas a entrarem no debate, mas muitas delas aparentemente não pretendiam analisar o que Hitchens pretende analisar, mas sim gerar um contraponto à questão de gênero, política e poder, muito em voga na sociedade atual. Como se o artigo pretendesse apresentar uma inferioridade das mulheres em algum quesito, o que com certeza incomodou as feministas de plantão.

O que Hitchens pretende discutir com seu artigo - além de polemizar e gerar visibilidade, o que é provado pela escolha de um título provocativo e de certa maneira um

chiste que algumas leitoras não compreenderam – é que homens e mulheres se relacionam com o humor de maneira diferenciada, e em alguns casos, complementar.

Se por um lado Hitchens propõe que o homem use o recurso do chiste e da piada para a obtenção da atenção da mulher, e ao fazê-la rir consiga se aproximar da fêmea num processo de cortejo, por outro lado ele avalia que outro aspecto de humor esteja presente nas relações entre homens e mulheres: a evidente posição inferior do homem se comparado com a mulher, pelo fato dela ser capaz de gerar vida e o homem não. Assim, o humor seria utilizado para questionar a superioridade das mulheres pelos homens.

Por outro lado, o artigo de Hitchens também apresenta a questão do humor como recurso de contestação de autoridade:

Os homens se sentem intimidados, para não dizer aterrorizados, pela capacidade das mulheres de gerar bebês. Ela confere às mulheres uma autoridade impossível de ser contestada. E uma das primeiras origens do humor que conhecemos diz respeito a seu papel em zombar da autoridade. A própria ironia já foi descrita como a “glória dos escravos”.

Christopher Hitchens, in Vanity Fair, Janeiro de 2007.

Geoffrey Miller, pesquisador sênior no Centre for Economic Learning and social Evolution no University College, em Londres, também desenvolve raciocínio semelhante a partir de suas pesquisas. Em seu trabalho, ele observa a importância do bom senso de humor em jovens solteiros: A capacidade de gerar o riso seria um indicador de criatividade, de inteligência, energia, juventude e de comportamento imprevisível.

Quando se trata de apaixonar-se, há muitas evidências de que nós nos importamos muito com a inteligência, a amabilidade, a criatividade e o senso de humor. Enquanto os animais focam basicamente a aparência física e um ritual de cortejo simples, estamos interessados também nos pensamentos e sentimentos do nosso parceiro. É por isso que a seleção sexual gerou os pensamentos e sentimentos humanos. Preocupa-nos muito, por exemplo, se alguém é interessante para conversar. A maioria do cortejo humano é verbal, e eu calculo que os amantes trocam, em média, cerca de 1 milhão de palavras antes de manter relações sexuais que acabem em gravidez. Isso deu à seleção sexual enorme poder para formar a linguagem humana e qualquer outro meio para expressar emoções.

Geoffrey Miller, Revista Super Interessante, Ed. 181 Out. de 2002

3.6 - A descoberta do neurônio-espelho

Uma pequena revolução aconteceu no estudo do riso a partir das pesquisas com ressonância magnética: Nos últimos quinze anos foi possível compreender quais eram as ativações neuronais e as atividades cerebrais que aconteciam quando uma pessoa ri. Mais do que isto, foi descoberto um tipo específico de neurônio, o neurônio-espelho.

Este tipo de neurônio atua especificamente em algumas situações, como diz Steven Rose:

Na verdade, o cérebro é especificamente adaptado para essa abertura social; por exemplo, existe uma classe de neurônios (“neurônios espelho”) que disparam em particular quando um indivíduo imita as ações dos outros, e os que são afinados com o registro das emoções e intenções dos outros, ou ao inferir atenção a partir da ação.

Steven Rose – O Cérebro do Século XXI, pg 185

Descobriu-se posteriormente que o neurônio-espelho está envolvido diretamente em muitas questões em nosso cérebro, tais como:

➤ **O processamento da linguagem** – A área de Broca – crítica para o processamento da linguagem - é uma das regiões do cérebro onde mais são encontrados neurônios-espelho.

➤ **Bocejar** – O bocejo é - diferentemente do que a maioria das pessoas acha – uma forma de oxigenar o cérebro e conseqüentemente, acordar. O bocejo é contagioso, em algumas situações, basta apresentar um texto com a palavra Bocejo escrita para que algumas pessoas comecem a bocejar. E ele serve para equalizar o grupo, já que quando um indivíduo boceja os outros tendem a bocejar, e voltar a resgatar a atenção perdida, deixando-os no mesmo estado de vigília.

➤ **Empatia** – Quando um indivíduo observa outro (quer seja real quer seja num filme, por exemplo) e se identifica com seus sentimentos, ele utiliza os neurônios-espelho para processar esta atividade em seu cérebro.

➤ **Identificar sinais faciais e intenções por trás dos gestos** – É possível entender os sutis sinais faciais através dos neurônios-espelho, tanto como o que provavelmente a pessoa à nossa frente pretende com determinados atos. Curiosamente, o número de neurônios-espelho é muito menor em autistas, e alguns pesquisadores acreditam que isto possa estar relacionado com a falta de interesse que eles apresentam perante outros indivíduos ou situações que exijam inteligência social.

A descoberta deste tipo especial de neurônio aconteceu quase que por acaso. Durante a preparação de um macaco rhesus para outra pesquisa, um pesquisador entrou no laboratório tomando um sorvete, e os eletrodos identificaram um movimento semelhante do macaco, como se ele também tomasse sorvete, porém ele se mantinha parado. Havia atividade cerebral de movimento, mas ela não era correspondida por nenhum gesto do macaco.

Os pesquisadores, liderados por Giacomo Rizzolatti, um neurocientista da Universidade de Parma, havia notado anteriormente o mesmo fenômeno com

amendoins. As mesmas células cerebrais se queimavam quando o macaco via humanos ou outros macacos levarem amendoins à boca que quando ele mesmo o fazia.

Mais tarde os cientistas descobriram células que queimavam quando o macaco abria um amendoim ou escutava o amendoim ser quebrado. O mesmo com bananas, uvas passas e todo tipo de objetos.

“Levou diversos anos para que acreditássemos no que víamos”, disse Rizzolatti em uma entrevista recente. O cérebro do macaco contém uma classe especial de células chamadas neurônios espelho, que queimam quando o animal vê ou ouve uma ação ou realiza a mesma ação.

Mas se a descoberta, publicada em 1996, surpreendeu a maioria dos cientistas, uma pesquisa mais recente os deixou pasmos. Descobriu-se que os humanos têm neurônios espelho muito mais inteligentes, mais flexíveis e mais altamente desenvolvidas do que aquelas encontradas nos macacos, um fato que os cientistas afirmam refletir a evolução das habilidades sociais sofisticadas da raça humana.

O cérebro humano tem sistemas de neurônios espelho múltiplos que se especializam em realizar e entender não apenas as ações dos outros, mas suas intenções, o significado social de seu comportamento e suas emoções.

Rede Psi - Células que lêem mentes: um novo olhar através dos neurônios espelho

12/01/2006 | Assunto: Ciência

Desde esta descoberta casual o estudo dos neurônios-espelho ampliou-se muito. Como é possível ver na lista logo acima, eles estão presentes em muitas atividades relacionadas às nossas habilidades sociais e de relacionamento em grupo, incluindo aí o riso.

Isto só vem a fortalecer ainda mais as relações do riso com as habilidades humanas desenvolvidas para a convivência social. E vale para os primatas e macacos também. Ainda não existem indícios de neurônios-espelho em outros animais que vivem em grupos, mas não pode ser descartada a possibilidade da existência deles.

Há, evidentemente, certo deslumbramento acadêmico com a descoberta, como acontece de vez em quando na ciência. Os neurônios-espelho não são, de maneira nenhuma, a chave absoluta para a compreensão das relações sociais do ser humano e tudo que se relaciona a linguagem, comportamento social, relações etc. Mas aparentemente não há dúvida que eles estão envolvidos numa série de processos que pareciam, até há pouco tempo atrás, distantes entre si. Fenômenos muito primitivos como o bocejo, e talvez o riso – de acordo com Provine – são processados através de uma mesma estrutura ativada ao sermos empáticos, ao observarmos feições humanas, ao tentarmos descobrir os sentimentos por trás dos gestos e até quando imitamos e aprendemos. Estas habilidades, que vão do indivíduo para o grupo, em busca das conexões com outros e da compreensão do contexto

em que está inserido, incluem o riso, a risada: gestos sociais espontâneos gerados e geradores de prazer, com alto poder de contaminação. Se muitas vezes se ouve falar da carga genética e predisposição hereditária com um tom de fatalismo, o fato de sermos predispostos a rir uns com os outros não pode ser considerado de todo mal...

3.7 - Conclusão

Este estudo permite avaliarmos a evolução do estudo do riso a partir das análises de Bergson e Freud. Bergson nos traz uma observação fundamental para a compreensão deste fenômeno: Ele é social, está relacionado à atividade humana em grupos, e vai além do indivíduo, conceito que está em sintonia com as atuais pesquisas relacionadas aos neurônios-espelho. Mas o que Bergson entender como um gesto social que corrige, orienta e de certa maneira reprime o indivíduo, o que se vê na pesquisa neuronal é o contrário: O riso conecta, gera adesão, mimetismo e processo de aprendizado, como se o ser humano tivesse uma estrutura neuronal específica para o convívio em sociedade.

Esta adesão se for considerado o raciocínio de Hitchens e Miller, serviria para o homem se aproximar da mulher visando o acasalamento. Miller comenta que a linguagem é indissociável do processo reprodutivo humano, já que um macho humano usaria aproximadamente um milhão de palavras com uma fêmea até conseguir fecundá-la. Assim, recursos relacionados à empatia e ao riso seriam fundamentais visando gerar maior eficácia neste processo, acelerando o flerte, o cortejo e o acasalamento.

Hitchens também analisa o comportamento do macho como se ele se sentisse inferiorizado pelo fato da fêmea poder gerar filhos e ele não. Daí usar o riso como ferramenta para gerar um equilíbrio na situação, já que a mulher estaria definitivamente numa posição superior por isto. Apesar de ter pouco conhecimento da teoria completa de Freud, me parece que Hitchens se alinha numa vertente freudiana quando propõe isto.

A descoberta do neurônio-espelho ajuda bastante a compreender o aspecto social do riso, questão tão importante para Bergson.

Por outro lado, Freud investiga de maneira muito precisa a questão do prazer, de como o prazer está presente no riso e dos mecanismos mentais para que isto aconteça. O prazer, observado em Freud, têm uma grande aderência com os mecanismos de contágio social que acontecem através dos neurônios-espelho. É como se fosse a peça que faltava para enxergarmos um pouco melhor o fenômeno do riso: Contágio, Social, Prazer. Com estes elementos é possível compreender melhor o funcionamento e a funcionalidade do riso.

Apesar disto, como já foi comentado antes, não se tem como objetivo deste trabalho gerar uma teoria unificada do riso. Na verdade, no estágio atual de pesquisas, o que se pode notar é que existem diversas ramificações de estudos de muitos fenômenos semelhantes, que por vezes são confundidos entre si.

Espera-se que com este estudo elementos que estavam dispersos possam de alguma maneira serem observados juntos, permitindo uma visão ampla do riso e de quais seriam suas características quando estudadas por Bergson e Freud e na atualidade, com

novos estudos vindo de neurocientistas, primatólogos e estudiosos do comportamento humano.

Alessandro Bender

Março de 2009

Bibliografia

ALBERTI, V. **O riso e o risível: na história do pensamento.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002

BACHOROWSKI, J. **Emotions: Current Issues and Future Development.** New York: Guilford Press, 2002

BERGSON, H. **O Riso Ensaio sobre a Significação da Comicidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Blog Fotos e Grafias (<http://ellidha.multiply.com/journal/item/22>)

BOTTOM, A. **Desejo de Status.** Rio de Janeiro: Rocco, 2005

CARELLI, G. **Você é o humor que você tem.** São Paulo: Abril - Revista Veja edição 1982 pg. 117, 2006

DAMÁSIO, A. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004

DAMÁSIO, A. **The feeling of what happens: body and emotion in the making.** San Diego: Harcourt Inc., 1999

Dicionário Houaiss Online - <http://houaiss.uol.com.br>

DOBBS, D. **Reflexo Revelador** - Revista Viver Mente & Cérebro 61. São Paulo, Duetto Editorial, 2006

FREUD, S. **Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente.** Rio de Janeiro: Imago, 1996

GLEISER, M. **Sobre o riso.** São Paulo: Caderno Mais, pg. 9, Folha de São Paulo, 2008

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional,** Rio de Janeiro: Objetiva, 1995

HITCHENS, C. **Homem quer mulher como platéia,** São Paulo: Folha de São Paulo, caderno Ilustrada, pg. 4, 8 de março de 2007

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**, São Paulo: Perspectiva, 1990

MARX, G. **Groucho e Eu**. São Paulo: Marco Zero, 1991

MILLER, G. **A mente seletiva – Como a escolha sexual influenciou a evolução da natureza humana**. Rio de Janeiro: Campus, 2006

PROVINE, R. **A big mystery: Why do we laugh?** MSNBC Interactive, <http://www.msnbc.msn.com/id/3077386/>, 1999

PROVINE, R. **Laughter**, American Scientist 84. 1 (Jan-Feb, 1996): 38-47.

© Sigma Xi, The Scientific Research Society, 1996

PUNSET, E. **Viagem para a felicidade: As novas descobertas da ciência**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007

REDEPSI. **Células que lêem mentes: um novo olhar através dos neurônios espelho**

12/01/2006

<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/news/article.php?storyid=2194>

ROSE, S. **O cérebro do século XXI: Como entender, manipular e desenvolver a mente**. São Paulo: Globo, 2006

SMITH, D.L. **Por que mentimos: Os fundamentos biológicos e psicológicos da mentira**, Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2006

TEIXEIRA, J.F. **Filosofia da Mente – Neurociência, Cognição e Comportamento**. São Carlos: Claraluz, 2005.

WAAL, F. **Eu, primata: por que somos como somos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007